Breves reflexões sobre a dialectologia galega1

Anna Maria Nolasco de Macêdo

UFBa

Resumo

Estudo das principais características da língua galega. Breve introdução sobre a formação do território e dos espaços lingüísticos galegos e das suas manifestações literárias. Os traços da língua padrão e as variedades diatópicas estabelecidas segundo o *Atlas da Língua Galega (ALga)*. Exemplos de fenômenos de interferência lingüística resultante do bilingüismo galego/castelhano.

Situada no noroeste da Península Ibérica, a Galícia tem sua configuração geográfica bem delimitada. Ao norte e a oeste, o oceano Atlântico, ao sul, Portugal, e a leste, as províncias de Asturias, León e Zamora.

Como nos ensina o festejado D.Ramón Villares, em sua obra A História2, o conhecimento dos primeiros povoadores desse território e dos diferentes elementos raciais que compõem a etnia galega é tarefa difícil, pela escassez de vestígios, quer antropológicos, quer arqueológicos e, também, pela imprecisão dos testemunhos literários que a esse respeito dão notícia. Contudo, foram as informações procedentes de autores gregos e romanos, as que durante muitos anos identificaram os estrimnios [strymnios] como os primeiros povoadores da Galícia. O poema de Rufo Festo Avieno, intitulado Ode marítima, composto no século IV d.C., mas baseado em relatos de longas viagens marítimas feitas no século VI a.C., alude aos loca et arva strymnios habitantibus, descrevendo a estas gentes como homens fortes e destemidos, comerciantes e amantes da navegação, que sulcavam o mar em barcos de couro. Esta população estrimnia, que teria adotado a construção de dolmens, o uso do ouro, do estanho e do cobre, seria desalojada de seu território por uma invasão de 'serpentes', os saefes, denominação literária da chegada dos celtas. Ocorre, entretanto, que essa descrição da povoação pré-histórica de Galícia é muito imprecisa e por demais genérica.

¹ Trabalho inspirado nas aulas dos V e VI Cursos de Verão de Língua e Cultura Galegas para estrangeiros, nível Superior, Santiago de Compostela, Espanha, 1992/1993, ministrados, entre outros, pelos Professores: F. Fernández Rei; Henrique Monteagudo; Gonzalo Navazza; M. C. Noia Campos; Carme Hermida e Xexus Alonso Monteiro.

² VILLARES, Ramón. A história - Galícia. Vigo: Galaxia, 1988.

Cerca de 138 a.C., quando os romanos, que chamavam de *gallos* os celtas em geral, fizeram as primeiras incursões ao território mais ocidental da Ibéria, que estava ocupado por *callaici, astures* e *cantabro*, depois denominado Hispânia Ulterior, depararam-se com um povo constituído pela miscigenação havida entre tribos célticas e ibéricas — conjunto chamado celtibérico —, que resistiram à penetração em seu território. Vale lembrar que a incorporação da Galícia ao Império Romano só ocorreu, de fato, numa data seródia, em 25-26 a.C., ao tempo de Augusto, mas, mesmo assim, poderíamos dizer que isso nunca aconteceu de um modo completo, pois conseguiu fusionar, com êxito, muitas de suas instituições sociais e culturais com aqueles modelos procedentes duma cultura superior, como a romana.

Fruto imediato dessa conquista será a criação de três cidades que levaram o nome de Augusto: *Bracara Augusta* (Braga), *Asturica Augusta* (Astorga) e *Lucus Augusti* (Lugo). Serão essas cidades que constituirão o triângulo básico da Galícia romana, que servirá de berço para o idioma galego (e conseqüentemente para o português também). Nessa região, florescerão os principais núcleos urbanos, capitais dos seus respectivos *conventus*. Esses conventos tinham um papel administrativo, um papel religioso, de estímulo ao culto do imperador, e obviamente um papel jurídico, ao servirem de centro de administração da justiça, a um nível inferior ao da província. Constituíam uma realidade civil frente ao caráter militar dos distritos, sendo a sua missão última procurar uma noção de unidade dentro dum povoamento muito disperso como era o galaico.

Fator decisivo nesta organização do território será também a rede de rotas traçadas depois da conquista, com fins militares, inicialmente, e de intercâmbio comercial, posteriormente. Assim, depois de três séculos de dominação romana, nem toda a *Gallaecia* apresentava um mesmo aspecto: o convento bracarense aparecerá como o mais desenvolvido e o mais relacionado com Roma; o asturicense centrado na inclinação mineira e o lucense, mais atrasado. Esta situação, de certa forma, prolonga a desigualdade que já encontraram os romanos.

A romanização é, obviamente, um processo complexo, que envolve variados enfoques, mas, no que se refere à língua latina, esta, com o tempo, é progressivamente implantada na *Gallaecia*, sobretudo a partir de Braga e Astúrica, o que dá a medida da sua importância. As próprias tradições e valores indígenas adquirem história através do latim, pois há uma convergência entre o dinamismo local e as contribuições exteriores. Assim, os autóctones são capazes de expressar na língua romana uns valores próprios que sem esta não teriam sido história.

Desde o século IX, a língua falada no extremo noroeste da Península

Ibérica estava tão diferenciada do latim, que podemos considerar a existência de duas línguas: latim e galego. O latim escrito e o "romance", oral.

Não aparecerão textos escritos em galego até finais do século XII, já que o latim continuava a ser a língua de cultura dos documentos legais, da liturgia, do ensino, não só na *Gallaecia*, senão em toda a Europa medieval.

O documento literário mais antigo em galego, dos conhecidos hoje, é a cantiga satírica, espécie de panfleto político, *Ora faz ost'o senhor de Navarra* de Xohán Soares de Paiva, escrita cerca de 1200.

Do início do século XII datam os primeiros documentos não literários em galego, mas apropriadamente dizendo, em galego-português, posto que até meados do século XIV as duas línguas formarão um tronco comum, que são a *Notícia do Torto* (1211) e o *Testamento de D. Afonso II* de Portugal (1214), mostra da prosa tabeliônica medieval.

A Galícia constituíu, desde o século VII, uma unidade política com os reinos de Asturias e León. Neste contexto, o galego é a língua exclusiva no uso oral, com uma competência mingüante do latim na escrita. Há de ser a pressão desse monolingüismo oral o que levará o galego, no século XIII, a começar a realizar-se como língua escrita, numa situação de cooficialidade entre o galego e o latim nos documentos notariais, editos, pleitos etc., ainda que o latim continue a possuir o *status* de língua universal de cultura.

O fato de que a lingua galega — nos primeiros tempos galego-portugueses, repita-se — alcance a sua etapa de máximo esplendor literário na Idade Média não se pode desligar das peregrinações jacobéas. O Caminho de Santiago foi um dos mais importantes elementos de união da Galícia com outras culturas, e não só isso, mas também lhe outorgou um posto chave na Europa cristã medieval.

O apogeu da peregrinação corresponde aos séculos imediatos ao início do milênio, quando se reconstrói a cidade de Compostela, depois de sua destruição, quase total, pela incursão de Almanzór, no último terço do século X. Resultou decisiva na promoção das peregrinações a instituição do Ano Santo Jacobeu, no século XII, por parte do Papa Calisto II e pelo seu sucessor Alexandre III, por meio da *Bula Regis Aeterni*. Esta bula outorgava a graça do jubileu a quem visitasse o sarcófago apostólico nos anos em que o dia 25 de julho coincidisse com um domingo.

O "Caminho" constituíu-se, pois, no eixo principal de comunicação do Norte peninsular e Compostela converteu-se num grande núcleo urbano, com maior força no século XIII, quando a Galícia atinge o teto da sua expansão.

No que diz respeito à lírica, Santiago de Compostela exerceu o papel de aglutinante entre uma arte popular autóctone e uma tradição culta que

procedia da Occitânia. Jograis de distintos lugares, especialmente franceses e occitanos, percorreram o "Caminho", já no século XII. A língua galega não foi alheia à presença estrangeira e enriqueceu-se com empréstimos do francês e notadamente do provençal. É neste momento que o galego atinge o estatuto de língua internacional, já que está presente tanto em autores (franceses, portugueses, castelhanos, occitanos, sicilianos etc., como em cortes reais e senhoriais: Santiago, Toledo, Coimbra, Lisboa...). É quando se introduzem palavras como trobar, frade, forasteiro etc.

Em comparação com a lírica, a prosa medieval em galego é escassa e tardia. Ainda assim, a partir de fins do século XIII e, mais significativamente, nos séculos XIV e XV, os temas de maior difusão na Europa medieval recolhem-se em língua galega. Exemplos são os relatos do ciclo bretão em torno da figura do rei Artur; os textos referentes à história e destruição de Tróia, como a *História Troiana* e a *Crônica Troiana*; e os *Milagres de Santiago*, conjunto de relatos que contam desde a destruição de Jerusalém até a milagrosa intervenção do apóstolo em diferentes situações. Incluem-se alguns textos dentro da prosa, que são traduções ou translações doutras línguas com elaboração própria: *Crônica Geral Galega*, *Estória Geral, Crônica Galega* de 1404 e *Crônica de Santa Maria de Iria*.

Galícia está unida a Castela desde 1230 e pode-se dizer que é dessa região que parte a luta de reconquista contra os mouros.

Ao final da etapa medieval — séculos XIV-XV — a mais gloriosa das letras galegas, o idioma e a literatura entram num período de decadência.

Os reis católicos inauguram a Espanha moderna — monarquia absoluta — e a nobreza galega é silenciada. A política real provoca fome, miséria, emigração, alienação e desgaleguização: são os séculos escuros para a Galícia. Contudo, o galego continua a ser a via normal de comunicação da quase totalidade da população. O exclusivo uso oral, naturalmente, levou à dialetalização e à fragmentação do idioma. Além disso, criou em seus usuários a falsa idéia do galego haver se tornado uma língua inferior (como se isso fosse possível), desprezível, sinônimo de pobreza e opressão, incapacitada, por aliterária, para a ciência e a cultura.

A partir da época renascentista, enquanto outras línguas românicas se vêem fortalecidas e estandardizadas como línguas de um estado, o galego perde toda relação com a cultura escrita e vai ficando relegado ao uso oral, nos âmbitos rural e familiar, pois, apesar de ser a língua falada pela maioria da população galega, a minoria castelhana falante é a que detém o poder econômico, político e cultural do país.

Se politicamente a Galícia estava já submetida a Castela, no âmbito

eclesiástico os mosteiros beneditinos e cistercienses vão depender também de congregações castelhanas. Isto tem importância no processo castelanizador da Galícia, posto que o aparato escolar dependia da Igreja, e esta usava o castelhano — ao lado do latim — para educar na religião a uma população galego-falante.

A literatura galega ficou, pois, à margem do Renascimento e do Barroco, coincidindo esta sua etapa mais escura com o Século de Ouro da literatura castelhana.

Não podemos esquecer, entretanto, que sobrevive a veia lírica popular, em forma de cantigas de ninar, de cego, entroidos, de advinhas, lendas, romances, contos, farsas etc. Muitos deles, mais ou menos fragmentados ou transformados e adaptados à civilização moderna, sobrevivem até hoje, por transmissão oral.

Ao final deste período, no século XVIII, surgem algumas vozes que se ocupam do estudo e da defesa da língua galega. O Padre Feijó (1676-1764) defende que o galego não é um dialeto e sim uma língua tão válida como o castelhano; Diego A. Cernadas de Castro, "o cura de Fruíme" (1698-1777) emprega o galego na sua obra poética, e o Padre Sarmiento e o Padre Sobreira (1745-1805) empreendem sérios trabalhos de investigação lexicológica. Especial importância tem o primeiro destes últimos, Frei Martín Sarmiento (1695-1772), apaixonado defensor da língua galega, que denunciou a injusta discriminação lingüística e propugnou o uso do galego no ensino e que, em obras como Onomástico etimológico de la lengua gallega, Colección de voces y frases gallegas, Sobre el origen de la lengua gallega ou Catálogo de voces y frases de la lengua gallega, não só marca o início dos estudos de lingüística galega, como é um precursor — com quase um século de antecipação — da lingüística românica moderna.

Neste período dos "séculos escuros", consolidaram-se os mais importantes traços lingüísticos que caracterizam o galego atual:

No **vocalismo** já não existem as vogais nasalizadas e generalizam-se os ditongos característicos do galego moderno.

No **consonantismo** consolida-se o novo sistema galego derivado das sibilantes medievais: desaparecem as antigas africadas /2/e /\$/ (representadas na época medieval como Z a primeira e C ou C a segunda), que darão lugar ao novo fonema interdental $/\theta/e$ (inexistente no português). As sonoras /z/e/2/e ensurdecem e passam a /s/e/2/e, respectivamente, diferente do português, que mantém a oposição:

Galego moderno	Sistema medieval	Português moderno
/θ/(cabeza, cocer)	/S/(cabeça)	/s/(cabe ç a,pa ss o)
ETTIMBLE	/Z/(cozer)	/z/(cozer, rosa)
/s/(pa s o, ro s a)	/S/(pa ss o)	- Walshot Tana Free
	/Z/(ro s a)	
/š/(baixo, axuda,	/š/(bai x o)	/š/(bai x o)
xente)	/ž/(g ente, a j uda)	/ž/(g ente, a j uda)

Nesta época, o fonema consonântico /Ĉ// (grafia *ch*) mantém-se em galego como africado, igual como hoje, enquanto no português apresenta-se como pré-palatal fricativo surdo /š/.

Na morfologia e na sintaxe também se consolidam nesta época do galego os traços mais característicos da língua atual, como por exemplo, a distinção *te/che* como pronomes de acusativo e dativo respectivamente; a generalização da terminação *-che*(s) para a segunda pessoa dos perfeitos, chamados fortes, fazendo-se gerais os perfeitos fortes em *-o*; a conservação da terminação *-des* para a segunda pessoa do plural para os verbos (frente ao português que perde o *-d-* intervocálico: *cantades/cantais*).

Numa palavra, consolidam-se nessa época todos os fenômenos próprios do galego, alguns dos quais já haviam começado a se manifestar no final do período medieval.

Convém salientar que a língua oral apresenta diferentes variedades de distribuição geográfica, mas, apesar disso, existe um galego comum ou standard, que é a única língua própria da comunicação escrita, dos registros cultos, dos usos formais e dos meios de comunicação. O standard é pois uma variedade convencional, resultado dum processo de codificação ou normatização da língua.

Na Idade Média, existia uma só língua românica no ocidente da Península Ibérica, nascida da evolução do latim da *Gallaecia*, que tinha em *Bracara Augusta* (a atual Braga, em território português) um dos principais focos latinizadores. É, pois, desta língua medieval galego-portuguesa que procedem o galego e o português modernos.

Para compreender o galego e o português como dois idiomas diferentes não poderemos ter em conta exclusivamente critérios estritamente lingüísticos. É inegável que existem diferenças lingüísticas entre os atuais galego e português, mas também há muitas afinidades, especialmente com o português setentrional de Portugal.

Os modernos estudos para a delimitação de línguas e de variedades lingüísticas estabelecem as noções de língua por distanciamento e de língua por elaboração. Denomina-se língua por distanciamento o sistema lingüístico que possui uma estrutura suficientemente individualizada que lhe permite ser considerado como um idioma independente. Assim, por exemplo, o sardo, apesar da sua escassíssima tradição como língua literária escrita, possui tal personalidade lingüística que não pode ser considerado uma variante do italiano nem de nenhuma outra língua românica. O galego e o português, dadas as suas afinidades, no entanto, não podem ser consideradas duas línguas diferentes atendendo somente à noção de línguas por distanciamento. Temos que recorrer à noção de línguas por elaboração.

Uma língua por elaboração é a que se individualiza frente às outras variedades do seu mesmo tronco lingüístico graças a uma tradição, uma codificação, certas condições sociolingüísticas e um status legal diferentes. Assim, o galego e o português são duas variedades do velho tronco medieval comum, que passaram a constituir duas línguas independentes por elaboração, cada uma delas com seu *standard* diferenciado. O português conta com vários séculos de codificação, de uso oficial e de apoio legal, enquanto que o galego ressurgiu com seu uso literário no século XIX e possui uma codificação e uma proteção legal muito recentes, iniciadas, mais precisamente, através da Lei nº-3/1983, de 15 de junho, de Normalização Lingüística.

O material do *ALGa* — *Atlas da Língua Galega*, recolhido e elaborado pelo *ILGa* — Instituto da Língua Galega, da Universidade de Santiago de Compostela, permite dividir todo o território de fala galega em três grandes blocos lingüísticos, (vide mapas 1 a 4, anexos).

Os blocos ocidental e oriental apresentam muitos traços comuns nas suas falas, razão pela qual bem se poderia dizer que formam duas grandes macroáreas lingüísticas, uma atlântica ou ocidental e outra oriental. O bloco central, que em linhas gerais é onde melhor se aprecia o galego comum, é um amplo corredor com poucos fenômenos exclusivos, mas onde se findam muitas das inovações ou das soluções arcaicas dos outros blocos.

Quanto ao território lingüístico do galego — que não tem correspondência com o político, saliente-se —, este compreende a atual Galicia administrativa e as comarcas fronteiriças da chamada *franja exterior*, formada pela região de Terra Navia-Eo, do ocidente de Astúrias, os Ancares e o Bierzo ocidental de León e mais a zona *zamorana* de Entre-as-Portelas.

Os principais traços lingüísticos que permitem delimitar a *fronteira* oriental do galego são:

- por um lado, a inexistência do ditongo em formas como *pedra*, *dez*, *porta*, *ovo* frente às formas ditongadas próprias dos falares asturianos e leoneses vizinhos (*piedra*; *diez*; *puerta*; *huevo*);
- por outro, o desaparecimento do-n- latino intervocálico (lúa, ra, chao) face sua manutenção nos falares do galego (lluna, rana, chano), com importantes repercussões morfológicas (galego oriental canciois 'cancións', teis 'tes' frente ao asturiano e ao leonês canciones, tienes).

De acordo, portanto, com as isoglossas destes fenômenos, a fronteira oriental do galego, em Astúrias, começa além do rio Navia.

Na parte litorânea, não há uma fronteira rígida entre o galego e as falas asturianas, mas em direção ao interior várias cadeias de montanhas estabelecem uma clara separação lingüística e cultural no extremo ocidental de Asturias.

No Bierzo, o limite aproximado do galego pode situar-se na divisória dos rios Cúa e Sil, para logo, em direção sul, coincidirem, praticamente, os limites administrativos de Ourense e León com os limites lingüísticos entre o galego e o leonês.

Em Zamora, têm o galego como língua própria os quatro *concelhos* existentes entre a Portela da Canda e a do Padornelo.

No que diz respeito à fronteira aproximada entre o galego e o português, verifica-se a existência de uma linha que segue o curso do rio Minho desde a sua foz entre A Guarda e Caminha até um pouco acima do Melgaço, que dobra para o sul seguindo a fronteira política entre Galícia e Portugal, entre o Lindoso e a Portela do Home, de onde dobra para o leste seguindo a fronteira na raia seca entre Ourense e Trás-os-Montes. A linha termina em Zamora, seguindo praticamente a fronteira política entre Espanha e Portugal.

A totalidade das falas galegas e das portuguesas setentrionais apresentam traços comuns, especialmente na fonética. No plano do léxico, muitos conceitos expressam-se com termos latinos ou visigodos no galego e no português setentrional, enquanto que no centro e no sul de Portugal isso ocorre com o uso de termos árabes.

A fronteira meridional do galego com o português setentrional pode ser estabelecida, baseando-se nas isoglossas dos seguintes fenômenos:

- vocalismo oral galego / vocalismo nasal português: (cans~cas~cais / cães); (irmán, irmao / irmão); (rosa, hoxe, xente / rosa, hoje, gente);
- · gheada galega / ausência de gheada ao sul do Minho: (amigho / amigo);

. sibilantes galegas / \int / (prepalatal), / \hat{s} / (apical), / θ / (interdental), todas elas surdas, em confronto com um sistema português com sibilantes surdas e sonoras e onde não existe a interdental galega.

Cumpre ter em conta que os falares portugueses minhotos e trasmontanos são a continuação natural do galego meridional: neles, no português comum, registram-se fenômenos lingüísticos caracterizadores do galego.

Na fonética:

· inexistência de labiodental *v* e do fonema africado *ch*, conservação do ditongo *ou* (*vaca*, *chave*, *cantou*);

No léxico:

· a manutenção de palavras de origem latina ou germânica próprias do galego, frente a inovações léxicas — muitas vezes arabismos — caracterizadoras do português centro-meridional. É o caso de termos como soro (do queijo) ou segar do galego e do norte de Portugal, substituídos por almece e ceifar.

O uso do galego

De acordo com os dados do *IGE* - Instituto Galego de Estatísticas, referente ao ano de 1991, dos aproximadamente 2.800.000 habitantes da Galícia administrativa, 91% entende o galego; 84% sabe-o falar; 47% pode lê-lo; e 33% pode escrevê-lo. Quanto ao uso, expressam-se sempre em galego 48% da população, enquanto que 38% afirma ser bilingüe, ao alternar o uso do galego e do castelhano.

Vale salientar que nas comarcas fronteiriças do limite político da Galícia vivem mais de 70.000 pessoas (aproximadamente 50.000 na Terra Navia-Eo, 20.000 nos Ancares e Bierzo ocidental e 2.500 nas Portelas), onde os habitantes galegos-falantes estão totalmente desprotegidos legalmente, sem os direitos lingüísticos dos seus vizinhos da Galícia administrativa, pois nos Estatutos de Autonomia de Asturias (1981) e de Castela-León (1983) não se reconheceu a existência de uma minoria de língua galega, nem tampouco há tal reconhecimento na Lei reguladora da Comarca do Bierzo (1991).

À parte das variedades geográficas ou diatópicas e das variedades sociais, compreendendo o galego popular (empregado pela maioria dos galegos-falantes, com inúmeros desvios da língua *standard*) e o galego culto, encontramos na Galícia quatro tipos de variedades lingüísticas básicas, em consequência do bilingüismo galego-castelhano:

- 1) GALEGO STANDARD; 2) GALEGO POPULAR;
- 3) CASTELHANO STANDARD; 4) CASTELHANO DIALETAL/REGIONAL

Assim, as variedades sócio-culturais de cada língua vêm definidas pelas suas características formais intrínsecas e pelo âmbito sócio-cultural ao qual se associa o seu emprego.

Existe, além disso, uma série de variedades muito instáveis, nas quais não se encontra nenhum grupo social concreto, correspondentes aos diferentes graus de interferência lingüística entre galego e castelhano, e que podemos resumir em duas:

- a) a resultante da tentativa de expressar-se em castelhano por parte de indivíduos ou grupos aculturados instalados no galego dialetal;
- b) aquela provocada pela interferência extrema do castelhano sobre o galego;

que recebem, respectivamente, as denominações populares de *castrapo* e *chapurrado*.

Castrapo e chapurrado são variedades sumamente instáveis, de transição entre o galego e o castelhano. A primeira, sobretudo, aparece quando um galego falante sem instrução pretende falar castelhano. A segunda, aparece em usuários do galego popular, especialmente influídos pelo castelhano. Surgem principalmente nos âmbitos sociais nos que a desgaleguização é mais intensa e recente: as classes baixas sem instrução dos meios urbanos e semi-urbanos e as classes médias do meio rural.

Para finalizar, gostaríamos de apresentar alguns exemplos de fenômenos de interferência lingüística do galego no castelhano e vice-versa.

Interferência do galego no castelhano

Na fonética e nos traços supra-segmentais são freqüentes os fenômenos de interferência. Assim, a entoação própria do galego, especialmente nas interrogações. No vocalismo, ocorre o uso de vogais de grau médio (e,o) abertas e fechadas, segundo padrões alheios à fonética castelhana. No consonantismo, acontece o uso do /n/ velar do galego, onde o castelhano standar apresenta um som alveolar, em contextos de fonética sintática: un animal® unhanimal; con aquella® conhaquella.

Além disso, em falantes de variedades populares galegas com *gheada* e seseo, esses fenômenos costumam passar para o castelhano, o primeiro deles podendo dar origem a "*gueada*".

Na **morfologia**, o mais afetado pelas interferências do galego é o sistema verbal do castelhano, com ausência de formas compostas e uso de perífrases próprias do galego e inexistentes no castelhano:[que dijiste?];[aún no llegara]; [no odoy acabado, hubo de morir].

Quanto ao léxico, em geral o vocabulário galego é sentido como mais

"expressivo" que o castelhano, e por isso é preferido a este, em certos contextos. Os campos semânticos mais afetados são, naturalmente, os relativos à vida familiar e doméstica, à infância e às atividades infantis, à caracterização física ou psicológica das pessoas, aos animais e plantas mais característicos do país, aos alimentos e bebidas mais típicos e comuns e, em geral, àquele relacionado com a vida rural e os trabalhos tradicionais do campo e ao mar e à cultura com eles relacionada.

castelhano contaminado

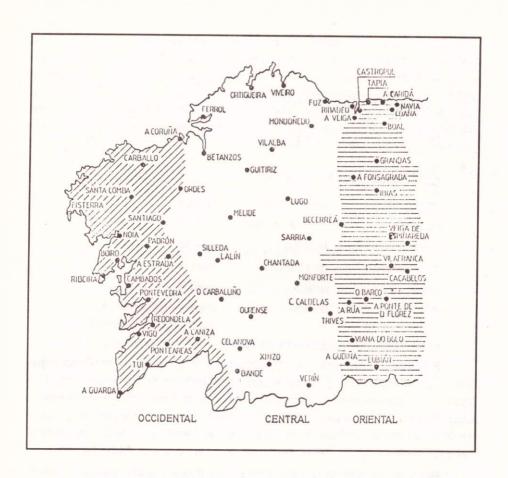
pelo galego	castelhano	galego
cobertor	colcha, manta	cobertor
queso	barbilla	queixo
pan <i>reseso</i>	pan <i>duro</i>	pan reseso
colo	regazo	colo
tojo	aulaga	toxo

Interferência do castelhano no galego

Entre as interferências morfossintáticas do castelhano, próprias especialmente do galego daqueles que têm o castelhano como língua materna, pode-se destacar a alteração do gênero, como, por exemplo, a sal, a leite, o auga (galego: o sal, o leite, a auga; castelhano: la sal; la leche; el auga) e aquelas de formas verbais como por exemplo: anduven, supen, había feito (galego: andei, souben, fixera; castelhano: anduve, supe, había hecho).

Além disso podemos citar o emprego proclítico do pronome átono, como por exemplo: Ilo digo, te chamei, em lugar de dígollo, chameite (castelhano: se lo digo, te Ilamé/te, he Ilamado).

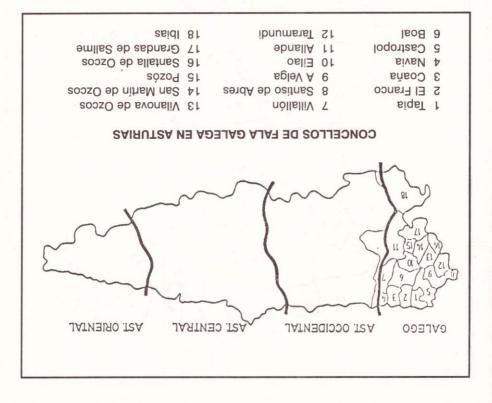
É preciso dizer que a recente dignificação da língua galega, pela normalização do seu uso como *língua* oficial da Galícia, e a sua normal difusão através dos meios de comunicação têm contribuído, notavelmente, para a recuperação de formas patrimoniais e para a popularização de neologismos diferentes do castelhano.



MAPA 1 TERRITÓRIO GALEGO-FALANTE.

Fonte: Normas ortográficas e morfolóxicas del galego de Asturias. Mesa prá defensa del galego de Asturias e da cultura da Comarca. Eilao: MDGA, 1990. p 3.

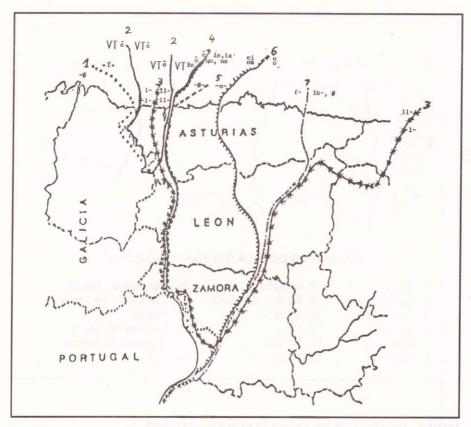
BLOQUE OCCIDENTAL	BLOQUE CENTRAL	BLOQUE ORIENTAL
cancións	canciós	canciois
man,ran	mao,ra	



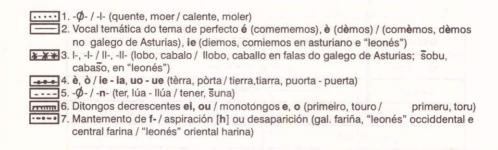
MAPA 2 CONCELLOS DE FALA GALEGA EN ASTURIAS. Fonte: Normas ortográficas e mortolóxicas del galego de Asturias. Mesa prá Defensa del Galego de Asturias e da Comarca.

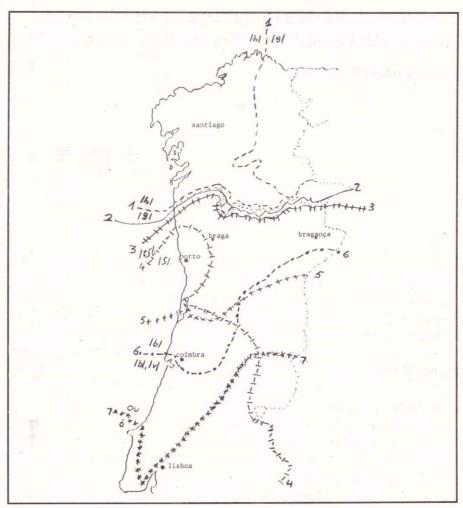
Eilao: MDGA, 1990. p 5.

òmsll		chamoou / Ilamou	срятоп
os / nʎns	a,ot \ uyut	nos'no	01
pequeñu / pequeña (/ pequeño)		puedneuo(-n) / bedneus	
unto , orieming outro , or		primeir	
/habas	sədsi	sadat	
canciones		cancios	
phonta ~puerta, fiesta		porta, festa	
AST. ORIENTAL	AST CENTRAL	AST.OCCIDENTAL	GALEGO



MAPA 3 A FRONTEIRA DO GALEGO ORIENTAL CO OCCIDENTAL E CO LEONÊS. Fonte: F. Fernández Rei. *Dialectoloxia da língua galega.* Vigo: Xerais, 1990. p. 21.





MAPA 4 A FRONTEIRA DO GALEGO MERIDIONAL CO PORTUGUÉS SETENTRIONAL. Fonte: F. Fernández Rei. Dialectoloxía da língua galega. Vigo: Xerais, 1990. p. 29.

Elaboración de F. Fernández Rei con material do ALPI, do ALGa e de Cintra (1964).

1. Aspiración do g /conservación do g (amigho,ghalo / amigo,galo)
2. Existencia da interdental /θ/ e inexistencia de fonemas sibilantes sonoros/inexistencia de /θ/ e presencia dos fonemas sonoros /3/,/z/ (facer, hoxe/ fazer, hoje)
3. Vocalismo oral / vocalismo nasal (cans-cas-cais / cães)
4. Mantemento da africada /ts// desafricación en /s/ (chave, chover)
5. Conservación do ditongo ei / monotongación em é (primeiro)
6. Inexistência de / v / / distinción entre os fonemas /b/ - /v/
7. Conservación do ditongo ou / monotongación em ó (cantou)

Arthur de Salles e a tradução do *Macbeth:* algumas considerações sobre *a dimensão humana do tradutor.*

Gustavo Ribeiro da Gama

UFBa

Resumo

Procurar-se-á analisar o Arthur de Salles poeta e tradutor em seu contexto histórico-literário e que influências teria tido esse contexto sobre a sua tradução. Observa-se-á ainda o momento de vida pelo qual passava o poeta e as suas conseqüências para o ato tradutório.

Convém salientar de início que o trabalho a ser apresentado consiste em parte da etapa final do subprojeto de pesquisa Arthur de Salles e a tradução do Macbeth de William Shakespeare, — que integra a linha de pesquisa A edição crítica da Obra de Arthur de Salles¹, e constitui o primeiro momento do projeto Edição Crítica da Tradução do Drama Shakespeariano Macbeth, feita por Arthur de Salles, dirigido pelo Prof. Dr. Nilton Vasco da Gama, — iniciado há aproximadamente dez anos quando se tratava ainda de projeto de pesquisa como bolsista de Iniciação Científica.

Consiste o trabalho final em duas etapas: 1 a análise da tradução de Salles do drama shakespeariano, através de um estudo do tradutor, do texto original e do autor; 2 o cotejo da tradução sallesiana com outras traduções em línguas portuguesa, francesa e espanhola, e de todas com o texto original.

O projeto inicial de pesquisa resultou na apresentação de trabalhos relativos à tradução de Arthur de Salles em seminários de iniciação científica da Universidade Federal da Bahia ², abordando-se, sobretudo, aspectos relativos ao resgate da memória do poeta baiano, no que diz respeito à tradu-

¹ Linha de Pesquisa desenvolvida pelo Grupo de Edição Crítica de Textos da UFBA, coordenado pelo Prof. Dr. Nilton Vasco da Gama (LINPES /CAPES, 38, 00.77; GRPESQ/CNPq, 8.UFBA.23).

² Cf. GAMA, Gustavo Ribeiro da. Estudo das variantes da tradução de Arthur de Salles do drama Macbeth. VIII Seminário Estudantil de Pesquisa, Salvador, 30 nov. - 02 dez. 1988; publicado com o título "Estudo das variantes da tradução de Arthur de Salles do drama Macbeth de W. Shakespeare" em Hyperion Letras, Salvador, v. 2, p. 27-31, dez. 1990. E também Arthur de Salles e a tradução do Macbeth: algumas observações. Salvador: UFBA, 1990. 4 f. Comunicação apresentada ao X Seminário Estudantil de Pesquisa, 4-6 dez. 1990.

ção, especificamente. No início, buscava-se tão somente uma verificação e, conseqüentemente, uma confirmação do texto original em língua inglesa e das diversas traduções em línguas portuguesa, francesa e espanhola que teriam sido utilizados por Salles durante o seu trabalho. Foram usados para tanto, diversos documentos — aí incluídos, cartas e rascunhos — pertencentes ao Acervo do Setor de Filologia Românica do Instituto de Letras da UFBA. Através destes documentos, pôde chegar-se a algumas conclusões que serão apresentadas no decorrer deste trabalho. Nessa primeira fase, fizeram-se alguns comentários filológicos sobre a tradução propriamente dita

Procurar-se-á analisar, agora, o Arthur de Salles poeta e tradutor em seu contexto histórico-literário e que influências teria tido esse contexto sobre a sua tradução. Observa -se também o momento de vida pelo qual passava o poeta e as suas conseqüências para o ato tradutório. Diversos documentos relativos ao autor foram utilizados para um conhecimento maior dos fatos relacionados ao seu contexto. Na verdade, trata-se aqui de uma tendência recente no campo da tradutologia, em que se busca uma aproximação maior com o processo tradutório propriamente dito .

Nasceu Arthur de Salles em Salvador, Bahia, a 7 de março de 1879 e faleceu, nesta mesma cidade, a 27 de junho de 1952. Compõe versos desde os treze anos. Filia-se mais tarde às correntes simbolista e parnasiana, sendo um dos representantes da fase de transição pré-modernista. Além do livro *Poesias*³, escreveu inúmeros poemas, entre os quais *Sub umbra*⁴ e *Sangue-mau*⁵.

Durante o período de 1900 a 1930, época em que Arthur de Salles teve papel marcante na vida intelectual da Bahia, havia uma considerável efervescência cultural no estado. A Nova Cruzada, associação de jovens intelectuais baianos ligados à corrente simbolista, "marcou, incontestavelmente, uma época de fecunda agitação literária em Salvador"⁶, assim como o Ateneu Muniz Barreto, instituição que pouco durou e cedeu lugar à Academia Baiana de Letras em 1911. Em 1917, surge a Academia de Letras da Bahia, por iniciativa de Arlindo Fragoso: instituição que se organizou seguindo

³ Cf. SALLES, Arthur de. Poesias: 1905-1920. Bahia: s.n., [1920].

⁴ De que uma primeira tentativa de edição crítica acha-se publicada: cf. TAVARES, Célia Goulart de Freitas, FERREIRA, Hilda Maria de Melo, OLINDA, Silvia Rita M. de. Edição crítica de um poema de Arthur de Salles: Sub umbra. Estudos Lingüisticos e Líterários, Salvador, n.3, p.57-78, jul. 1985. Apresentação de Albertina Ribeiro da Gama.

⁵ Cf. SALLES, Arthur. Sangue-mau. Salvador: UFBA, 1981. Ed. crítica sob a direção de Nilton Vasco da Gama.

⁶ Cf. SIMÕES, Isa Maria Drummond. *Três figuras literárias da Bahia*. Salvador: Centro de Estudos Bahianos, 1971. p. 9

os moldes da Academia Brasileira. Outras instituições foram *Hora Literária dos Novos*, o *Grêmio Olavo Bilac* e a academia *Manuel Vitorino*. Os grupos *Távola* e *Arco & Flexa* não foram agremiações institucionalizadas, ressaltando-se que o Arco & Flexa tornou-se o mais conhecido pela revista que publicou.

Segundo lsa Simões⁷, Arthur de Salles era filho de um comerciante de "secos e molhados", superiormente colocado na escala social. No entanto, não foi além de professor primário. Arthur de Salles parecia avesso à valorização de seu trabalho como poeta. Entretanto, de acordo com Fernando Góes⁸ "não foi outra coisa na vida senão poeta".

A respeito da tradução do Macbeth, Eugênio Gomes diz9:

A exemplo de Vigny, Salles submeteu o texto shakespeareano à severa disciplina do verso alexandrino, o que era um modo de ser mais realista que o rei, visto que o texto original é geralmente vasado em versos brancos.

Sem dúvida, Arthur de Salles foi acima de tudo um poeta. Lafaiete Spínola¹⁰, que o conheceu bem afirmou :

Se me fôsse dado separar o poeta do homem, eu seria capaz de afirmar que Arthur de Salles não era homem e sim poeta.

Como bem salientou Francis Henrik Aubert, na explanação da sua linha de pesquisa na Ata do IV Encontro Nacional de Tradutores, *O tradutor* e o ato tradutório como fulcros de uma teoria da tradução 11, centrar a pesquisa ou no ponto de partida ou no ponto de chegada, tende a levar o pesquisador a ocupar-se muito mais do produto do que do processo tradutório propriamente dito. Deste modo, parece-se evitar uma abordagem mais próxima do tradutor ele próprio. Aubert alega que ao impor-se ao tradutor "servidões" e responsabilidades ao mesmo tempo, esbarra-se em uma contradição pouco aceitável. Parece mais coerente manterem-se as responsabilidades e banir-se a servidão. Assim, tender-se-ia a examinar em maior detalhe o tradu-

⁷ Id. ibid., p. 17.

⁸ Cf. GÓES, Fernando. Artur Gonçalves de Sales. In: Id. Panorama da poesia brasileira; IV Simbolismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959. p. 275.

⁹ Cf. GOMES, Eugenio . *Prata de casa*; (ensaios de literatura brasileira). Rio de Janeiro: A Noite, s.d. p. 67

¹⁰ Cf. SPINOLA, Lafaiete . Harpas e Farpas. Baía: Progresso, 1943. p. 22.

¹¹ Cf. Francis Henrik AUBERT. O tradutor e o ato tradutório como fulcros de uma teoria da tradução. In: IV ENCONTRO NACIONAL DE TRADUTORES; A tradução: alvos e ferramentas. São Paulo: USP/ FFLCH/ DLM/ CET, 1990. p. 56.

tor, isto é, a própria feitura da tradução, como bem o diz Aubert, "numa dada constelação de circunstâncias, lingüísticas, culturais, psicossociais, de competências relativas, tempo, espaço, tendências de mercado, injunções legais, ferramentas efetivamente disponíveis, etc". É necessário para tanto, o auxílio de algumas disciplinas complementares como a psicologia, a neurologia, a lingüística, a teoria da comunicação, entre outras. Outro fator importante neste tipo de pesquisa é a busca de informações em relatos do próprio tradutor, entenda-se como tradutor-criador, e de outras pessoas que tenham por ventura tido contato com o mesmo, tendo presenciado o processo de tradução.

Através de entrevistas e relatos, poder-se-á avaliar com maior exatidão o trabalho realizado por Arthur de Salles na sua tradução. Como bem lembra Lúcia M. Guidicini em *Resgatando a dimensão humana do tradutor*, há uma certa tendência a esquecer-se sistematicamente "os aspectos que envolvem a atuação do sujeito [ignorando até mesmo] o intricado universo que permeia a trípice[sic] relação tradutor-texto-tradução,..." É preciso "resgatar a dimensão humana, psicológica do tradutor", ou seja, uma tentativa de compreender não apenas aquilo que é visível, palpável, o produto final, a própria tradução, mas também, e não menos importante, a personalidade, a competência, a responsabilidade do tradutor inserido em variáveis tais quais o seu ambiente externo e interno, a sua realidade extra-lingüística. E dentro desta está a sua formação e personalidade e parece de igual importância o momento psicológico de vida por que passa o tradutor-criador no momento em que realiza o seu trabalho de tradução.

Argumentar que a abordagem, ou linha de pesquisa tratada acima, não teria valor relevante devido à noção de transparência que salienta o tradutor que se "apaga" diante do original, ou seja, que não deixa vestígio algum nem de sua realidade extra-lingüísitica, nem de sua própria linguagem, poderia ser derrubada se se levasse em consideração que a tradução, como bem o diz Meschonnic é "como reenunciação específica de um sujeito histórico,interacção de duas poéticas,descentrar o dentro-fora de uma língua e das textualizações nessa mesma língua" Conseqüentemente, fazse necessário uma visão sucinta da realidade extra-línguística do tradutor, Arthur de Salles, tanto no que tange ao seu ambiente "externo" quanto ao seu ambiente "interno".

¹² Cf. GUIDICINI, Lucia M. Resgatando a dimensão humana do tradutor. In: IV ENCONTRO Nacional de Tradutores; A tradução: alvos e ferramentas. São Paulo: USP/ FFLCH/ DLM/ CET, 1990. p. 65.

¹³ Cf. MESCHONNIC, Henri. Propostas para uma poética da tradução. In: LADMIRAL, Jean René, org. A tradução e os seus problemas. Trad. por Luísa Azuaga. Lisboa: Edições 70, 1980. Proposta 11, p. 81.

Antes de tratar da tradução do *Macbeth* por Arthur de Salles, é importante esclarecer em que condições foi a mesma realizada. Na época em que iniciou a tarefa, Arthur de Salles achava-se amargurado com a recente perda de um filho, fato que, sem dúvida, teve grande influência sobre seu trabalho. Além do fator emocional, o ambiente do velho convento em que vivia, - já sem frades, a sede da Escola Agrícola onde lecionava, perto da Vila de São Francisco¹⁴ - no qual grande parte da tradução foi feita, parece ter afetado de maneira profunda o poeta. Ali, ele, por vezes pernoitava e via a solidão povoada por sombras e espectros. Tudo isto estreita a correlação entre o estado emocional do poeta e a atmosfera da peça, o que valoriza ainda mais o seu trabalho, assim como toda a peça traduzida. O seu poema *Sub umbra* está, por exemplo, repleto de uma atmosfera shakespeariana podendo falarse até mesmo de uma presença hamletiana.

Sabe-se que Arthur de Salles era um conhecedor da literatura france-sa e um grande admirador dos dramas de Shakespeare. Contudo, a decisão de traduzir o *Macbeth* parece ter ocorrido de maneira absolutamente involuntária, isto é, apesar de se entregar de corpo e alma à literatura, tanto quanto poeta-criador como assíduo leitor de grandes obras das literaturas mencionadas acima, o fato de lhe ter chegado às mãos o volume do grande drama épico de Shakespeare não foi intencional. Pode observar-se isso em um rascunho do próprio Arthur de Salles¹⁵

Motivo para uma tertulia que não para um quarto de hora esta noticia da minha traducção do Macbeth de Shakspeare
Diria dala [sic] à Academia como a expedição mais alta da gratidão e do meu culto e tam bem do meu egoismo.Antes que [sobrescrito ilegível] ahi vá pelos mares da publicidade tenha ela a Academia a primeira notícia...

Mais adiante,o poeta nos acena com uma amostra do seu "ambiente interior" na época em que decidiu iniciar a tradução:

Um dia,1919 a morte bateu-me à porta. Esvasiou-se um berço e deixou a dor e a saudade.

¹⁴ Hoje cidade de São Francisco do Conde.

¹⁵ Cf. PR-PM-IS-OM- 006: 0121-NX-01/02, f° 1 v°, L. 1-8.

Era preciso buscar qualquer cousa que me absovesse as horas,os dias ensombrados, que amainasse a tempestade que [riscado] rugindo avassaladora lá pelos rincões do coração. Dei com um livro atirado na estante Macbeth de Skaspeare [sic] com a data de 19-6-906.Folhei [riscado] Folhei-o. A memoria ajuntou tudo quan to poude aprender do grande mestre Carneiro Ribeiro. E foi ela tacteiando aqueles caminhos cerrados aquelas [sobrescrito] infestos do inglês shakspeareano, rompendo a custo aquele adensado aspe ro,agressivo para colher um verso,ate uma cena mais adiante um monologo. Mas tudo mal entrevisto, mal percebido. Tudo guardando o segredo de sua grandeza, velando o mundo de suas visões, o rein[o] [rasurado] encantado da beleza.16

Através deste testemunho, pode observar-se com clareza não apenas o "ambiente interior" do poeta mas também a identificação, que parece imediata, entre este e a obra encontrada e traduzida. Ao comparar os seus dias de dor e sofrimento com a **tempestade** que ruge avassaladora lá pelos rincões do coração, Arthur de Salles, propositalmente ou não, nos transmite toda a sua aproximação, porque não dizer com o mundo shakespeariano, ao utilizar-se de **tempestade**, lembrando a todos da inesquecível peça do mestre do teatro elizabetano.

Ao empreender a sua árdua tarefa, Salles procurou, através de leituras, uma aproximação com o ambiente "externo" e "interno" do autor da obra a ser traduzida. Foi através da introdução de Sir Sidney Lee nos *Complete Works of William Shakespeare* 17, original utilizado para o seu trabalho, e da *Histoire de la Littérature Anglaise* de Taine que Salles procurou obter um maior conhecimento do estilo do autor Shakespeare e do homem

¹⁶ Cf. ibid., L. 15-33.

¹⁷ Cf. LEE, Sidney. ed. General Introduction In: [William] SHAKESPEARE. *The complete works*. New York: George D. Sproul, 1907. v.1, p. ix - xxiv. Annotations and General Introduction by Sidney Lee.

¹⁸ Cf. TAINE, H, Shakspeare. In: Id. Histoire de la littérature anglaise. 4. ed. Paris: Hachette, 1877. t. 2, cap. 4, p.163-280.

Shakespeare. E como bem salienta Erwin Theodor em *Tradução: ofício* e *arte* ¹⁹, a relação tradutor-autor é de extrema importância para o trabalho de tradução, pois o tradutor deve tentar conhecer ao máximo as intenções do autor, pois ele deve ter de dizer o que o outro sentiu. Deve inteirar-se do assunto tratado na obra a ser traduzida. A relação entre tradutor e público-alvo também é de grande importância para que o autor da tradução possa de maneira adequada e pertinente transmitir a mensagem do original e que essa seja totalmente decodificada . "A inspiração de um autor é experiência natural, sendo a do tradutor experiência artísitca" ²⁰. Um testemunho desta busca de aproximação e identificação entre tradutor e autor está no mesmo documento citado acima mas no retro da folha²¹:

E assim entre as fugas torturantes da memoria no anseio crecente de julgar aquelas alturas con soladoras, saiam-me versos titubeantes,im perfeitos, traidores, palida resonancia, a [riscado]pagados ecos da grande voz.O versos [s_sobrescrito]portugues seguro do seu metro, das suas rimas, ahi bes[?]andose nos veios claros da lingua, ficada arada assim, quasi sempre como taças vasias a que faltava o vinho luminoso, fecundo e divino do pensamento do grande vate E dahi a volta aos livros, ao estudo da obra immortal de que saiu esta traducção

É importante ressaltar, como o faz George Steiner em *Despues de Babel*²², que qualquer leitura de um texto, principalmente literário, saído do passado, mesmo pertencendo à mesma língua do leitor, sugere uma multiplicidade de interpretações, requerendo do leitor uma ida a glossários e obras que o ajudem a melhor compreender o dito texto. Sabe-se também que numa sucessão temporal duas afirmações não serão idênticas. Nenhuma forma semântica é atemporal. Segundo ainda Steiner, ler Shakespeare ou qualquer outro autor do passado consiste em preparar-se para lê-lo²³, inteirar-se do universo que circundava a feitura de sua obra. Conhecê-la melhor,

¹⁹ Cf. THEODOR, Erwin, Tradução: ofício e arte. São Paulo: Cultrix, 1976. p.21.

²⁰ Cf. id. ibid., p. 34.

²¹ Cf. 006: 0121, f° 1r°, L 1-12

²² Cf. STEINER, George. Despues de Babel; aspectos del lenguaje y la traducción. México: Fondo de Cultura Económica, 1980. p. 32.

²³ Cf. id., ibid., p.42.

"conviver" com o autor e o seu mundo na sua época. Entender Shakespeare é revivê-lo.

Na sua introdução ao *Macbeth*, Salles aborda diversos aspectos da obra de Shakespeare, provavelmente oriundos desta *volta aos livros* que realizou.

Através de seu prefácio²⁴, o leitor toma conhecimento de traços marcantes e específicos do próprio *Macbeth*. Salles inicia o seu prefácio, dando uma visão geral do que foi a vida do dramaturgo inglês, desde o seu nascimento, passando pela sua chegada a Londres, período aliás como bem salienta Taine²⁵ a propósito de Shakespeare, que o mesmo teria, em sua juventude, em direção à sua ascensão, conhecido a humilhação, o desgosto, as dificuldades financeiras. Salles também trata deste lado da vida de Shakespeare, dificuldades próprias de uma dura ascensão para o sucesso. A sua apresentação da *Obra* continua, citando as *Chronicles of Scotland* de Hollinshed como inspiradoras de peças. Ademais, sabe-se que parte do *Macbeth* é verdade histórica, parte surge da imaginação do seu autor.

O poeta baiano teve acesso a essas informações, graças aos seus esforços, já documentados anteriormente, e apresentados, em se interar da realidade extra-linguística que cercava o dramaturgo inglês, assim como da realidade linguística do mesmo. Salles, ao consultar Sir Sidney Lee, Taine, Longworth Chambrun e seu Shakespeare: acteur- poete, The outline of Literature de John Drinkwater, Shakespeare's History plays de E.M. Tillyard, a History of Scotland de Robert Mackie, L'humour de Shakespeare de Louis Cazamian, Shakespeare et la folie de Docteur André Adnès, Noções de História das Literaturas de Manuel Bandeira e A vida de Shakespeare de Luis Cardim, como consta da bibliografia presente no prefácio da tradução do Macbeth²⁶, procurou buscar melhor compreender a Obra de um autor e mais especificamente a que seria alvo do seu trabalho. O mesmo caminho, foi tentado seguir desde o início desta pesquisa, somente que agora ter-se-ia que melhor compreender, melhor aproximar não apenas o autor do original mas também aquele que soube incorporar a uma outra língua, a um outro ambiente externo, o ambiente externo e interno de origem que se refletia na linguagem e no estilo do original. A linguagem "forcenée", como disse Taine²⁷, repleta de metáforas, haveria de ser transposta.

²⁴ Cf. SALLES, Artur de, Prefácio. In: [William] SHAKESPEARE. *Macbeth. Rei Lear*. Trad. de Artur de Salles e J. Costa Neves. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1949, p. v-xxv.

²⁵ Cf. H. TAINE, op. cit.

²⁶ Cf. Artur de SALES. Bibliografia. In: [William] SHAKESPEARE . Macbeth. Rei Lear. Trad. de Artur de Sales e J. Costa Neves. São Paulo: W. M. Jackson, 1949. p. xxv

²⁷ Cf. op. cit.

Algumas reflexões sobre a atuação da *Lei Tobler-Mussafia* no português arcaico

Ilza Ribeiro

Resumo

Desde fins do século XIX que Adolf Tobler (1889) e Adolfo Mussafia (1886) são bem conhecidos pela observação de que, respectivamente, no francês arcaico e no italiano arcaico, os pronomes clíticos não ocorriam em posição inicial da sentença. Diversos outros filólogos e gramáticos fizeram a mesma verificação em relação a outras línguas românicas arcaicas, como o provençal, o romeno e o espanhol. A interdição de clítico em primeira posição passou a ser conhecida como "Lei Tobler-Mussafia". Após a discussão da atuação dessa Lei no português arcaico, apresenta-se uma proposta de análise.

Desde fins do século XIX que Adolf Tobler (1889)¹ e Adolfo Mussafia (1886) são bem conhecidos pela observação de que, respectivamente, no francês arcaico e no italiano arcaico, os pronomes clíticos não ocorriam em posição inicial da sentença. Diversos outros filólogos e gramáticos fizeram a mesma verificação em relação a outras línguas românicas arcaicas, como o provençal, o romeno e o espanhol. A interdição de clítico em primeira posição passou a ser conhecida como 'lei Tobler-Mussafia' (doravante, T-M). Nesse mesmo século, o indo-europeísta suiço Jakob Wackernagel (1892) defendeu a hipótese de que, nas línguas indo-européias, os elementos clíticos² geralmente aparecem na segunda posição da sentença, ou seja, aparecem enclíticos ao primeiro elemento acentuado da sentença.

- As observações que se seguem sobre os trabalhos de Tobler, Mussafia e Wackernagel foram colhidas em diversos textos que fazem referências a esses estudos (cf. Anderson 1993, Benincà 1995, Rouveret 1992, Salvi 1990, entre outros), uma vez que não tivemos acesso aos estudos originais. Para o leitor interessado nos trabalhos originais de Tobler, Mussafia e Wackernagel, as referências são:
 - Mussafia, A. (1886). "Una particolarità sintattica della lingua italiana dei primi secoli". In: G. I. Ascoli et alii. *Miscellanea di filologia e linguistica in memoria di Napoleone Caix e Ugo Angelo Canello*. Firenze, Le Monnier. 255-261.
 - Tobler, A. (1889). "Pronominales object zu infinitiv oder partizipium". Zeitschrift für romanische philologie, 13:186-191.
 - Wackernagel, J. (1892). "Über ein Gesetz der indogermanischen Wortstellung". Indogermanische Forschungen, 1:333-436.
- 2 Entre o que Wackernagel denomina de elementos clíticos, estão não só clíticos pronominais, como também clíticos adverbiais, auxiliares, partículas, etc.

Benincà (1992:1) resume a generalização T-M com as seguintes fórmulas:

- (1) a) * # clitic-verb
 - b) # (X Y) Verb-clitic

A fórmula em (1(a)) diz que clítico antes do verbo, em posição inicial de sentença, é agramatical. Isso significa que, se nenhum constituinte aparece antes do verbo, o clítico deve seguir o verbo. A fórmula em (1(b)) diz que clítico seguindo um verbo flexionado é gramatical, quer em posição inicial, quer em posição interna da sentença. Desse modo, nas línguas românicas arcaicas e, segundo observação de Wackernagel, nas línguas indo-européias em geral, o fenômeno de complemento pronominal em segunda posição deriva da impossibilidade do clítico pronominal ocorrer em posição inicial de sentença. Essa restrição de complemento pronominal em segunda posição tem sido atestada em documentos das fases arcaica e clássica do português (cf. Huber 1986, Salvi 1990, Benincà 1995, entre outros), e é ainda observada no português europeu moderno (cf. Manzini 1993, Rouveret 1992 e Galves 1993).

Observa-se que a generalização T-M diz, essencialmente, que próclise é agramatical em posição inicial de sentença, sendo a ênclise obrigatória neste caso. Portanto, em princípio, os contextos de ênclise obrigatória são os de sentenças raízes iniciadas por uma forma verbal, como em³:

- (2) a) -Anastasio, ven-te (DSG.1.16.7)
 - b) Rogo-te por aquel a que tu vaas que... (DSG.1.16.15)
 - c) foramse la todos (CPVC.F9.6)
 - d) e disselles (FR.1.5.75r)
 - e) Ai, Santo Equicio, praz-ti que nos façan tanto mal...? (DSG.1.9.10)

Assim, é tipicamente em sentenças imperativas, optativas, interrogativas sim/não e declarativas iniciadas por uma forma verbal que a ordem V CL é obrigatória.

São também esses os contextos em que a ênclise é obrigatória em outros sistemas românicos medievais. Para ilustrar esse fato, citamos alguns exemplos de sentenças declarativas e interrrogativas do francês e do espanhol arcaicos:

São os seguintes os documentos portugueses arrolados nos exemplos: Foro Real (FR), séc. XIII; Diálogos de São Gregório (DSG), séc. XIV; Crônica de D. Pedro (CDP), séc. XV; Carta de Pero Vaz de Caminha (CPVC), início do séc. XVI. Observa-se, ainda, que, em todos os exemplos citados, colocamos os complementos pronominais em negrito.

- (3) a) Conois la tu? (Adams 1987:158 Queste 112,17)
 - b) Pere, avès les vos obliees? (Adams 1987:158 Aucassin et Nicolette, X, 45)
 - c) Fyziéron**lo** assi Moysen e Aaron (Granberg 1988:157 Fazienda de ultramar:65)
 - d) e pisáron**la** con los pies de los cavallos (Granberg 1988:157 Fazienda de ultramar:158)

Deixando à parte, neste estudo, os demais contextos de ênclise obrigatória, nossa análise se centrará na questão da atuação da Lei T-M em sentenças declarativas do português, estabelecendo algumas comparações com o francês e o espanhol.

Como já tem sido comentado por vários estudiosos do português arcaico, o padrão V CL é observado mesmo nas sentenças declarativas raízes introduzidas por uma conjunção de coordenação, como nos seguintes exemplos:

- (4) V-Cl raiz
 - a) e metia-sse na dança com elles (CDP.14.19-20)
 - b) e leixou-a em outro dia (CDP.17.107)
 - c) e saíam-**no** a rreceber os cidadaãos e todollos dos mesteres com danças e trebelhos (CDP.14.17-18
 - d) e délhy o alcayde .III. prazos de terçar en terçar dya (FR.2.8.95r)
 - e) e lancouas ao pescoço (CPVC.3.31)
 - f) foramse la todos (CPVC.9.6)
 - g) Quero-ti eu contar, Pedro, o que me contaron dous homens muito honrados (DSG.1.13.3)
 - h) E tornaron-se muit'agiha (DSG.1.2.41)
 - i) E deu**lhy** poder de guyar e de mandar seu poobo (FR.1.2.72v)
 - j) e pose-os todos ante o altar (DSG.1.14.3)
 - I) Prometeo-Ih'o el-rrei assi (CDP.17.113)
 - m) e mandou-ho matar (CDP.16.42)
 - n) e façãnas dereytas e uerdadeyras todas (FR.2.9.95v)

Quer estejam antecedidas de uma conjunção de coordenação, quer não, a ordem V CL é o padrão de realização atestado, nessa fase da língua, em construções declarativas raízes iniciadas por uma forma verbal finita. Conclui-se, portanto, que tais conjunções não interferem na colocação dos clíticos.

Por outro lado, nas sentenças encaixadas, o complemento pronominal está em posição pré-verbal. Nesse contexto não há 'violação' da lei T-M, des-

de que o elemento introdutor da sentença encaixada conta como primeiro elemento para efeito da colocação pronominal⁴, como nos exemplos abaixo:

- (5) CI-V encaixadas
 - a) a riba do mar de que me parti (DSG.1.1.19)
 - b) e quando se tornou o mancebo (DSG.1.2.9)
 - c) açenou que Ihas desem (CPVC.3.24)
 - d) todo oque Ihe preguntam (CPVC.6.23-24)
 - e) que nos ajudauam deles aacaretar lenha (CPVC.9v.8-9)
 - f) das respostas per que se começã os preytos (FR.2.6.91r)
 - g) e se o diser (FR.1.2.73v)
 - h) porque **sse lhe** alargasse o corpo por mais espaçosamente poder dar (CDP.1.30-31)
 - i) porquanto lhe disserom que o mandava el-rrei prender (CDP.17.77-78)

Contudo, embora os exemplos em (4) acima mostrem que, nos casos de coordenação de sentenças raízes, a colocação pós-verbal do clítico é o padrão de realização do clítico no português arcaico, encontramos, em alguns poucos casos de coordenação de sentenças raízes, o pronome complemento em posição pré-verbal. São as seguintes as construções Cl V raízes encontradas nos *corpora*:

- (6) CI-V em coordenação de sentença raiz
 - a) E lhes den ben cada ano o que prometen a Nostro Senhur cada huu que lly dé compridamente seu dizimo (FR.1.5.75v)
 - b) Se seruo dalguu ome ha hua demanda contra outro e o outro contra el, o senhur seya teodo de demadar e de responder por el ou o desempare (FR.2.1.85r)
 - c) Ja ora podes entender, Pedro, que aquelas cousas que Deus ordiou e soube ante que o mundo fosse feito, compriron-se pelas orações dos santos homens ca en esta maneira as ordinhou ele e as soube ante que o mundo fezesse que se comprissen (DSG.1.16.32)

⁴ A diferença entre esses dois tipos de conjunção se explica na consideração de que as conjunções de coordenação ocupam posições externas aos domínios mínimos da sentença; elas coordenam dois domínios clausais completos e independentes. Por outro lado, os elementos introdutores das denominadas sentenças encaixadas (relativas, adverbiais e completivas) se posicionam dentro dos domínios mínimos da sentença.

- d) "Acorree-me aqui, Lourenço Gonçallvez, ca hữữ homem me deu hữua punhada no rrosto e **me** depenou a barva!" (CDP.9.49-51)
- e) Ca se esforça homen pera fazer ben en ouvir contar os bees que os outros fezeron moormente quando sabe que lhi conta verdade e lhi nomea as pessoas certas que aquelas cousas fezeron, ca en cuidar sen outra prova e sen outra certidoen en como se poderian fazer (DSG.1.1.33)
- f) E porque, don Pedro meu amigo, cuidando eu no ben que perdi e no mal que ora sofro, é-mi mui grave de sofrer o estado en que ora vivo, ca mi semelha que a mha alma anda per huu mar en que ha mui tempestade e as ondas me deitan da hua parte e da outra (DSG.1.1.16)
- g) E a cabo de pouco veo o homen de Deus calçado de sas calças que tragian solas de coiro con seus cravos ben ferradas e tragia a fouce en que segara o feo a seu colo e, ante que chegasse a don Juiãão, mandadeiro do papa, o seu homen lhi disse e Ihi mostrou quen era o abade (DSG.1.8.25)
- h) e assi lh'os tragiam presos do cabo do rreino e **lh'os** apresentavom hu quer que estava (CDP.6.23-24)

Falamos, acima, que o português europeu, desde seu período arcaico, observa a restrição T-M, o que implica na realização pós-verbal do clítico em sentenças declarativas raízes iniciadas por uma forma verbal. Desse modo, sentenças declarativas raízes iniciadas por uma forma verbal com clítico préverbal têm uma importância fundamental para um estudo diacrônico, sobretudo se admitimos que a gramática que observa a lei T-M é diferente da gramática que 'viola' a lei T-M. Dito de outra forma, a questão da próclise em início de sentença declarativa raiz é uma das características sintáticas que permite estabelecer diferenças sintáticas entre as línguas românicas medievais, que observam a restrição formalizada em (1(a)), e as modernas, que não observam a restrição formalizada em (1(a)), exceto quanto ao português europeu, um sistema conservador em relação a este fato gramatical. Assim, nosso objetivo neste texto é o de oferecer uma possível explicação para as possibilidades, embora raras, de clítico em início de sentença declarativa raiz, dos tipos ilustrados com os exemplos em (6).

Para os exemplos em (6(e)) e (6(f)), levanta-se a questão do estatuto de ca quanto a ser um elemento de coordenação explicativa ou de subordinação causal, desde que, sendo uma subordinação causal, a forma esperada de colocação do clítico é a pré-verbal, o que estaria de acordo com a realização observada em tais exemplos.

Sabemos que a identificação desses dois tipos de estrutura é bastante

problemática, como Mattos e Silva (1989:690) comenta: "...chamamos atenção para o facto de que em muitas situações é difícil estabelecer o limite entre coordenação e subordinação. As dependências semântica e sintática seriam as marcas típicas das subordinadas indiscutíveis como é o caso das completivas e relativas em oposição às coordenadas indiscutíveis, isto é, aditivas e disjuntivas. Os enunciados introduzidos por ca estão naquela zona limítrofe da coordenação e da subordinação". Mais ainda, a seguinte passagem de Mattos e Silva (1989:690) deixa bem evidente a dificuldade na classificação de ca por gramáticos do português arcaico: "Estudiosos do português antigo se dividem quanto à sua classificação, por exemplo: Huber (1933: § 430.4) o classifica como coordenativa causal, Epiphanio Dias (1959:277) como subordinante causal; Carolina Michaëlis (1922: s.v. ca), Said Ali (1964:221), Mettmann (1972: s. v. ca), sem discutirem se é subordinativa ou coordenativa, o classificam, respectivamente, de consecutiva, causal, explicativa".

A análise de ca como subordinante causal eliminaria o problema com as construções em (6(e)) e (6(f)), considerando-se que a posição normal dos clíticos nas encaixadas é logo após o conectivo de subordinação. Contudo, optamos por considerar essas duas construções como explicativas, por julgarmos que esses enunciados expressam uma explicação e não uma causa, evidentemente, uma solução muito subjetiva. Desse modo, a questão do clítico em primeira posição permanece.

Consideramos que, no exemplo em (6(e)), ca apresenta uma leitura adverbial, numa relação de comparação estabelecida entre a sentença introduzida pelo primeiro ca e a sentença introduzida pelo segundo ca, do tipo 'mais se esforça homen do que en cuidar...'. A realização de ca com valor adverbial nos DSG é confirmada pela seguinte passagem de Mattos e Silva (1989:691): "o ca, despojado de seu valor explicativo, ocorre como um "elo narrativo", encadeador de histórias. Embora menos frequente que e nessa função, é marcante esse seu emprego e não favorece a interpretação de ca como elemento subordinante".

Desse modo, a possível análise de *ca*, no exemplo em (6(e)), como advérbio, classificação em que também propomos incluir o *ca* do exemplo em (6(f)), é uma explicação viável para a possibilidade de realização do clítico em posição pré-verbal nas referidas construções. Sendo advérbio, *ca* conta como primeiro constituinte da sentença, não havendo, portanto, violação da formúla em (1(a)).

As construções em (7) abaixo ilustram outros exemplos de sentenças iniciadas por advérbios e nelas se observa a colocação pré-verbal dos clíticos:

(7) a) Ora te vai (DSG.1.5.39)

- b) E assi se fez (DSG.1.28.41)
- c) e ali a mandou matar... (CDP.17.79)
- d) e assi o fez elle (CDP.12.81)
- e) e despois aouue ocapitam (CPVC.F7.35-36)
- f) E porende nos deuemos pensar e acuydar (FR.1.2.72r)

A ordem ADV CL V é uma realização comumente atestada nos documentos do português arcaico e, incluindo-se o elemento ca no rol dos advérbios, ou no dos elementos que podem ter, em certos contextos, uma leitura adverbial, entende-se por que construções como as em (6(e/f)) são atestadas.

Quanto aos exemplos em (6(c)) e (6(d)), a simples inclusão de *ca* no rol dos elementos adverbiais não resolve a questão, desde que é na segunda coordenada, justamente naquela em que não há realização de *ca*, que a ordem Cl V se realiza. É interessante o que Ramsden (1963:97)⁵ observa sobre esse fato, quando diz que casos de colocação pré-verbal de clítico em coordenação de sentenças raízes são raros, mas atestados, de modo geral, em documentos de línguas românicas medievais.

Ilustramos com dados do espanhol medieval, um sistema lingüístico essencialmente enclítico, e que, nas palavras de Granberg (1988:254), "no structure could tolerate a clitic pronoun in absolute sentence initial position nor in the initial position of a sentence or clause introduced by the coordinate conjunctions *mas*, *pero*, *(ca)*, *etc.*"⁶:

- (8) E CIV no espanhol (dados de Granberg, 1988:233-235)
 - a) E ellas tanto mas obrauan e creyen e se dauan a ello. (General Estoria, II:200)
 - b) Leuanta te et apressúrate, mi amiga, mi paloma fermosa, ven; ya passó el yuierno et se fue la lluuia et se partió. (General Estoria, III:213)
 - ca nunca ffizo cosa que contra la ffe de Ssanta Eglesia de Rroma ffuese, mas sienpre andido a ssu mandado e le ffue obediente. Temiol otrosí muy uerdaderamiente. (Setenario:14)
 - d) Tú tornaste aca et los tomaste (Calila eDigna, 1984:172)
 - e) Yo vos defiendo que non vengades y más, et si non, yo vos çegaré et vos mataré. (Calila e Digna, 1984:232)

⁵ Apud Granberg (1988:231).

⁶ Segundo Granberg (1988), o uso moderno de clítico em posição inicial de sentença, no espanhol, só começa a ser atestado a partir da primeira metade do século XV para início do séc. XVI

Na análise de Ramsden, assumida por Granberg (1988), a maior parte dos casos de clítico pré-verbal em coordenação ocorre em construções em que o primeiro conjunto da coordenação tem a forma X CL V e em que esse elemento X (normalmente um sujeito enfático ou um adverbial que 'atrai' o clítico) está subentendido antes do segundo conjunto da coordenação. Em outras palavras, a generalização observada significa que, nessas construções, a coordenação se dá em um nível após o constituinte X, e, assim, não se poderia realmente dizer que o clítico está em primeira posição. A questão dos diferentes níveis em que duas ou mais construções podem ser coordenadas é também a proposta de Salvi (1989/1990/1993) para explicar as ocorrências de construções desse tipo no português arcaico.

As duas possibilidades de coordenação a que nos referimos aqui podem ser esquematizadas como em (9) abaixo, por exemplo:

Em (9(a)), a coordenação se faz entre os dois conjuntos CL V, contando X como um constituinte das duas coordenadas; em (9(b)), por outro lado, a coordenação se dá no nível mais alto das sentenças, analisando-se como lexicalmente vazia (= Æ) a posição X do segundo conjunto da coordenação⁷.

Assim, não só as construções em (6(c)) e (6(d)) podem estar inclusas nesta explicação, como também as construções em (6(g)) e (6(h)), que apresentam estrutura de coordenação X CL V e CL V, sendo X, respectivamente, 'o seu homen' e 'assi'. Portanto, também nessas construções não há 'violação' da Lei T-M.

⁷ As diferentes possibilidades de posicionamento dos clíticos nas estruturas de coordenação, atestadas nos corpora em estudo, são como:

i) a) e el, por comprir voontade, depenou-lhe a barva e deu-lhe hūua punhada (CDP.9.44-46)

b) e levaron-na a hũũ rio e meteron-na dentro na agua (DSG.1.24.19)

c) E foi assi feito, e troverom-Ih'o a Avrantes e alli o mandou degollar (CDP.9.54-55) verbal na primeira sentença da coordenação e pré-verbal na segunda coordenada. No exemplo em (i(e)), há uma única realização do clítico se para as duas formas verbais coordenadas. Podem-se derivar as diferenças entre essas construções dos diferentes níveis em que a coordenação pode ser realizada numa língua.

Retomando as construções em (6), observa-se que, quanto aos exemplos em (6(a)) e (6(b)), uma outra questão se coloca, a do estatuto de e e ou como conjunções ou advérbios. Já vimos que ca podia ter valor adverbial no português arcaico. Mattos e Silva (1989:655) comenta, em relação aos DSG, que "O e, além de expressar a cópula de enunciados e de constituintes do enunciado, é profusamente usado no corpus como uma espécie de encadeador da narração, equivalente, poderíamos dizer, ao aí hoje tão comum em narrativas orais informais".

Que certas 'conjunções' possam ter, em alguns casos, um valor adverbial é de se esperar, considerando-se que muitas das conjunções latinas são provenientes de formas adverbiais (cf. Said Ali 1965 e Barreto 1992). A comparação com outras línguas românicas pode fornecer elementos esclarecedores. Por exemplo, no francês medieval, uma outra 'filha' direta do latim, construções 'Et Cl V' são atestadas e, segundo Foulet (1930) e Adams (1987), o elemento et tem valor adverbial em construções desse tipo. Ilustramos esse fato com um exemplo de Adams (1987:114):

(10) Et **vous** dit que entre Briude en Auvergne et Eause (Froissart, p.555) (e (=então/assim) vos digo que entre Briude em Auvergne e Eause) em que **et** equivale a 'então', 'assim'.

Vance (1989:92) cita um exemplo de Les Quinze Joies de Mariage, texto do século XIV:

(11) et en la batant il ne fera que alumner le feu de folle amour d'elle et de son amy, (e em a batendo ele fará somente acender o fogo de louco amor entre ela e seu amigo, et **lui** eust il coupé les membres (II, 92)mesmo se lhe tivesse ele cortado os membros)

em que et equivale a 'mesmo se'. Esses exemplos atestam o possível valor adverbial de et e permitem concluir que as construções em (10) e (11) não constituem 'violações' da Lei T-M.

A construção em (6(a)) também aceita uma análise em que *E* tem uma leitura adverbial, equivalendo a 'assim', 'desse modo', 'então', como pode ser observado a partir do contexto em que ocorre:

(12) E estes dizimos quis Nostro Senhur // (fol.75v) pera as eygreyas fazer e pera as cruzes fazer e pera as uestime)tas e pera os calezes e pera os synos e pera Outrosy pera os pobres enno tépo da ffame e pera seruiço dos reys e pera prol de sy e de sa terra e do poboo quando for mester e porque isto assy sse parte e assy se despende en tátas boas obras e en tantas guisas e tá a prol de todos comunalmête y am parte e quínhó de cada huu u deue dar de boamente e de boa uoontade

e sen outra prema néhuua e se quiser pello acrecentaméto qua lhys Deus deu. E lhes den ben cada ano o que prometen a Nostro Senhur cada huu que lly dé conpridamente seu dizimo, ca assy é deu dereyto e gran prol e gran saude dos corpos e das almas de cada huu a que dara Deus auondança dos fruytos e dos bees deste mundo e aquesto prouamos cada dya. (FR.1.5.75r-75v)

Granberg (1988:252) comenta que, no espanhol medieval, a 'conjunção' ou, em sentenças raízes, condicionava comumente, mas não sempre, o uso pré-verbal do clítico. Segundo ele, "This suggest that this coordinate conjunction may differ in some way from the standard paradigm of conjunctions...". Citamos alguns exemplos abaixo:

(13) ou CI V no espanhol medieval

- a) O ganan los coraçones de los omnes o los pierden. (Libro de los doze sabios:108)
- b) Et vienen otros e ffúrtangelo o ge lo rroban, e non les ha ende grado (Setenario:45)

Granberg (1988) comenta que, em geral, o clítico é pré-verbal quando a disjunção apresenta uma alternativa entre dois elementos, um deles excluindo o outro. Este também é o caso da nossa construção em (6(b)), em que *ou* permite como leitura as expressões adverbiais 'ao contrário', 'de outra forma'.

Portanto, pensamos que as construções apresentadas em (6) de forma alguma fomentam uma análise de 'violação' da Lei T-M. Se ca, e e ou podem, em alguns casos, funcionar como advérbios, a colocação pré-verbal do clítico deixa de ser uma exceção. Por outro lado, se o mecanismo de cordenação pode se aplicar a diferentes níveis estruturais, construções coordenadas com clítico pré-verbal não são estranhas.

Para finalizar, vale colocar alguma observação sobre a situação desta restrição nas línguas românicas modernas, ou seja, dizer algo sobre as propriedades sintáticas que distinguem tais construções das modernas CI V do português brasileiro, assim como das do francês moderno, do espanhol moderno e do italiano moderno, por exemplo, como ilustrado em (14) abaixo:

- (14) a) Lhe dei um belo presente
 - b) Me disseram que João saiu
 - c) Te contaram um caso incrível
 - d) L 'ho vio Juan
 - e) Las vi à las chicas

g) Mi dedico allo studio delle lingue

tes ao período moderno desses sistemas lingüísticos. (10), (11) e (13), que permita identificar essas construções como pertencenqualitativa entre os exemplos em (14) e os apresentados acima, em (6), (8), A pergunta a ser colocada diz respeito a se existe alguma diferença

do clítico é geral, não se submetendo a restrições dessa ordem gramatical. constituinte do segundo conjunto. Na fase moderna, a colocação pré-verbal tindo que um constituinte do primeiro conjunto da coordenação seja também tem um valor adverbial, ou quando a coordenação se dá em um nível permido clítico só ocorre nas construções em que a 'conjunção de coordenação' como discutido neste estudo: no período medieval, a colocação pré-verbal próclise em sentenças raízes declarativas iniciadas por uma forma verbal, assindéticas'. Esta é uma diferença crucial entre as duas possibilidades de em sentenças tradicionalmente denominadas 'principais' e 'coordenadas forma verbal e não introduzidas por um elemento de coordenação, portanto, dos, na fase arcaica, casos de próclise em sentenças iniciadas por uma tadas na fase arcaica dessas linguas. Isso significa dizer que não são atesta-Podemos dizer que construções como as em (14) acima não são ates-

Referências

ADAMS, M. (1987). Old French, null subjects, and verb second phenomena. Tese de Doutorado.

ANDERSON, S. (1993). Wackernagel's revenge: clitics, morphology and the syntax of second Los Angeles, University of California.

position. Language, 69:68-98.

BARRETO, T. M. M. (1992). Conjunções: aspectos de sua constituição e funcionamento na história

do português. Dissertação de Mestrado, 2 volumes. UFBA.

Battye & Ian Roberts. (eds.). Clause structure and language change. New York, Oxford. BENINCÀ, P. (1995). Complement clitics in Medieval Romance: the Tobler-Mussafia law. In: Adrian

FOULET, L. (1930). Petite syntaxe de l'ancien français. Paris, Honoré Champion.

GRANBERG, R. A. (1988). Object pronoun position in Medieval and Early Modern Spanish. Tese GALVES, C. (1993). Clitic placement and parametric changes in portuguese. Unicamp. mimeo.

HUBER, J. (1986). Gramática do português antigo. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. de Doutorado. Los Angeles, University of California.

diachronique. Amsterdam, Rodopi. KOK, A. C. de. (1985). La place du pronom personnel régime conjoint en français; une étude

arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. MATTOS E SILVA, R. V. (1989). Estruturas trecentistas; elementos para uma gramática do português

RIBEIRO, I. (1995). A sintaxe da ordem no português arcaico; o efeito V2. Tese de Doutorado.

MANZINI, R. (1994). Second position dependencies. Mimeo.

Campinas, Unicamp.

- ROUVERET, A. (1992). Clitic placement, focus and the Wackernagel position in European Portuguese. Université de Paris-VIII. Mimeo.
- SAID Ali, M. (1966). *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo, Edições Melhoramentos. (5ª edição).
- SALVI, G. (1989). L'ordine delle parole in galego-portoghese antico. XIX Congreso Internacional de Linguística e Filoloxía Románicas. Santiago de Compostela.
- ————.(1990). La sopravvivenza della legge di Wackernagel nei dialetti occidentali della peninsola Iberica. *Medioevo Romanzo*, 15:117-210. Società editrice II. Mulino Bologna.
- ————, (1993). Ordine delle parole e struttura della frase nelle lingue romanze antiche. *Alfa*, 37:187-203. São Paulo.
- VANCE, B. (1989). Null subjects and syntactic change in Medieval French. Tese de Doutorado. University of Cornell.

Da pesquisa lingüística à gramática pedagógica: uma página do livro didático do 1º grau

Judith Freitas
UFBa / CNPq

Resumo

Eis que ocorre uma Semana de Filologia e Lingüística Românicas, uma Semana muito especial. Ao desejo de participar da mesma vem a dúvida sobre a pertinência da comunicação que desejo apresentar: uma página do livro didático de português destinado ao 1º grau. Como esta página origina-se de uma pesquisa sobre pronomes pessoais sujeito e é um trabalho de lingüística aplicada ao ensino, a candidatura à inscrição foi feita. Hoje agradeço a Comissão Organizadora a acolhida dada à mesma, permitindo-me participar plenamente deste evento.

1 Da pesquisa lingüística à sua aplicação pedagógica

Em um país com altos índices de analfabetismo, em que a evasão escolar em início de escolaridade é assustadora, com grande número de crianças que iniciam o 1º grau e não o concluem, que podem fazer para atenuar esta situação os pesquisadores da Língua Portuguesa, em uma Universidade?

Seguramente não está sendo aqui questionada a necessidade do desenvolvimento de uma teoria sobre o funcionamento da linguagem ou de uma descrição exata e atualizada da Língua Portuguesa como conhecimento necessário, mas se está advogando que estes conhecimentos, sempre que possível, sejam também usados em benefício dos que enfrentam a etapa inicial do ensino, tornando-a viável para um maior número de indivíduos que merecem atenção especial da sociedade a que pertencem.

Acreditando na exeqüíbilidade e importância desta tarefa é que a autora desta comunicação, após concluir a descrição de um tópico da gramática da Língua Portuguesa, propõe-se a realizar a adequação dos resultados desta pesquisa ao ensino do 1º e 2º graus.

Que outro o diga e este outro é Maria Cristina Leal.¹

Pensamos que esta reação quanto à gramática advém de dois fatores e

¹ No artigo Contribuições para uma gramática do texto para o ensino da Língua Materna. (O caso da Língua Portuguesa). In.: Caderno de lingüística aplicada. Campinas: [s.n.] jul./dez., 1988. 12 v. p.139-146.

Perini (1985) já tratou muito bem do primeiro, ao assinalar as falhas observadas na elaboração da Gramática Tradicional (...). O outro fator é, acreditamos, o fosso que se vem aprofundando entre, de um lado, a gramática tradicional, que se mantém à margem do desenvolvimento das pesquisas lingüísticas, portanto em situação, digamos, "estática" e do outro lado a acelerada dinâmica na área da lingüística.

Realmente, há algumas décadas reclamava-se do pequeno número de estudos sobre a língua portuguesa; hoje em dia sente-se falta, sobretudo, já que as pesquisas lingüísticas se multiplicam, da retomada destes novos conhecimentos para, adequados, trazerem novas luzes às gramáticas pedagógicas.

Sentindo essa necessidade é que o Projeto NURC (Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta do Brasil)² adotou, entre os seus objetivos, não só a descrição sistemática da norma urbana culta brasileira, ou seja, a descrição dos padrões reais de uso na comunicação oral adotado pelo estrato social composto por indivíduos de nível de escolaridade superior, mas também o seu aproveitamento no ensino da língua portuguesa, que se deve proceder com base em uma realidade lingüística concreta e com atenção à diversidade com que ela se apresenta em nosso país. Estes objetivos foram adotados, o primeiro pela pesquisa sobre "Os pronomes pessoais sujeito na norma culta do Brasil" e o segundo pelo projeto em andamento e "Da pesquisa lingüística à gramática pedagógica: uma incursão no campo dos pronomes pessoais sujeito".³ Este último consiste no aproveitamento dos dados sobre o elenco e conteúdo destes pronomes, com a conseqüente adequação dos resultados aos graus iniciais de ensino.

Constitui, portanto, esta pesquisa, uma tentativa de ponte — talvez apenas uma pinguela — reclamada por Maria Cristina Leal, anteriormente citada, entre a pesquisa sobre a língua portuguesa e a utilização dos seus resultados, na melhoria da gramática pedagógica.

2 Construindo uma página do livro didático

O livro didático é de português, evidentemente, e a página mencionada trata dos pronomes pessoais sujeito.

² O Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta no Brasil (Projeto NURC) foi desenvolvido em cinco capitais brasileiras: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre

³ Este projeto foi desmembrado de um outro mais amplo intitulado "A classe sintática dos pronomes: subsídios para uma gramática do português falado com base no corpus do Projeto NURC", no qual atuaram também as pesquisadoras Carlota Ferreira, Jacyra Mota e Vera Rollemberg, auxiliadas por bolsistas do CNPq.

Para chegarmos a esta página elegemos uma teoria lingüística a partir da qual estabelecemos um inventário atualizado destes pronomes.

2.1 A teoria básica

O exame dos pronomes pessoais sujeito teve por base a teoria de Émile Benveniste⁴, segundo a qual a categoria gramatical de **pessoa** só abrange os participantes do diálogo, por ele denominados o **eu** e o **não-eu**, os componentes dessa categoria de **pessoa**. Os que não participam do diálogo constituem, por oposição, a **não-pessoa**. Fica assim estabelecida a correlação de pessoalidade que opõe **pessoa** à **não-pessoa**.

Não há, para a categoria de **PESSOA**, o plural que expressa multiplicação, e sim uma ampliação, uma amplificação de pessoas; apenas a **não- pessoa** admite o plural semelhante ao dos nomes.

Em outras palavras, temos o emissor e o receptor que constituem as pessoas do diálogo. Os que não participam do diálogo serão aqui denominados de *outros*. Emissor, receptor e outros podem se combinar como conteúdo de várias formas de expressão.

Com base nestas considerações foi realizado o exame desses pronomes.

2.2 O inventário atualizado

A amostra que deu origem ao inventário de pronomes apresentada na "página do livro didático" em pauta, foi tomada ao Projeto NURC, levando em conta, na sua constituição, as variáveis nele mantidas sob controle.

Uma amostra constituída por 45 inquéritos de três modalidades de texto — Elocuções Formais, Diálogo entre Informante e Documentador e Diálogo entre dois Informantes — gravados a 60 (sessenta) informantes nascidos em cinco capitais brasileiras (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), divididos entre os dois sexos e três diferentes faixas etárias, foi a utilizada no projeto "Os pronomes pessoais sujeito na norma culta do Brasil".

Obteve-se um inventário que pode ser explicado com base na maior ou menor formalidade dos textos, na variação geográfica existente em país tão amplo, nas possíveis diferenças de uso da língua por homens e mulheres de diferentes faixas etárias.

⁴ BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral*. (Trad. portuguesa). São Paulo: Nacional, 1976. p.247-59 e 277-83.

A inclusão, neste inventário, de formas como você e vocês é resultante de uma simples constatação do uso: o receptor em Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo usa quase que exclusivamente a forma você: só em Porto Alegre o uso dessa forma se associa ao da forma de expressão tu. A explicação desta variação pela distribuição geográfica das formas é simples e sobretudo verdadeira. Já a forma vocês substitui a forma vós na fala de todos esses informantes, mesmo nos naturais de Porto Alegre. Esta última forma só apareceu, na fala dos informantes da amostra, em citações de obras literárias ou de conteúdo religioso. As formas o senhor e a senhora também são usadas representando o receptor, mas sempre em situações que implicam grau mais alto de formalidade. O mesmo acontece com as formas os senhores e as senhoras, que podem comutar com a forma vocês, a depender do grau de intimidade entre os falantes.

As formas **nós** e **a gente** são usadas paralelamente em todo o território nacional, diferenciando-se, geralmente, pelo grau de formalidade que cerca a sua seleção e pela faixa etária dos que preferem uma à outra.

O conteúdo do inventário aqui apresentado limita-se ao nível da determinação. A indeterminação, representada, entre outras, por muitas destas formas, fica reservada para ser acenada no conteúdo destinado ao 2º grau.

2.3 O conteúdo expresso no texto ou depreendido do contexto

O conteúdo dos pronomes pessoais apresentados nesta "página do livro didático" é bastante simples pois só será mencionado ou relacionado às formas de expressão que se realizam a nível da determinação.

Sendo assim, a forma de expressão eu representa o emissor e as formas você e tu, juntamente com o senhor e a senhora, o receptor. As formas ele, ela, eles e elas substituem uma determinada forma nominal presente no texto e, na maioria dos casos, já mencionada. As formas nós e a gente exprimem o eu-ampliado, dando-se esta ampliação pela combinação do conteúdo do eu com o não-eu, do eu com a não-pessoa ou ainda do eu com o não-eu e a não-pessoa: estas ampliações são as que se realizam a nível da determinação. A forma vocês, juntamente com as formas os senhores e as senhoras, também apresentam combinações entre diferentes receptores ou então de diferentes receptores com a não-pessoa, ou seja, os que não participam do diálogo.

Estas formas encontram no texto ou no contexto mais amplo o conteúdo que representam ou substituem.

2.4 Finalmente a página

Os pronomes pessoais sujeito

Os pronomes pessoais sujeito representam as pessoas do diálogo (eu = emissor, você, tu, o senhor e a senhora = receptor) ou substituem formas nominais anteriormente mencionadas (ele, ela, eles e elas). Nós, a gente, vocês, os senhores e as senhoras combinam estas possibilidades mencionadas.⁵

Portanto os pronomes pessoais sujeito são:

ele, ela	eles, elas
o senhor, a senhora	os senhores, as senhoras
ut ,êsov	vocês, vós
nə	nós, a gente

Em algumas regiões do Brasil, como, por exemplo, no Rio Grande do Sul, se usa o pronome **tu** ao lado de **você**. Se o dialogo é mais formal, podem ser usadas as formas **o senhor** ou **a senhora**. O pronome **vós** é raramente encontrado, aparecendo principalmente em textos antigos e na literatura religiosa, enquanto que o **vocês** pode comutar, a depender do grau de formalidade do diálogo, com **os senhores** ou **as senhoras**.

Significado destes pronomes

	outro, a outra'.	
ele, ela	'a pessoa de quem se fala, a qu	o esta fora do diálogo, o
	• A senhora me conhece?	(a senhora = receptor)
	• O seupor me conhece?	(o seupor = receptor)
a senhora	• In me conheces?	(tn = receptor)
o seupor,	Ex.: • Você me conhece?	$(\mathbf{voc\hat{e}} = \mathbf{receptor})$
você, tu,	'a pessoa com quem se fala, o r	eceptor no diálogo'.
	Ex.: • Eu vou à escola. (eu = er	(rossin
nə	'a pessoa que fala, o emissor en	, um diálogo'.

A caracterização de pronome pessoal sujeito aqui apresentada tem por base a registrada para os pronomes pessoais na Gramática da lingua portuguesa de autoria de Celso Cunha. Rio de Janeiro: FENAME, 1977. 4º ed. p.276.

Ex.: • O meu colega gosta muito de ler. Ele tem muitos livros.

(ele = o outro)

A minha colega gosta muito de ler. Ela tem muitos livros.
 (ela = a outra)

nós, combinaçã a gente As combina

combinação variada entre emissor, receptor e outros.

As combinações possíveis são:

1) 'emissor + receptor'

Ex.: Menino falando ao irmão:

- Antônio, hoje nós vamos ao cinema.

ou

- Antônio, hoje a gente vai jogar bola.

2) 'emissor + receptor + outros'

Ex.: Professora conversando com um aluno:

 Pedro, amanhã você e seus colegas devem chegar cedo. Nós vamos planejar a festa.

ou

 Pedro, amanhã você e seus colegas devem che gar cedo. A gente precisa bater um papo.

3) 'emissor + outros'

Ex.: Menino conversando com a sua mãe:

Mãe, eu e João vamos sair. Nós vamos ao cinema.

ou

— Mãe, eu e João vamos sair. A gente vai jogar bola.

vocês, os senhores, as senhoras 'combinação entre receptores ou entre receptor e outros'. As combinações possíveis são:

1) receptor + receptor

Ex.: • Paulo e Tais, vocês vão distribuir os textos.

- Dr. José e Dr. Pedro, os senhores v\u00e3o receber os livros.
- Dr.ª Paula e D. Maria, as senhoras vão nos ajudar muito.

2) 'receptor + outros'

Ex.: • Paulo, quando os seus colegas chegarem, vocês vão fazer o exercício.

- Dr. Carlos, quando seus amigos chegarem, os senhores podem começar o trabalho.
- D. Sônia, quando D. Maria chegar, as senhoras podem começar o ensaio.

eles, elas

'as pessoas ou coisas de que se fala, os que estão fora do diálogo, os outros'.

Ex.: • Seus colegas já chegaram. Eles parecem estudiosos.

OU

 Suas amigas estão cantando. Elas parecem alegres.

Deve-se procurar o significado dos pronomes pessoais no texto ou, mais amplamente, no contexto em que estes são utilizados.

Os pronomes pessoais sujeito e o seu significado						
eu	emissor	nós, a gente	emissor	+ receptor		
			emissor	+ receptor		
ome Tab	Similari uma			+ outros		
ran unutsi			emissor	+ outros		
albeign mei	is pass out to					
você, tu	receptor	vocês, vós	receptor	+ receptor		
o senhor,		os senhores,	receptor	+ outros		
a senhora	Patridon a	as senhoras	-			
ele, ela	outro, outra	eles, elas	outros, outras			

3 Para que esta página tenha sentido

Uma página de teoria gramatical, mesmo que baseada em teoria adequada, proveniente de um corpus pertinente e de uma análise lingüística

Estudos lingüísticos e literários (número especial): 199-206, set. 96 205

exata, pode não passar de mais uma página de gramática. Para tentar garantir o seu êxito, isto é, para que o professor de 1º grau a entenda e ache que é necessário transmitir o seu conteúdo, é preciso preparar o professor e convencê-lo da validade do que é proposto.

Por isso é que esta página de teoria gramatical não é apresentada isoladamente ao professor de 1º grau e sim como parte de um conjunto que, por falta de melhor denominação, estamos chamando de Manual.

Este Manual, de início, apresenta um texto dirigido ao nosso "Caro colega", 6 o professor do 1º grau, explicando o que é uma gramática e a proposta de renovação da gramática pedagógica. Para que ele acompanhe bem o conteúdo subseqüente, são tecidas considerações sobre "A língua que falamos": a sua variação geográfica, sua variação de registro e outras. Daí começamos a fazer-lhe um "Convite à reflexão", reflexão esta que terá por objeto os pronomes pessoais sujeito, partindo sempre do uso da língua como base da sistematização subseqüente. Na verdade, é o caminho que gostaríamos que ele seguisse com o seu aluno. Só depois são apresentados estes pronomes sob a forma de "Gramática comentada", dando finalmente origem a "Uma página do livro didático".

Após ter garantido o conhecimento do conteúdo a transmitir, serão apresentadas algumas sugestões "Sobre o ensino da gramática no 1º grau", provavelmente acompanhada de uma aula planejada.

Conclusão

Esperamos, assim, que a nossa "Uma página do livro didático do 1º grau", após ter percorrido tão longo caminho, partindo do Projeto NURC, sendo construída pelo projeto "Os pronomes pessoais sujeito na norma culta do Brasil", esteja cercada dos elementos necessários para chegar ao seu alvo, o aluno do 1º grau, facilitando a sua aprendizagem.

É o que desejo e espero.

Agora aguardo as observações que os senhores queiram fazer, melhor ainda se acompanhadas de sugestões.

⁶ Estão entre aspas os títulos dos diversos capítulos deste Manual.

Alguns aspectos da linguagem na sua realidade histórica

Lys Miréia Santanchè

Resumo

A linguagem se apresenta sob três aspectos fundamentais , distintos e ao mesmo tempo indissoluvelmente ligados: a liberdade de criação individual, a norma fixada pela tradição, o curso histórico. Esta análise tenta captar alguns processos do fato lingüístico considerado no seu desenrolar histórico. Examinam-se aspectos diversos da linguagem na sua realidade concreta, em relação ao mundo atual de que é expressão, no incessante fluir e refluir de modelos em que se manifesta a sua vitalidade. As características conjuntas das formas expressivas em dado tempo e lugar, sua tendência a difundir-se ou a desaparecer em determinadas condições de cultura, permitem definir a natureza de cada idioma e se identificam com a vida e a história da linguagem. Trata-se das modificações que as línguas sofreram em sua vida histórica e as relações entre linguagem e grupos sociais, entre línguas e dialetos, língua comum e culta, línguas nacionais e internacionais.

Sprachwissenschaft ist gleich Sprachgeschichte (Hermann Paul).

Só que — assim como a descrição não é distinta da história, mas é sempre uma parte desta — a história lingüística, enquanto "história interna", não é distinta da descrição, mas é a descrição dos sistemas lingüísticos por meio de suas realizações históricas. A separação metodológica entre sincronia e diacronia já deu — ao menos do ponto de vista teórico, se não prático - todos os frutos que podia dar e já é tempo de entender a relação entre os dois planos, em seu sentido real e histórico, como relação dinâmica entre possibilidade e realização, entre técnica funcional (estrutura ideal) e técnica aplicada (estrutura realizada).

COSERIU, E., Estudios de lingüística románica, 1977.

Voi sapete che, quando un popolo ha perduto patria e libertà e va disperso pel mondo, la lingua gli tiene luogo di patria e di tutto...

SETTEMBRINI, L., Ricordanze della mia vita, 1961

O fato lingüístico está hoje no centro das mais diversas pesquisas científicas; os estudiosos e os críticos literários se deparam a todo momento com os problemas do signo e do significado, da expressão e da comunicação, da palavra e da língua e, como bem exprime Benveniste, "talvez perce-

bam que a configuração da linguagem determine todos os sistemas semióticos"¹.

Esta é uma tentativa de apresentar as características conjuntas das formas expressivas em dado tempo e lugar. Amado Alonso define "idioma ou língua como o sistema de expressões com que se entende uma comunidade". O estudo desses organismos empíricos que são as línguas continua o único acesso possível à compreensão do funcionamento da linguagem, que na sua tendência a difundir-se em determinadas condições de cultura se identifica com sua própria vida e história.

Considerando os diversos aspectos da linguagem na sua realidade concreta, é relevante identificar inicialmente as condições em que ela cumpre uma de suas tarefas fundamentais: a comunicação entre os membros de grupos sociais, com suas características distintivas.

As distinções lingüísticas não coincidem necessariamente com as de raça e costume — a sua marca como instrumento expressivo é a de ser fruto direto da mentalidade dos povos - mas as condições que as determinam exercem influência sobre os fenômenos da linguagem: exemplo evidente é a história do inglês na América do Norte, trazido por colonizadores, nem todos ingleses, que não só sobrepujou quase totalmente as linguagens nativas, mas também assimilou e continua a assimilar a dos numerosos imigrantes, provenientes dos lugares mais diversos. Caso contrário é o exemplo eloquente dos hebreus, que, menos misturados do ponto de vista racial, falam, ao invés, as línguas dos países em que vivem, conservando, como meio expressivo reservado a usos particulares, sua língua de origem; na cosmopolita cidade de São Paulo, formaram um populoso bairro comercial com todas as características do gueto, onde se pode constatar este curioso fenômeno de convivência da língua local, ao lado do idiche, também corrente; o ressurgimento da língua hebraica, ligada a acontecimentos históricos e políticos, é símbolo de ideais novos e mais válidos.

A língua e o ambiente familiar: a começar do núcleo social mais reduzido, a família, a criança aprende, crescendo, a linguagem do ambiente em que vive. Da jurisdição da mãe passa à do pai, que muitas vezes lhe ensina um ofício, e assim vai enriquecendo, mais tarde, a própria linguagem em contato com os adultos, conforme os métodos e as possibilidades de educação e as experiências de vida. Tais experiências, ampliando-se, comportam um enriquecimento qualitativamente e quantitativamente diverso, conforme sua capacidade e suas novas exigências culturais.

¹ BENVENISTE, E. Problèmes de linguistique générale, Paris: Gallimard, 1966.

² ALONSO, A. Gramática castellana, B. Aires: Losada, 1950.

O enriquecimento da linguagem se dá, portanto, com o fato de que, em cada um dos ambientes com que o indivíduo entra em contato, por motivos de educação, trabalho ou profissão, ele tem oportunidade de apreender os meios lingüísticos aí elaborados, o que hoje se chamaria feedback.

A este propósito merecem especial menção as chamadas **línguas especiais**: *gírias* ou *jargões* ricas de expressividade, com as características de um *signum* social.

Considera-se linguagem especial o modo de falar próprio de um grupo, que se comunica também com a língua da comunidade em que vive. Nas suas várias formas, a gíria ou jargão é um fenômeno lingüístico que retorna em qualquer tempo ou país: o *furbesco* italiano, *argot* francês, *caló* espanhol, *rotwelsch* alemão, *cant* inglês, *calão* português foram conseqüência e expressão das relações entre os membros de um determinado grupo social e da necessidade de reforçar, defender e conservar exclusivas tais relações. As características distintivas das línguas especiais são naturalmente diversas conforme as necessidades e as circunstâncias que as determinam, e variam no tempo. Entre elas o *argot* ocupa um lugar destacado, por seu léxico original e a riqueza de sua etimologia, ao longo de mais de cinco séculos; a formação deste jargão específico das classes marginais organizadas ligou-se ao aparecimento na Europa dos grupos ciganos, que muito o influenciaram.

Linguagens especiais, não secretas, são as gírias dos grandes centros escolares, dos internatos, das universidades, dos soldados nos quartéis. A comunidade de vida e de hábitos, com a forte consciência de grupo e a vontade de sobressair favorecem o aparecimento dessas gírias, que com o tempo vêm a ser um sinal distintivo do grupo, um título de originalidade que os novos membros aprendem e usam com certo orgulho de casta. Já expressos com a marca do segredo, pela vontade de comunicar-se com os companheiros sem ser compreendidos, surgiram os jargões dos mercadores e malfeitores, caracterizados por uma hipertrofia de formações expressivas, termos técnicos e termos secretos e diferenciados pelo tipo de vida de uma classe à margem da sociedade, com atividades e técnicas especiais (prostituição, mendicância, roubo etc.); que, por isso mesmo, constituem um signo do grupo. Assim demonstram estes exemplos do jargão internacional: caire (argot) 'dinheiro', calote (calão) 'logro', camarada (vocabulário dos soldados da Espanha), camelô, baron (gíria americana) 'ricaço', banzé (calão) 'gritaria', gajo (calão) 'homem', pal (cant) 'amigo', rato (calão) rat (argot) ratte (rotwelsch) 'ladrão noturno', mangar (caló) 'mendigar', pirarse (caló) 'escapar', e algumas expressões da malavita do sul da Itália (a Camorra napolitana e a Mafia siciliana). Os jargões usados nas seitas religiosas ou políticas chegam a constituir um vínculo para os associados, quase o símbolo de ideais comuns, e têm a ver com a solidariedade de grupo — lembremse as conotações místicas da linguagem do candomblé na Bahia: *orixás*, *axé*, *mãe-de-santo*, etc.

Uma constatação se impõe: os jargões surgem com as profissões ambulantes, exercidas em comum; entendendo-se a "profissão" no sentido sociológico e abrangendo os ofícios regulares e irregulares, como o de malfeitor.

Formados em condições e lugares muito diversos, os vários jargões ou gírias têm a característica comum de não afastar-se muito, na morfologia e na sintaxe, da língua ou dialeto onde nasceram e de possuir um vocabulário particular, rico de expressividade, como na gíria dos capitães de arela de Jorge Amado: topar 'aceitar', tira 'policial', gringo 'estrangeiro', frangote 'rapaz', desembuchar 'falar', abafar 'furtar', porrada 'surra', bico 'boca', xadrez 'cadeia', bater asa 'fugir', canja 'fácil'. Algumas formas de jargão, como a do mercado negro durante a última guerra — tubarão era o que explorava o povo, vendendo a preços altos os produtos racionados — têm duração limitada; do mesmo modo, candango foi o peão que construiu Brasília, a própria palavra peão difundiu-se com a implantação do Pólo Petroquímico de Camaçari na Bahia, designando a um certo momento qualquer trabalhador da indústria, não só da construção civil. Alguns termos de gíria são característicos da vida moderna nas grandes cidades do Brasil: engarrafamento, pivete, puxar 'fumar droga', puxador 'de droga', 'de carros'.

As fronteiras entre o jargão de um lado e a língua nacional do outro não são nítidas, pois, o jargão é constituído essencialmente de material nativo, forma um ramo da linguagem popular, transmitindo ao dialeto e à língua alguns termos tidos como mais eficazes e expressivos. Há, porém, toda uma gradação de tipos de jargão, pois, o caráter secreto próprio de alguns induz a criações sempre novas, enquanto os jargões profissionais são mais próximos às **línguas técnicas**, a seguir descritas:

Existe uma linguagem técnica inerente a todo ofício, profissão ou arte que, com terminologia própria e como o jargão, se diferencia da língua comum, sobretudo, no léxico: algumas características, porém, distinguem os dois tipos de linguagem:

Jargão ou gíria

- seu léxico tem sobretudo motivos expressivos.
- tende a transformar o vocabulário corrente e local.
- seu uso não pressupõe cultura.

Língua técnica

- seu vocabulário é caracterizado pela precisão.
- cria e usa um léxico especial mas universal.
- seu uso manifesta cultura.

O emprego de formas e imagens próprias das línguas técnicas é sinal do alto nível cultural da língua e de modos de expressão mais precisos: as

metáforas da língua científica ou esportiva em nossos dias, a freqüência de formas abstratas na época áurea da filosofia grega etc. Algumas ciências, como a Informática, chegaram a montar um vocabulário especial- ex. input/output- potencialmente aplicável a todas as áreas e de valor absolutamente internacional. Em relação à propriedade de termos técnicos, considerem-se os diversos significados da palavra "operação" usada por um economista, um general, um cirurgião ou um professor de matemática.

Daí se passa a considerar as línguas no espaço, no tempo e nos vários estratos sociais: os dialetos que são línguas locais. A história das línguas maiores mostra como nasceram de dialetos culturalmente elaborados e generalizados em circunstâncias particulares, de modo que a análise da natureza e dos limites do dialeto pode fornecer dados precisos para esclarecer a própria natureza e a formação das línguas.

Os dialetos são modos mais rústicos de falar, que supõem um retrocesso em relação ao alto grau de cultura alcançado pela língua geral. Na França e na Itália há dialetos fortemente diferenciados do francês e do italiano, na Espanha não tanto. Os dialetos franceses e italianos desenvolveramse diretamente do latim, portanto, são falas paralelas à língua nacional e não corrupções da mesma. Ao passo que os dialetos andaluzes e os da América Latina são derivados modernos do castelhano³. O português do Brasil, influenciado pelos fatores exógenos e endógenos da colonização, enriqueceuse de novos elementos.

As bases do prestígio lingüístico podem ser de natureza variada, predominantemente políticas, religiosas, literárias ou contemporaneamente políticas, religiosas e literárias; o dialeto é determinado pela ação de fatores mais localizados e regionais, que se tornam mais eficazes à medida que diminui a faculdade centralizadora da língua a que se contrapõem; foi o que aconteceu quando o latim se subdividiu nas variedades românicas, enquanto um processo contrário de unificação lingüística continuou por séculos nas várias regiões de língua neolatina. Neste aspecto, língua e dialeto constituem entes complementares nas várias localidades, ligados por uma relação que muda no tempo.

Os fatores que contribuem para a distinção de um dialeto podem ser de natureza geográfica, política, econômica ou histórico-cultural. Saussure "homme des fondements" (Benveniste 1963,8) visitou a Lituânia ainda jovem para estudar os dialetos eslavos que conservaram até nossos dias um aspecto indo-europeu tão arcaico; o sardo, já considerado por Meyer-Lübke e outros grandes romanistas como uma língua, ocupa posição especial entre

³ Cf. ALONSO, A. Ibid. 2

os dialetos italianos e no mundo neolatino, ainda que, com o aumento das comunicações entre a ilha e o continente, tenda a uma rápida integração à língua nacional. Acontecimentos históricos seculares para isso concorreram: as características especiais da latinização da Sardenha e a influência das diversas dominações. O estado atual se caracteriza como passagem de dialeto a língua, configurando o sardo como um tipo de língua elementar. Conserva traços arcaicos na fonética, no léxico e na sintaxe, tendências latinizantes principalmente na morfologia, enquanto a influência do italiano se faz notar sobretudo na língua das grandes cidades.

A intensa renovação dos sistemas lingüísticos dialetais se apresenta com clareza nas suas linhas gerais. O que se constata é que, por dentro dos dialetos e de cada uma das línguas técnicas e de grupo, existe uma gradação de formas ligadas à capacidade pessoal e ao nível de cultura do falante.

Uma classificação prática, mesmo que não corresponda à infinita variedade dos casos concretos, é distinguir no conjunto das grandes línguas unitárias uma língua falada e outra escrita, a língua comum e a culta, ou melhor, toda uma gama de línguas da poesia, da eloqüência, da ciência, da filosofia, da religião etc. As grandes correntes inovadoras do léxico se difundem a par dos motivos culturais que estão na sua origem. Ilustram bem este fenômeno os exemplos citados por Migliorini⁴, que demonstra como os prefixos do tipo aero-,auto-,eletro-,fono-,foto-,moto-,radio- etc., criados talvez no âmbito da química, impostos com o difundir-se da eletricidade, do automobilismo, da aviação, do rádio se estenderam sempre mais com a divulgação de novas invenções.

A distinção entre **língua escrita** e **língua falada** é talvez a que mais se justifique objetivamente. O uso da escritura exerceu profunda influência sobre os fatos da língua e da cultura em geral; permitiu, por exemplo, que através dos textos sobrevivessem línguas, hoje talvez extintas: o hebraico bíblico, o latim, os antigos textos gregos vindos à luz na era humanística; à nova difusão de idéias antigas uniu-se naquela ocasião o uso do grego antigo e do latim clássico pelos eruditos e a penetração de elementos destas línguas no léxico, na morfologia e na sintaxe das línguas modernas.

Em âmbito sincrônico, os lingüistas reconhecem hoje, à diferença dos estudiosos de cunho romântico, a grande importância da língua escrita. Tanto nesta como na outra existem muitas expressões estilísticas, desde a simples anotação até à obra política, mas mesmo quando tenta reproduzir a linguagem falada, a língua escrita se distingue por sua superioridade cultural. Hoje em dia, a língua escrita constitui de certo modo a norma da falada.

⁴ Migliorini, B., Saggi sulla lingua del novecento, Firenze 1942.

A linguagem do jornalismo e da mídia constituem um grau intermediário, quase o ponto de encontro entre língua escrita e língua falada.

Em última análise, se coloca a distinção mais genérica entre **língua** culta e **língua comum**; o binômio língua culta/ língua comum, não como termos opostos, mas como estádios diversos de um mesmo desenvolvimento, convivem na mesma sociedade ou nos usos de um mesmo indivíduo. A língua culta é meio e expressão de toda manifestação mais elevada do pensamento, a língua comum é a que serve aos usos quotidianos da comunicação; as duas correspondem a uma gama variada de atuações lingüisticas.

Em geral, os momentos de mais fecundo desenvolvimento lingüístico são aqueles em que a circulação entre os vários tipos de língua é mais viva e intensa, em que os estratos de gíria e dialeto, os estratos literários e técnicos não se fecham um ao outro, mas cada um a seu modo contribui para a variedade expressiva da língua culta, que, por sua vez, tende a expandir-se e tornar-se comum. A prosa grega ática do século V, fusão harmoniosa da língua nacional com as formas mais ágeis e coloridas dos jônios e outras mais científicas e elaboradas dos dóricos, ofereceu um exemplo vivo da confluência de elementos de origem heterogênea numa língua vital.

Conseqüência natural do estado de maturidade e vitalidade de uma língua é a tendência a expandir-se, impondo-se a dialetos e outras línguas de minoria. Não é o caso de insistir sobre a força expansiva típica das grandes línguas de cultura, como as línguas clássicas já mencionadas. O prestígio do francês e, por um certo período, do alemão e a atual difusão do inglês denotam a intensa força expansiva das línguas de alto nível cultural.

A sobreposição de línguas diversas pode produzir vários resultados em conseqüência de fatores de ordem material e espiritual: pode prevalecer a língua dos invasores depois de um período de bilingüismo, durante o qual ela assimila traços mais ou menos numerosos do idioma subjugado, como se deu com a colonização dos espanhóis, na América Latina e a dos ingleses, na América do Norte; ou prevalece a língua do povo dominado, como aconteceu depois da queda do Império Romano, quando o latim se afirmou sobre a linguagem dos bárbaros, assimilando-a e substituindo-a.

Na sincronia atual, a difusão da ciência, a uniformidade dos meios técnicos, as formas freqüentes de lazer, como os esportes, o cinema e a mídia, constituem potentes impulsos a uma unificação lingüística, favorecida sempre mais pelas condições modernas da civilização: as diversas línguas da Europa e da América, também usadas em outros continentes, a Comunidade Européia, hoje têm em comum campos inteiros de vocabulário, ligados aos mais diversos usos e noções. Seu léxico torna-se o espelho mais

imediato e sensível dos fenômenos culturais, a uniformidade de gostos e de mentalidade que se processa em povos diversos não deixa de influir nos fatos sintáticos e morfológicos e repercute também na fonologia.

No início dos anos setenta, a tendência a recuperar a dimensão comunicativa da linguagem verbal, junto a sua dimensão expressiva, teve novo impulso. Neste contexto se insere o "Projeto de línguas modernas" do Conselho da Europa, visando a promover a circulação de idéias e de pessoas no âmbito da Comunidade Européia e a melhorar a recíproca compreensão entre os cidadãos dos vários países da Europa.

Um último aceno às **línguas mistas**, constituídas por necessidade de comunicação- o exemplo mais típico é o das línguas crioulas no interior da Bahia ou do *pidgin* nos Estados Unidos- em que o léxico predominante é o da língua colonizadora, mas a gramática e a sintaxe são extremamente simples, para facilitar a compreensão e a aprendizagem pelos nativos.

Finalmente, em esferas mais elevadas, a necessidade de comunicação levou à adoção de **línguas cultas**, conhecidas como segundas línguas para fins comerciais, administrativos, diplomáticos etc., como já o eram o babilônio na Antigüidade, o grego, o latim medieval, o chinês do Extremo Oriente, que tiveram maior extensão e duração que os impérios onde eram falados.

Os diversos aspectos do fato lingüístico considerado no seu desenvolvimento histórico mostram que as línguas conservam o patrimônio espiritual dos povos em forma potencial; sua conservação é assegurada por um harmônico equilíbrio entre as livres forças criativas e a autoridade da norma.

Como toda forma mais elevada de liberdade, a linguagem, no curso de sua história, cria a própria lei, as normas da própria existência, a estrutura que rege a própria tradição. Ela se identifica com a cultura, a que cada um dá forma e expressão no ato lingüístico.

Referências bibliográficas

ALONSO, A. Gramática castellana. B. Aires: Losada, 1950.
BECCARIA, G.L. (a cura di) I linguaggi settoriali in Italia. Milano: Bompiani,1983.
BECKER-HO, A. Les princes de jargon. Paris: Gallimard. 1993.
BENVENISTE, E. Problèmes de linguistique générale. Paris: Gallimard, 1966.
DE MAURO, T. Storia linguistica dell' Italia unita. Bari: Laterza, 1993.
GUIRAUD, P. L'argot. Vendôme: Presses Universitaires de France.1958.
MIGLIORINI, B. Saggi sulla lingua del novecento. Firenze: Sansoni,1942.
MEILLET, A. Les langues dans l'Europe nouvelle. Paris: 1928.
SABATINI, F. La comunicazione e gli usi della lingua. Torino: Loerscher, 1990
SCHICK, C. Il linguaggio. Torino: Einaudi, 1972.

TERRACINI, B. Conflitti di lingue e di culture. Firenze: Le Monnier,1957.

A noção do latim vulgar

Mario Augusto da Silva Santos UFBa

Resumo

O interesse em esclarecer a origem das línguas românicas levou a uma explicitação de que forma do latim elas teriam provindo. Aparece a noção de *latim vulgar* em oposição a *latim literário* ou *erudito*. Mas a tendência a confundir o critério do registro com o da periodização levou à necessidade de uma explicitação do conceito. Surgem identificações: latim vulgar = latim falado. Mas todo latim falado seria vulgar? É possível detectarem-se imprecisões e uso inadequado de certas categorias por parte de autores que trataram da questão e buscar alguma contribuição de esclarecimento na própria origem histórica do termo *latim vulgar*.

O raio da influência da língua latina se estendeu até regiões bem distantes da sua área original na planície do Lácio. Populações de variadas procedências adotaram-na como instrumento básico de comunicação ou com ela conviveram ao lado do seu idioma materno durante séculos desde a expansão de Roma para fora das suas primeiras fronteiras até o surgimento de diferentes línguas modernas na Europa.

A percepção de que a língua falada era uma continuidade do latim deve ter permanecido entre seus usuários durante longo tempo, naquelas áreas onde o idioma nativo das populações fora substituído pela línguas de Roma, mesmo após sua queda sob o domínio dos hérules, grupo germânico, em 476 d.C. Os falares ancestrais das línguas românicas começavam a constituir-se, afastando-se cada vez mais de sua matriz — o latim —, mas o reconhecimeno oficial de tal fato só se daria em 813, no concílio de Tours. Aí, os bispos do ocidente decidiram que, durante a missa, a homilia deveria ser feita não em latim, mas na língua usada pelos fiéis, para uma necessária comunicação. Vinte e nove anos mais tarde, apareceria aquele que é considerado o documento mais antigo de uma língua românica, os *Juramentos de Estrasburgo*, compromisso entre os netos de Carlos Magno e Luís, em duas versões: em língua romance e em língua "teóstica", sendo esta a ancestral de diversos falares germânicos atuais¹.

Cf. TAGLIAVINI, Carlo. Le origini delle lingue neolatine. 2ª ed., Bologna: Casa Editrice Prof. Riccardo Pàtron, 1952, p. 421.

Muito antes, porém, que qualquer língua romance ganhasse expressão escrita, o povo já vinha realizando inovações e mudanças no latim recebido havia séculos dos dominadores romanos, nas regiões da chamada România. Por isso, talvez, aquele reconhecimento dos bispos em Tours fosse um tanto tardio. Além do mais, nunca a maioria das populações das províncias romanas usara o latim litúrgico, que era, basicamente, o mesmo latim literário ensinado nas escolas e praticado pelos letrados em suas realizações escritas. Isso porque fora diverso o latim recebido dos colonos, uma outra modalidade, o latim vulgar. Tanto o reconhecimento em Tours fora tardio que, já no século IV, Santo Agostinho, chamava a atenção para o perigo de uma incomunicabilidade entre a Igreja e o povo, preferindo uma melhor compreensão entre ambos do que a obediência à gramática:

melius est reprehendant nos grammatici quam non intelligant populi2.

Ao longo dos séculos que vão do início da romanização até o Concílio de Tours, houve revelações da divergência entre os falares usuais e a norma latina padrão. Fonte significativa, sempre citada e utilizada pelos romanistas é o *Appendix Probi*, de data incerta de elaboração, mas não anterior a 568 d.C. Aí são arroladas duzentas e vinte e sete palavras como eram então faladas na região da Lombardia durante o início da Idade Média, sendo corrigidas conforme a norma do latim literário³. Preocupações como a do *Appendix*, que demonstram a existência de formas "incultas" de palavras e construções, podiam ser encontradas em gramáticos romanos do século III a.C. até o início do século IX, como o historiador lombardo Paulo Diácono⁴.

Só no início do século XVII, entretanto, foi que a língua do povo, uma "língua vulgar", como provável matriz das línguas românicas modernas, tornou-se objeto de reflexões sistemáticas. Talvez o primeiro estudo significativo a respeito tenha sido o que se publicou no ano de 1601, em Veneza, de autoria de Celso Cittadini, de Siena, intitulado *Trattato della vera origine e del processo e nome della nostra lingua*. Aí se fazia o italiano remontar a uma lingua "falada e tosca" e não "elegante e cultivada". Seguem-se os trabalhos de Gilles Menage, que viveu até o ano de 1692 e escreveu sobre a origem das línguas francesa e italiana, referindo-se a um "latim vulgar". Outro a incluir a mesma questão nas suas observações sobre a língua francesa foi Pierre-Nicolas Bonamy, que, no século XVIII, afirmava ter-se o francês derivado do latim popular e não do latim dos literatos e dos gramáticos⁵. Na

^{2.} Apud VIDOS, B. E. Manual de lingüística románica. Madrid: Aguilar, 1963, p. 177.

^{3.} Cf. VÄÄNÄNEN, Veiko. Introducción al latin vulgar. Madrid: Gredos, 1967, p. 301

^{4.} Id. ibid., p. 41

^{5.} Cf. TAGLIAVINI, C., op. cit., p. 7

primeira edição do seu Lexique roman ou dictionnaire de la langue des Troubadours, de 1838 a 1844, François Raynouard, sem nomeá-lo "vulgar", falava de um latim popular, do qual se teria originado uma língua românica, falada com poucas variações do século VII ao século IX, e que seria idêntica ao provençal, ancestral das línguas românicas restantes. Em meio aos grandes avanços dos estudos lingüísticos no século XIX, Frederico Diez publicou entre 1836 e 1843 a sua Grammatik der romanischen Sprachen, na qual, nas sua palavras iniciais, adverte para a origem comum de seis línguas românicas, não do latim clássico, mas da língua popular dos romanos, que era usada ao lado do primeiro⁶. Assim, o pai da filologia românica estabelecia de forma inequívoca a existência e a importância de uma modalidade do latim, alternativa à norma culta. Estava indicada uma direção para estudos filológicos contemporâneos: a recuperação ou reconstrução do latim vulgar.

Mas o que teria sido esse latim vulgar?

Em primeiro lugar, podemos dele falar com a mesma segurança que usamos para tratar do latim escrito de Cícero e de César? Certamente que não. Muitas são as lacunas e as dúvidas. Apesar das muitas contribuições de lingüistas e de historiadores, uma aura de nebulosidae continua a envolvêlo, a ponto de se afirmar, às vezes, que ele é uma "abstração".

O latim vulgar foi o latim falado de diversas formas em momentos vários da história do latim. Neste sentido, ele pode ser oposto a latim escrito, que, na sua modalidade mais cultivada, constituía o chamado latim literário, latim erudito ou, às vezes, latim clássico, sendo este o do século de Augusto. Assim o latim vulgar teria sido a realização oral do latim desde a presença de tal língua como instrumento de comunicação no Lácio até sua transformação em línguas românicas. Para efeito de comparação, a oposição mais significativa é a que se pode fazer com a forma que foi fixada como norma culta a partir das manifestações literárias do final do século IIV e que muito deveu aos padrões gramaticais gregos. Embora já tivessem ocorrido manifestações escritas anteriores, estas deveriam estar mais próximas das realizações faladas, assim como as posteriores no chamado baixo-latim⁷. Nessa acepção, latim vulgar seria sinônimo de latim falado ou, se atentarmos para a precedência da fala sobre qualquer outra expressão lingüística, simplesmente, latim.

Os filólogos, contudo, rejeitam dar como sinônimo de latim vulgar a expressão latim falado pela falta de documentação de como se dava a rea-

^{6.} Id. ibid., p.5 a 11.

^{7.} Cf. VÄÄNÄNEN. op. cit., p. 36 a 39.

lização oral dessa língua. Isso porque, paradoxal e ironicamente, para reconstituir a língua falada deveríamos contar com testemunhos escritos. Mas porque se trata de realização oral, dela não há textos escritos. No máximo, há frases isoladas ou apenas palavras, sujeitas a dúvidas quanto à sua representatividade, uma vez que, quando alguém escreve, procura seguir tanto quanto pode a norma culta. Já testemunhos gramáticos seriam mais exatos, desde que, ao lado das formas ideais, colocam as praticadas pelo povo. Mesmo aqui, há restrições, pois, talvez, os gramáticos só corrigissem "erros" que observavam em seus discípulos, e que seriam infrações à gramática padrão, mas de forma individual e não reproduzindo fielmente a realização dominante no povo inculto⁸.

Outro aspecto a considerar é que não se pode perder de vista que nenhuma realização lingüística é uniforme em toda a sociedade. Ao contrário, ela comporta muitas variantes, mormente se se trata de uma organização complexa como a de Roma. Se uma certa homogeneidade lingüística deve ter havido na comunidade original de agricultores e pastores do Lácio, logo que se fundou a cidade-estado, em seguida se foram compondo desiqualdades econômicas e sociais: homens livres/homens escravos por dívidas; patrícios/plebeus livres; patrícios/escravos trazidos de áreas vizinhas e de fora da Itália; plebeus livres/escravos estrangeiros. Diferenças de bens, de poder, de prestígio e de instrução se formam e se cristalizam, transportando-as para sua língua. Assim, o latim comportava variações diastráticas, desde a primeira diferenciação social. Em função da expansão do latim para fora do Lácio e desde o início da dominação de áreas vizinhas formavam-se variações diatópicas que se juntariam e se entrelaçariam às variações anteriores. Também se pode apontar uma variação diatópica a partir da existência de falantes de uma zona urbana e de uma zona rural, assim como de moradores de províncias e de moradores da capital, no tempo do Império.

Desse modo, não se pode pensar no latim vulgar como algo uniforme, mas como uma expressão que encerra diversidades de realizações orais de um mesmo sistema lingüístico. Acrescente-se que algumas variedades dialetais ainda comportariam variedades de registro. Membros da aristocracia culta, supõe-se pelos conhecimentos dos hábitos lingüísticos atuais e o pelas informações da época, não falariam em família da mesma forma por que se expressavam no Senado, por mais que sua realização fosse dominada pela norma padrão. O mesmo se passava até com o latim escrito. O Cícero das **Catilinárias** não é o mesmo das **Cartas**. Ele próprio glosa em

^{8.} Além disso, muito do que eles dizem como regra é, às vezes, fantasioso, conforme comentário de Väänänen. Cf. op. cit., p. 41.

uma delas a necessidade de adequar o uso escrito da língua à diversidade de situações. Narrando ao amigo Atticus seus debates com Clodius, assume o tom oratório que praticava no Senado, mas logo o interrompe e se auto-ironiza:

"Sed quid ago? paene orationem in epistulam inclusivi"9.

O latim falado comportava uma maior diversificação, enquanto a língua literária era mais uniforme porque submetida a imposições de modelos lexicais, sintáticos, retóricos etc. Entretanto, convém não esquecer que essa unidade também admitia diversidades, se atentarmos para os estilos individuais dos escritores. Ao mesmo tempo, aquela heterogeneidade do latim falado e levado para as províncias tinha uma homogeneidade fundamental, uma vez que era língua de uso comum e, na verdade, as variações eram realizações diferentes de um mesmo sistema lingüístico.

Uma noção que, às vezes, acompanha a expressão latim vulgar é a que a toma como indicadora de uma forma lingüística que teria sucedido ao latim clássico. Tal idéia é a de que língua literária, a partir do século III, tendo passado a assimilar certos vulgarismos que já existiam na língua falada, terse-ia "barbarizado", passado a ser vulgar e a ter uso generalizado, desaparecendo o latim clássico. Na verdade, trata-se do baixo latim, que representa uma fase da língua escrita que, agora, como que se democratizara, deslocando regras que, antes, pareciam imutáveis e assumindo certas realizações da fala. Contudo o que aqui chamamos latim vulgar sempre fora falado e continuaria a sê-lo ainda durante algum tempo, jamais tornando-se língua escrita como o latim clássico e o baixo latim. Todos, uma só língua porque um só sistema, mas o primeiro com modalidades escritas em momentos diferentes de sua história.

Estabelecido que o latim vulgar era latim falado, esclareçamos: todo latim falado era latim vulgar?

Há uma resistência generalizada entre uma boa parte dos lingüistas em fazer sinônimas as duas expressões. Em primeiro lugar, porque, como se apontou linhas atrás, o falado não era substantivamente conhecido, sendo muito mais hipotético. Em segundo, porque se relutava em aplicar o adjetivo vulgar para os segmentos dominantes da sociedade de Roma, segmentos que eram suficientemente letrados para usar formas mais apuradas da língua, mesmo no registro coloquial. Não vamos aqui realizar um balanço desses autores, mas citaremos alguns que nos parecem ter posições que merecem comentários.

^{9.} Apud PICHON, René. Histoire de la littérature latine. Paris: Hachette, 1908, p. 175.

lordan & Manoliu são um tanto dúbios a respeito da identidade entre latim vulgar e latim falado, mas ao final de sua exposição, terminam dando razão a uma postura favorável, como a de Savi-Lopez:

"El latín hablado es el vulgar; ... El latín que, considerándolo vulgar, llegábamos casi a envilecerlo, ocupa, no obstante, el primer lugar, contiene todas las energías de una lengua viva y merece ser llamado "latín", sín más explicación". 10.

B. E. Vidos também parece hesitar em incorporar a denominação de vulgar para o latim falado e termina por distinguir formas populares de formas vulgares. As primeiras estariam mais próximas das aristocráticas, que, por sua vez, evidentemente, estariam mais próximas do padrão literário¹¹.

Serafim da Silva Neto repele o adjetivo vulgar porque, segundo ele, evoca

"noções erradas: vagabundo, ordinário, reles"12.

Sem explicitá-las, esse autor incorpora as noções de variação diastrática e variação diatópica e de registro (formal, coloquial etc) e, explicitamente, a de estilo, como uso individual da língua. Por isso, acha que a expressão latim vulgar, aplicada a todos os falantes do latim, não dá conta dessas variações. Em seguida, adota para a língua falada a designação de "língua corrente" e propõe-lhe o reconhecimento de quatro variedades:

"familiar (latim das classes médias, dos honestiadores influenciados pela urbanitas); vulgar (latim das baixas camadas da população, dos escravos); gíria (militar, dos gladiadores, dos marinheiros etc); provincial"¹³.

Nessa tentativa de associar a língua à condição social do falante, o autor comete algumas inadequações. Achamos necessário neste momento do estudo lingüístico introduzir certas noções da História Social e da Sociologia. Em primeiro lugar, dificilmente se pode aceitar uma "classe média" na sociedade agrária e com modo de produção escravista romana. Sempre é possível, porém, admitir-se a existência de camadas médias, compostas de plebeus livres de melhor condição econômica do que a do proletariado. Mesmo assim ainda resta algo a esclarecer: a aristocracia patrícia não fazia uso de um latim corrente? O latim que falava era o mesmo latim literário? Tudo indica o contrário, conforme mencionamos há pouco ao tratar do exemplo

Apud IORDAN, Iorgu & MANILIU, Maria. Manual de lingüística románica. Madrid: Gredos, 1980, p. 32.

^{11.} Cf. VIDOS. B. E. op. cit., p. 187 e 188.

^{12.} Cf. SILVA NETO, Serafim da. História do latim vulgar. Rio: Acadêmcia, 1957, p.24

^{13.} Id., ibidem, p. 27.

de Cícero nas suas cartas. Outra insuficiência dessa classificação é que nos parece por demais estanque, sem contemplar, portanto, o *continuum* que são as relações sociais e que se deveriam refletir na fala, revelando os intercursos dos diversos segmentos. É preciso não esquecer que a sociedade romana, apesar de não ser democrática, admitia certas convivências entre segmentos sociais diversos, que deixariam marcas na linguagem. Só como exemplos esparsos, citemos a lei Canuléia, de 445 a.C., que permitia casamentos entre patrícios e plebeus, e a própria convivência entre escravos domésticos e senhores.

Os critérios de classificação daquele autor nos parece inadequados e chegam a se superpor: condição social, localização, linguagem especial. As diversas situações e suas interpenetrações não são, porém, contempladas. Por exemplo, o latim provincial era uniforme ou, o que é mais aceitável, comportaria também a diversidade? Por outro lado, militares, gladiadores, marinheiros não falavam o latim vulgar, que o autor atribui às "baixas camadas da população"? Se falassem somente a sua gíria, não seriam entendidos pelo restante da sociedade. A gíria é uma linguagem especial de certos grupos profissionais, ocupacionais e etários e que pode, às vezes, ganhar uma maior disseminação. Estaria, portanto, dentro do latim vulgar. Exemplo de outra imprecisão é o uso do termo militar para indicar um segmento da sociedade. Militares eram os generais patrícios, assim como os soldados rasos plebeus da capital e das províncias. O autor revela a insuficiência de sua classificação ao acrescentar mais adiante:

"É só crer mesmo que os mais finos e nobres aristocratas empregassem, em determinadas circunstâncias, o <u>sermo familiaris</u> ... Nem sempre podemos estremar, com rigor, o <u>sermo familiaris</u> do <u>sermo vulgaris</u> ou de várias línguas especiais: <u>sermo castrensis</u> etc."¹⁴.

A dificuldade da distinção estava em que todas essas eram realizações orais de uma mesma língua. O próprio Silvio Elia, em outro momento, cita Bourciez, que aponta para a necessidade de não perder de vista a unidade na diversidade e aquele **continuum** que mencionamos linhas atrás¹⁵.

A postura de Theodoro Henrique Maurer Jr. aproxima-se da de S. da Silva Neto, sem que chegue a haver uma perfeita identificação entre ambos. O primeiro não avança muito na discussão, apontando apenas as divergências básicas entre os lingüistas: latim vulgar como latim popular, próprio de um segmento da sociedade; latim vulgar como latim falado, latim corrente,

^{14.} ld. ibid., p. 27.

^{15.} ld. ibid., p. 26

latim usual. Para ilustrar a primeira posição, ele cita F. Diez, para quem o latim vulgar era a língua das classes baixas:

"uso que revela em uma gramática mais descuidada, na tendência de perder as formas gramaticais, no emprego de numerosas expressões evitadas pelos escritores, em certas frases e construções peculiares" 16.

No segundo caso, descarta-se a noção de latim vulgar como corrupção da língua literária, que parece presidir e, equivocadamente, parece-me, as várias abordagens da questão. Neste caso, tende-se para a vertente da lingüística contemporânea a partir de Saussure, para a qual a língua é a falada, sendo a literária um subproduto posterior e convencionalizado em regras. Maurer Jr., contudo, prefere uma posição mais conciliatória, dando razão aos lingüístas atuais, mas achando que a anterior postura dos romanistas, dos quais, Diez é o lídimo representante, não pode ser abandonada de todo.

Um elemento informativo e esclarecedor deve ser trazido à discussão. Trata-se de que o adjetivo vulgar aplicado ao latim provém originalmente das expressões de Cícero: plebeius sermo e vulgaris sermo, que significavam fala corrente, fala comum, fala cotidiana¹⁷. Um autor como, Väänänen não vê dificuldades em chamar de vulgar o latim falado em diversos momentos da história da língua, sendo possível incluir na expressão todas as variações sociais e regionais dos usuários. Para ele latim vulgar era:

"la lengua popular y familiar ... la lengua viva y real"19.

Para finalizar, quero afirmar que qualquer que seja a denominação escolhida para a língua falada pelos romanos e exportada para outras partes do mundo — latim vulgar, latim corrente, latim popular, latim cotidiano ou, simplesmente, latim — , ela deve ser imediatamente associada a um conceito que contemple o dinamismo da língua, que a perceba como algo em constante movimento, tendendo para transformações e que admita em si uma grande gama de diversidades regionais, sociais e temporais.

Apud MAURER Jr., Theodoro Henrique. O problema do latim vulgar. Rio: Acadêmica, 1962, p. 12.

^{17.} Cf. VÄÄNÄNEN. op. cit. . p. 27 e 28

^{19.} ld.ibid., p. 29.

As proposições infinitivas em latim e nas línguas românicas

Rosauta Maria Galvão Fagundes Poggio

Resumo

Considerações sobre as proposições infinitivas completivas em latim e algumas peculiaridades morfossintáticas da sua construção nas línguas românicas.

1 A proposição infinitiva em latim

1.1 origem do emprego do acusativo com o infinitivo

A proposição infinitiva é empregada desde os primeiros textos latinos e o seu uso constante contribuiu para que se tornasse uma das características do latim, principalmente, o literário. Entretanto, em comparação com o grego, tal uso em latim clássico é bem mais restrito, preferindo-se nessa língua empregar completivas com *ut*. Por outro lado, há em latim muitos verbos e expressões que se constroem tanto com *ut* como com proposição infinitiva.

O latim apresenta a postura inovadora de exprimir o sujeito da proposição infinitiva no caso acusativo, construção esta que teve origem em sentenças em que o acusativo dependente do verbo principal exercia também a função de sujeito do infinitivo (ERNOUT-THOMAS, 1953, p. 320).

Em uma sentença como: jube hunc abire aliquo. (TER. Heaut 585 seq.) ('ordena que este se vá para algum lugar') hunc é o complemento direto de jube, enquanto abire é o infinitivo final. O reagrupamento da articulação sintática, em decorrência da modificação do ritmo do discurso, fez com que hunc abire passasse a ser considerada uma unidade. Esse foi o ponto de partida para atribuir-se ao infinitivo um sujeito, mesmo se o verbo principal não regesse um acusativo.

O que se nota, em certos casos, é que o acusativo complemento de objeto encontra-se mais estreitamente ligado ao infinitivo do que ao verbo do qual ele depende. É assim que surge a proposição infinitiva.

Isso se observa, por exemplo, quando se usa o acusativo numa pro-

posição infinitiva dependente de um verbo na passiva, que, logicamente, exigiria um nominativo com infinitivo.

J. Madvig estabelece uma diferença entre objeto com infinitivo e proposição infinitiva. Embora o tratamento seja o mesmo na passiva, há uma diferença lógica entre os dois tipos de frases, uma contendo a menção da pessoa que produz a ação indicada pelo infinitivo e a outra não contendo essa menção. (MADVIG, 1872, p. 374) Ex.: erus me jussit Pamphilium observare (TER. Andr. 412) ('meu patrão me ordenou observar Panfílio'). hominem corripi [...] jussit".(CIC. Verr. II, 3, 57) ('ordenou que se castigasse o homem').

1.2 Características da proposição infinitiva

A maior parte das características da proposição infinitiva decorre da própria natureza do infinitivo e, em particular, da perda de suas características verbais.

O infinitivo pode conservar um número maior de caracteres verbais ou adquirir um número maior de caracteres substantivos. Conserva uma natureza verbal na medida em que admite objetos e pode ter sujeito, como também tempo e voz. A natureza substantiva se evidencia quando é empregado como sujeito, ou como complemento direto, em lugar de um substantivo ou de uma proposição com *quod* (BLATT,1952, p. 198).

As proposições completivas infinitivas encontram-se estruturadas, em latim, de dois modos:

- a) sem sujeito expresso (infinitivo simples);
- b) com sujeito expresso no acusativo (infinitivo com acusativo) .

Quando o sujeito da proposição infinitiva é idêntico ao da proposição principal, ele é omitido. Ex.: dissoluti si cupiamus esse. (CIC. Verr. II, 4, 115) ('se desejamos ser livres').

Usa-se o infinitivo com sujeito no acusativo em proposições objetivas dependentes de verba declarandi, sentiendi, voluntatis e affectuum, empregados seja como verbos pessoais, seja como impessoais, para constatar uma relação.

Por analogia, o latim estendeu essa particularidade às proposições subjetivas, formadas de expressões compostas e de sentido equivalente a esses tipos de verbos citados.

O uso do acusativo sujeito na proposição infinitiva tornou-se tão freqüente que, mesmo quando esse sujeito fosse idêntico ao da proposição principal, o latim o exprimia mediante o emprego do pronome pessoal a que se referia. Alexander dicebat se esse filium Jouis ('Alexandre dizia ser filho de Júpiter').

O grego apresenta comportamento diferente, pois, nesse caso, usa o infinitivo simples.

Em latim, às vezes, o sujeito do infinitivo é subentendido, mesmo sem ser idêntico ao do verbo principal. Essa elipse se encontra, sobretudo, na linguagem familiar, nas histórias e, principalmente, nos discursos em estilo indireto.

Por influência grega, a supressão do pronome sujeito ocorre geralmente com verbos modais, como *possum*, *volo* etc., estendendo-se aos verbos *declarandi* e *sentiendi*, o que acontece se a proposição infinitiva e a principal tiverem o mesmo sujeito. Ex.: *licet me existimes desesperare ista posse perdiscere* (= *me ista posse perdiscere*) (CIC. *Or*.) ('embora julgues que eu não tenha esperança de poder aprender bem essas coisas') .

2 A mudança na estrutura frasal do latim

2.1 As proposições completivas infinitivas ou introduzidas por conjunções em latim e nas línguas românicas

No latim coloquial, as relações sintagmáticas do morfema verbal de modo tornaram-se mais estreitas. O subjuntivo da oração completiva introduzida por ut alterna com o infinitivo, inclusive depois dos verba voluntatis, quando o sujeito da completiva é co-referente ao da oração principal. Os limites entre as orações com quod e ut e as orações de infinitivo não eram claros. Segundo V. Väänänen, a construção com quod, desde o início, era também usada ao lado da construção com infinitivo depois dos verbos afetivos (gaudeo, miror, laudo, vitupero etc.) e foi ganhando popularidade e vantagem sobre a de ut. Nota-se que esta última não está representada em romance (VÄÄNÄNEN,1968, p. 255).

Na língua falada, se preferia usar, em lugar da proposição completiva com o infinitivo, a construção com quod com sujeito no nominativo e o verbo no modo pessoal, o que evitava a ambigüidade.

Como a proposição completiva está aparentada com a causal, por analogia ao *quod causal*, *quia* passou a ter o valor de completiva. Cícero, às vezes, escreve *laudo quod* e, outras, *laudo quia*. Com a evolução, preferiuse o emprego de *quod* e *quia*, com a forma verbal finita, em lugar do infinitivo, mesmo depois de verba *declarandi*.

No baixo latim, usava-se, também, por influência grega, uma proposição introduzida por quod e, mesmo por quia, substituindo a proposição

infinitiva depois de scire, discere e credere. Desde o século III, quia passou a ser a forma mais empregada. Nota-se, porém, a preferência por quod seguida de subjuntivo e quia seguida de indicativo.

Nas línguas românicas, o uso de *quia* como completiva generaliza-se, ficando reduzida a *qua* diante de consoante: port. ant. *ca*, e a **qui* diante de vogal, confundindo-se com *quid*, cujo reflexo é *que* em português. Continuadores do *quod* latino são rom. *ca* e it. merid. *ko*. (MANOLIU-MANEA, 1985, p. 340)

Em latim, as construções infinitivas não se encontram precedidas de preposição, e isso também se evidencia nos primeiros textos em língua vulgar na Península Ibérica, na Gália, na Itália e em outros territórios da România.

Depois de determinados verbos, nas línguas românicas, o infinitivo é precedido da preposição de: it. credo di avvere raggione; cerco di capire; fr. il a refusé de se plier aux modes intellectuelles; il craint de partir.

Com outros verbos, a preposição usada é a: it. imparo a leggere; comincio a leggere; fr. il continue à travailler; il apprend à danser; esp. comienzo a leer; aprende a bailar.

Porém, se o complemento é um sintagma nominal, não se usa a preposição: fr. il continue le travail; il apprent la musique; esp. el comienza su trabajo; todos los días se aprende algo. Em port. continua a trabalhar; continua o trabalho (MANOLIU-MANEA,1985, p. 317).

2.2 O uso das proposições infinitivas nas línguas românicas

Para se explicar as grandes mudanças produzidas nas línguas românicas, desde a época latina, como desenvolvimentos de orientação heterogênea em secções diferentes dos próprios sistemas lingüísticos, deve-se admitir a existência de uma coerência tipológica (COSERIU, 1977, p. 186, 199).

Dentre esses desenvolvimentos, alguns podem parecer "incoerentes", como o do sistema verbal frente ao do sistema nominal. Enquanto as formas do sistema nominal iniciam, já no latim vulgar, um processo de simplificação e remodelação, nas formas verbais, a flexão se mantém, com algumas alterações, refazendo-se até os dias de hoje.

A desflexionalização nominal aparece muito cedo, intensifica-se através dos séculos, e o afastamento das prescrições convencionais da gramática clássica favorece o surgimento da tipologia nominal das línguas românicas. Enquanto as flexões casuais proporcionavam aos nomes uma relativa liberdade de posição na sentença, a ordem gramatical românica não-enfática é que vai expressar a antiga distinção entre nomintivo e acusativo: sujeito + predicado + complemento (CÂMARA JR., 1976, p. 24).

Além do mais, as preposições, inicialmente, usadas diante do acusativo e do ablativo, a fim de caracterizarem alguns complementos verbais, passam a figurar em outros tipos de complementos expressos pelos casos dativo ou genitivo (TARALLO, 1990, p. 147).

Ocorre uma redução gradual da flexão dos casos, com um processo de sincretismo lento, que culmina com a fixação dos nomes na forma única do acusativo para qualquer função sintática (CÂMARA JR., 1976, p. 72-73).

O princípio geral que estabelece a coerência funcional no tipo lingüístico seria formulado para as línguas românicas como a existência de determinações materiais "externas" (sintagmáticas), no que concerne às funções "externas" ou relacionais, como as funções dos casos, e determinações materiais "internas" (paradigmáticas) para as funções "internas" ou designativas, não relacionais, como o número (COSERIU, 1977, p. 195).

A flexão verbal, diferente da flexão nominal, evoluiu livremente, manifestando uma tendência ao enriquecimento dos valores temporais, devido ao fato de que os morfemas verbais, com exceção dos morfemas de pessoa, raramente estabelecem relações unívocas (IORDAN, MANOLIU, 1972,v. 1, p. 320-321).

O uso das subordinadas introduzidas por conjunção vai aumentando cada vez mais, relativamente ao uso das orações sem conjunção. Nesse particular, observa-se, nas línguas românicas, o quadro das conjunções subordinativas alterado, tendo o *que* assumido a forma modelo dos mecanismos hipotáticos (TARALLO, 1990, p. 164).

Apesar das profundas mudanças ocorridas na sintagmática do modo, observa-se que, na evolução românica, destacam-se algumas constantes. Vale acrescentar que, para I. lordan e M. Manoliu, as diferenças entre as categorias verbais do subjuntivo e do infinitivo não são "modais", não se localizam no eixo das probabilidades (eixo paradigmático) e sim, no plano sintagmático. Assinalam eles que até mesmo o infinitivo de narração se manifesta, na coordenação, como "um modo de relação", desde que implica a existência de outro verbo (IORDAN, MANOLIU, 1972,v. 1, p. 337).

As construções com os chamados modos "pessoais" são admitidas, geralmente, quando entre o sujeito da subordinada e um elemento nominal da principal se estabelece uma relação de identidade. Em todas as línguas românicas, com exceção do romeno, depois dos verbos de vontade e de alguns verbos de apreciação (esperança, possibilidade), usa-se o subjuntivo, quando o sujeito da oração principal é distinto do sujeito da subordinada, e o infinitivo, quando ambos sujeitos são idênticos ou co-referentes. Ex.: fr. je veux venir - je veux qu'il vienne; esp. quiero venir - quiero que usted venga hoy.

Em francês, depois dos verbos exortativos (*mandado*, *permissão*), emprega-se o infinitivo, se o seu sujeito for, também, o objeto indireto da oração principal. Ex.: fr. *je lui ai dit d'y aller - je vous demande de m'écouter*.

Depois dos verbos de percepção, o aparecimento do infinitivo é acompanhado da transformação do sujeito da oração subordinada em objeto direto da oração principal. Ex.: fr. je le vois partir; esp. le veo salir; it. lo vedo partire; port. vejo-o partir.

Nas circunstanciais, a transformação é facultativa, porém, o uso do infinitivo ou do gerúndio, geralmente, rege a identidade dos sujeitos das duas orações. Ex.: fr. après m'avoir demandé pardon (...) Don José se coucha devant la porte; esp. al entrar en la sala observé a Juan.

Quanto às orações finais, depois dos verbos de movimento, que eram construídas com o supino, em latim, o infinitivo aparece nas mesmas condições observadas com os verbos de vontade. Ex.:fr. un garçon jardinier vient renouveler les plantes; esp. vengo a verte.

Observa-se que, ao se tratar de verbos que indicam 'conselho', 'pedido' etc., enquanto o francês usa o infinitivo, o espanhol afasta-se desse emprego, aproximando-se do romeno, pela preferência às construções com o subjuntivo. Ex.: fr. je lui conseille de lire beaucoup; esp. le aconsejo que lea mucho; rom. il sfatinesc sa citeasca mult.

Na passagem do latim ao português, foram as orações infinitivas as que mais sofreram modificações em sua estruturação sintática.

A diferença existente entre formas finitas ou infinitivas baseia-se, preponderantemente, no compromisso que pode ou não existir no sistema verbal entre pessoas ou coisas que desempenham a função sintática do sujeito da ação.

Uma vez que a língua dispõe de distintas formas verbais com diferentes formas estruturais, pode-se perceber a probabilidade de algumas formas "não-pessoais" surgirem, em determinadas línguas, como variantes posicionais das formas ditas "pessoais".

I. Iordan e M. Manoliu já chamaram a atenção para o fato de que a acepção dos termos "pessoal"/"não-pessoal", no sentido da recusa ou admissão do morfema de pessoa é menos característica em certas línguas românicas do que em outras, como o perfeito do subjuntivo é invariável em romeno e o "infinitivo pessoal", em português, admite marcas de flexão (IORDAN, MANOLIU, 1972,v. 1, p. 337, n. 31).

Para H. Weinrich, a chamada construção de "acusativo com infinitivo" que se verifica em latim e encontra-se representada, também, no inglês,

dentre as línguas germânicas, assim como no espanhol, francês e português, dentre as línguas românicas, é tão "pessoal" como a do "infinitivo flexionado", no português (WEINRICH, 1968, p. 352-353).

Nesse caso, o mais importante não é se encontrar o caso acusativo empregado com o infinitivo. Em francês, se se quisesse atribuir um caso a essa construção, dever-se-ia falar, às vezes, de um dativo, às vezes, de um acusativo.

No próprio latim, sob determinadas circunstâncias, o acusativo é convertido em nominativo com infinitivo. O mais importante a considerar é a pessoa que se acrescenta ao infinitivo.

Do ponto de vista da evolução da língua, nota-se que o infinitivo flexionado da língua portuguesa não se relaciona diretamente com o infinitivo do latim ou das línguas românicas acima citadas. Houve uma forma continuadora do latim que corresponde ao modelo do acusativo com o infinitivo e outra, com distinta distribuição, cuja origem é independente do latim, o infinitivo flexionado. Porém, ambas são formas pessoais do infinitivo, apresentando uma informação adicional sobre a pessoa.

Vale observar que, no romeno, o infinitivo deixou de ser usado. Apenas documenta-se no daco-romeno, com raridade. Essa situação é explicada por W. von Wartburg como resultante da influência grega. Na fase moderna da língua grega, há o desaparecimento do infinitivo, e em decorrência da apócope do -n característico da terceira pessoa do singular são empregadas com maior freqüência as formas nominais. A mesma influência se observa nos dialetos da Calábria meridional da Itália do Sul. (WARTBURG, 1969, p.150-154).

Também, nos dialetos albaneses do sul, o infinitivo não é mais usado, embora se conserve ao norte.

A disponibilidade das formas infinitivas em se finitizarem pode propiciar o surgimento de novas formas gramaticais.

Um primeiro artifício consiste na caracterização através das flexões pessoais, como no caso do infinitivo flexionado, tão característico do português, desde a época arcaica, do galego-português e depois, também, do galego, do leonês e do napolitano antigos.

A evolução teve como resultado um sistema novo para as formas verbais nominais em português. O infinitivo flexionado possui desinências pessoais para indicar o sujeito, sem que ele se transforme em um verdadeiro tempo verbal, como se pode observar pela anteposição das preposições. Entretanto, esse infinitivo só pode ser empregado, quando se pode torná-lo livre da dependência do verbo principal (HUBER, 1986, p. 208).

229

Quando a oração principal e a subordinada não têm o mesmo sujeito, o infinitivo flexionado pode exprimir o sujeito da oração subordinada, e quando não há dúvida a respeito do sujeito, usa-se, de preferência, o infinitivo não-flexionado.

Referências bibliográficas

- BLATT, Franz. *Précis de syntaxe latine*. Version française sous la direction de l'auteur, avec la collaboration de Henri Barbier et Kristian Olsen. Lyon: I. A. C., 1952. xix, 395 p.(Collection Les Langues du Monde, dir. de Henri Hierche, série Grammaire, Philologie, Littérature, VIII)
- CÂMARA JR., J. Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976. 256 p. il.
- COSERIU, Eugenio. Sincronía, diacronía y tipología. In:COSERIU, Eugenio. El hombre y su lenguaje: estudios de teoría y metodología lingüística. Madrid: Gredos, 1977. 267 p., cap. 7, p. 186-200. (Biblioteca Románica Hispánica, dir. por Dámaso Alonso, II Estudios y Ensayos, 272)
- ERNOUT, Alfred, THOMAS, François. Syntaxe latine. 2. ed. revue et augmentée. Paris: Klincksieck, 1953. xx, 522 p. (Nouvelle Collection à l'usage des classes, 38)
- HUBER, Joseph. *Gramática do português antigo*. Tradução de Maria Manuela Gouveia Dellile. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1986. 417 p.
- IORDAN, lorgu, MANOLIU, Maria. Manual de lingüística románica. Revisión, reelaboración parcial y notas por Manuel Alvar. Madrid: Gredos, 394 p. (Biblioteca Románica Hispánica, dir. por Dámaso Alonso, III, 28)
- MADVIG, J. N. Grammatica latina. Trasladada do allemão para português por Augusto Epiphanio da Silva Dias. Porto: Typographia de Manuel José Pereira, 1872. x, 440 p.
- MANOLIU-MANEA, Maria. *Tipología e historia*: elementos de sintaxis comparada románica. Versión española de Sarmiza Leahu y Mónica Nedelcu. Madrid: Gredos. 1985. 470 p.
- TARALLO, Fernando. Tempos lingüísticos: Itinerário histórico da língua portuguesa. São Paulo: Ática, 1990. 208 p.
- VÄÄNÄNEN, Veikko. *Introducción al latín vulgar*. Versión española de Manuel Carrión. Madrid: Gredos, 1968. 413 p. (Biblioteca Universitaria Gredos, I, 4)
- WARTBURG, Walther von. *Problèmes et méthodes de la linguistique*. 3. ed. Avec la collaboration de Stephen Ullmann. Traduction de l'allemand par Pierre Maillard. Paris: Presses Universitaires de France, 1969. 350 p. il.
- WEINRICH, Harald. Estructura y función de los tiempos en el lenguaje. Versión española de Frederico Latorre. Madrid: Gredos, 1968. 429 p. (Biblioteca Románica Hispánica, dir. por Dámaso Alonso, III, Manuales, II Estudios y Ensayos, 115).

Notícia sobre o "Programa para a história da língua portuguesa - PROHPOR"

Rosa Virgínia Mattos e Silva UFBa / CNPq

Resumo

Trata-se de informe sobre as origens e desenvolvimentos do "Programa para a História da Língua Portuguesa - PROHPOR" que iniciou sua estruturação em 1990 no âmbito do Departamento de Letras Vernáculas e do Curso de Mestrado em Letras da UFBa, foi redimensionado em 1992, dando corpo à Linha de Pesquisa do CML "Constituição Histórica da Língua Portuguesa". Informar-se-á sobre os campos de trabalho do PROHPOR, sobre os participantes desse grupo de pesquisa, sobre seus projetos em andamento e realizados e sobre as orientações teórico-metodológicas que recobrem essa linha de investigação, que se fundamenta na Lingüística Histórica e Diacrônica. Considerou-se pertinente, nesta "Semana de Filologia e Lingüística Românicas em homenagem ao septuagésimo aniversário do Professor Nilton Vasco da Gama", dar notícia sobre pesquisas em temática afim - a da História da Língua Portuguesa - às temáticas a que tem dedicado seu trabalho de investigação o Professor Nilton Vasco Gama.

- 1. Considerei que neste evento em homenagem ao septuagésimo aniversário do Professor Nilton Vasco da Gama seria de interesse informar sobre as origens e desenvolvimento do "Programa para a história da língua portuguesa **PROHPOR**", que corporifica a linha de pesquisa "Constituição histórica da língua portuguesa" do Departamento de Letras Vernáculas e do Curso de Mestrado em Letras da UFBa. Tendo o Professor Nilton Vasco da Gama sempre laborado no campo da Filologia e Lingüística Românicas, julguei que nesta oportunidade poderia ser procedente dar notícia sobre o conjunto de trabalhos que o Grupo de Pesquisa **PROHPOR** vem realizando em área afim a que sempre se dedicou o Professor muito merecidamente homenageado nesta semana.
- 2. Sabemos todos que é no século XIX que a Lingüística começa a definir-se como ciência independente da Filologia e que o processo de construção desse campo científico delimita, nas suas origens oitocentistas, a língua como fenômeno histórico, já que o seu objeto de estudo se centra a princípio na busca da definição das relações de parentesco entre as línguas sobretudo as da família indo-européia e, em seguida, na segunda parte da-

quele século, na elaboração de uma teoria da mudança lingüística. Refirome, evidentemente e respectivamente, aos comparatistas e aos neogramáticos. Com a revolução saussuriana, nos inícios deste século, o campo da Lingüística é reorientado no sentido de priorizar-se as análises abstratas fundadas na sincronia e os estudos sobre a mudança das línguas no decorrer do tempo passa a um plano secundário nos objetivos da Lingüística, o que, poderíamos dizer, até hoje perdura, embora nas duas últimas décadas venha renascendo a "Fênix diacronia" (permita-me F. Tarallo), graças a meu ver, sobretudo, à teoria laboviana da variação no espaço social e da mudança no tempo aparente e no tempo real e também graças ao modelo gerativista paramétrico da década de oitenta, duas das orientações teórico-metodológicas hegemônicas nesta segunda metade do século XX.

3. No Brasil, depois dos intensos trabalhos gramaticais normativos do século XIX e princípios deste, iniciaram-se trabalhos filológicos, tanto no âmbito românico em geral, como especificamente no âmbito da língua portuguesa, seguindo modelos lusitanos que, por sua vez, continuavam tradições francesas e alemãs. Lembremo-nos que figuras notáveis de filólogos-lingüistas existiram, na primeira metade deste século, no Brasil, basta lembrar Theodore Maurer Jr., Mansur Guérios, Antenor Nascentes, Souza da Silveira etc, expoentes de um momento da história da filologia e da lingüística brasileiras de tradição historicista, devedores às orientações européias oitocentistas. Nos meados deste século, surge a figura, sem dúvida ímpar, de Serafim da Silva Neto que catalisa no conjunto de sua obra essa tradição filológico-lingüística de que vimos falando e produz, a par de vários outros títulos, a única grande e abrangente história da língua portuguesa que até hoje se fez. Uma grande obra, a de Serafim da Silva Neto, que reflete as orientações — e porque não dizermos — também as desorientações de seu tempo.

A década de sessenta foi, sem dúvida, um divisor de águas nos estudos lingüísticos do Brasil. Chegando em nossos trópicos com atraso de quatro décadas os estruturalismos europeus e americanos, a orientação filológicolingüística já sedimentada no Brasil foi superada abruptamente pelos modelos descritivos sincrônicos estruturalistas logo suplantados pelos modelos gerativistas que, quase concomitantemente, desembarcaram no Brasil.

4. A esta altura de minha narrativa vocês poderão perguntar o que tem tudo isso a ver com um informe sobre o "Programa para história da língua portuguesa"? Vamos ver o que tem a ver:

Terei de falar um pouco de minha circunstância, coordenadora que sou desse Programa. Minha geração — e aqui estão alguns representantes

dela— teve a sua formação nos Departamentos de Letras das Faculdades de Filosofia das Universidades de então. Dos fins dos anos cinquenta para os inícios dos anos sessenta — que foi o meu tempo de graduação — a formação que vamos chamar de "estudos lingüísticos" (por oposição à formação em literatura) ou era marcadamente gramatical normativa ou era, excepcionalmente, marcada pela tradição filológico-lingüística de que antes falei. Aqui na Bahia já tínhamos então uma orientação inicial na chamada Lingüística Moderna, no curso de Língua Portuguesa, graças ao Mestre Nelson Rossi, mesmo antes de se implantarem no currículo as disciplinas de Lingüística, o que só ocorreu em 1963. Líamos os textos clássicos dos estruturalismos — Saussure, Trubetzkoy, Bloomfield, Sapir, mas a orientação teórica era basicamente filológico-lingüística. Tivemos, portanto, uma formação historicista em que se incluíam a lingüística comparada oitocentista, a história da língua, a filologia aplicada a textos medievais e a dialectologia. Isso na série de disciplinas de Língua Portuguesa. A par disso, os que cursavam "neo-latinas" faziam Filologia Românica com o Professor que agora homenageamos. Entre parênteses tenho a dizer que, embora de "anglo-germânicas", fui aconselhada pelo Professor Rossi a seguir o curso do Professor Vasco que me aceitou com a gentileza que lhe é peculiar. No seu conselho, o Professor Nelson Rossi, provavelmente, já entrevia os meus pendores historicistas.

5. Eu diria que sementes do "Programa para a história da língua portuguesa" se devem a essa formação básica e forte que tive na minha graduação, que se completou, no 4º ano, com um trabalho coletivo final, a edição crítica do Livro das Aves (manuscrito do século XIV), publicada pelo Instituto Nacional do Livro em 1965. Chegando para o Mestrado em Brasília, na recém-fundada UNB, encontrei-me de frente com o estruturalismo, sobretudo o descritivista americano, liderado por Aryon Rodrigues e um grupo de lingüistas americanos pesquisadores das línguas indígenas, todos do Summer Institute of Linguistics. Apesar disso, como a minha área era a de Língua Portuguesa - como é até hoje — e não a de Lingüística, pude fazer como dissertação de Mestrado a edição de outro texto medieval, também do século XIV - A biografia de São Bento (Segundo Livro dos Diálogos de São Gregório). Consolidou-se assim um pouco mais a minha formação na hoje chamada "crítica textual tradicional" e nesse campo prossegui no meu Doutoramento, concluído em 1971, com a edição crítica de A mais antiga versão portuguesa dos 'Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório' orientada em Lisboa pelo filólogo e hispanista L. F. Lindley Cintra e em S. Paulo pelo romanista Isaac Nicolau Salum. Selou-se desse modo um destino de pesquisadora. Os amores da juventude, jamais os esquecemos! Contudo, a

minha grande paixão nunca foi o texto em si, mas sim o constante tornar-se da língua que se pode observar no estudo lingüístico dos textos remanescentes do passado. Era a história da língua que buscava e busco nos textos pretéritos.

6. Entre 1971 e a formação do Grupo de Pesquisa PROHPOR medeiam nada menos que dezenove anos. Começou a constituir-se o Grupo em 1990.

Nesse interim, trabalhei naquilo que se pode designar por "Lingüística Histórica no sentido lato", ou seja, qualquer análise lingüística que se centre em documentação datada e localizada. Fui parte da equipe do Projeto NURC-Salvador de 1973 a 1979, estudei o português de contacto dos índios kamayurá. Com a criação do Curso de Mestrado em Letras na UFBa em 1976, inscrevi, entre as linhas de pesquisa do Curso, a de Morfossintaxe do português arcaico: desde então comecei a buscar aquilo que mais me motivou: procurar conhecer a chamada "história interna" da língua portuguesa. Contudo, nessa linha de pesquisa, só tive orientando muito depois. E tenho que nomeá-la: Maria do Socorro Sepúlveda Netto interessou-se por essa orientação de trabalho e em 1989 concluiu sua dissertação — "Ser e estar : um estudo de variação e mudança no português antigo". Vislumbrava-se assim um embrião de um futuro Grupo. Seguiram-se outras orientações (ou desorientações!) que, pela ordem cronológica, foram a de Silvia Rita Olinda "Ca / pois: variação e mudança no português arcaico"; Therezinha Barretto, "As conjunções na história do português: aspectos de sua constituição e funcionamento"; a de Tânia Lobo, "A colocação dos pronomes átonos no português: duas sincronias em confronto" e a de Dante Lucchesi, "Sistema, mudança e linguagem: um percurso da lingüística no século XX" (as duas últimas defendidas no Mestrado de Lingüística Histórica da Universidade Clássica de Lisboa).

7. Em 1992, nos apresentamos ao **CNPq** com um Projeto Integrado intitulado "Programa para a história da língua portuguesa - **PROHPOR**". Construímos coletivamente um Programa de estudo e pesquisa que foi aprovado no nosso Departamento de Letras Vernáculas e pelos especialistas do CNPq. Assinaram esse programa os mencionados anteriormente e também Sônia Borba Costa, que se fascinou pela Lingüística Histórica, apesar de ter trabalhado na sua pesquisa de Mestrado sobre fatos sincrônicos e Ilza Maria Ribeiro, da UEFS, que de gerativista teórica sincrônica é hoje também uma gerativista diacrônica, graças, sem dúvida, ao estímulo recebido na **UNICAMP**, durante o seu Doutoramento, por Fernando Tarallo e por Mary Kato, que, naquele momento, buscavam integrar a teoria sociolingüística e a teoria gerativa paramétrica para melhor compreender e explicar as mudanças sintáticas do português brasileiro em relação ao europeu.

Une esse Grupo de Pesquisa o interesse pela Lingüística Histórica no seu sentido estrito, ou seja, o dos estudos de mudança lingüística no tempo real e, nela, especialmente, a história da língua portuguesa. Cada um dos seus membros poderia ter seguido seu caminho como pesquisador individual — o que são — mas o trabalho em grupo, como se sabe, permite não só o estímulo mútuo e o crescimento conjunto, mas sobretudo a discussão e o intercâmbio de conhecimentos individuais. Em nosso caso também mostrou-se como uma forma de agregar jovens pesquisadores recém saídos do Mestrado ou com dissertações em fase final de elaboração.

Estruturamos o **PROHPOR** em quatro "campos de trabalho": 1 o do estudo de mudanças morfossintáticas e sintáticas na história do português no seu período arcaico e do século XVI em diante infletindo para o português brasileiro; 2 o do estudo das fontes para a sócio-história do português brasileiro; 3 o da construção de um banco de textos informatizados para estudos sobre a língua portuguesa na sua constituição histórica; 4 o da formação contínua de seus pesquisadores em teorias e métodos da Lingüística Histórica.

Procuramos em conjunto capitalizar os interesses de pesquisa de cada um dos membros, embora todos orientados numa mesma direção, ou seja, a de contribuir com novos elementos para a construção de uma futura história da língua portuguesa, embasados nos direcionamentos contemporâneos da Lingüística Histórica.

Foram então elaborados quatro projetos no primeiro "campo de trabalho", focalizando os seguintes aspectos da estrutura do português: a ordem nos constituintes da sentença (responsável Ilza Ribeiro); a variação e as mudanças de ser, estar, haver, ter em estruturas existenciais, possessivas, atributivas locativas e descritivas (responsável R. V. Mattos e Silva); os elementos adverbiais (responsável S. B. Costa); os elementos conjuncionais (responsável T. Barretto) e ser, estar, jazer, andar na segunda metade do século XV (responsável S. Netto). Um projeto no campo dois: Fontes para a sócio-história do português brasileiro (responsável T. Lobo). Um projeto para banco de textos informatizados para a história do português (responsável D. Lucchesi e R. V. Mattos e Silva). Associou-se ao PROHPOR o Projeto de Alan Baxter (Austrália) com Dante Lucchesi Vestígios de crioulização em comunidades afro-brasileiras isoladas do Brasil, temática de grande significação para a compreensão de um aspecto do português brasileiro.

Além desses Projetos Individuais, programamos um Projeto Coletivo sobre Aspectos morfossintáticos e sintáticos da Carta de Caminha que agora se finaliza. Intencionamos publicar, em breve futuro, esse conjunto de doze estudos sobre a Carta, testemunho lingüístico de 1500, em forma de livro-coletânea. Um novo Projeto Coletivo elaboramos, há pouco, intitulado A

língua portuguesa do período arcaico para o moderno (aspectos morfossintáticos e sintáticos). Com base nele estamos solicitando agora novo Auxílio Integrado ao CNPq.

Passados esses primeiros anos de trabalho conjunto, sofreu o grupo algumas alterações nos seus componentes, já que S. Sepúlveda Netto e S. R. Olinda, ocupadas com novas tarefas acadêmicas e pessoais, afastaramse temporariamente e Tânia Lobo sairá, em agosto, para o seu Dotouramento na USP, que terá como tema algum aspecto da sócio-história do português brasileiro, continuando assim o iniciado em seu Projeto do **PROHPOR**. O Grupo também cresceu em qualificação acadêmica, os que eram Mestrandos no seu início já são Mestres (T. Barreto, T. Lobo e Dante Lucchesi) e um Mestre doutorou-se, I. Ribeiro. Um Mestre está saindo para doutorar-se, T. Lobo, e outro, D. Lucchesi, está pretendendo fazer o mesmo a partir do próximo ano.

Agregados temporariamente ao grupo, estão três Mestrandos com dissertações em curso (Zenaide Carneiro, trabalhando sobre verbos de padrão especial na história do português; Anna N. Macedo, sobre as locuções prepositivas na história do português e Permínio Ferreira sobre as *Inquirições Dionisianas* dos fins do século XIII).

Contamos, depois do auxílio integrado de 1992, com a colaboração de bolsistas de Iniciação Científica (Permínio Ferreira, Fabiana Campos, Maximiliano Miranda e Alex Sandro Simões) e uma bolsista de Aperfeiçoamento (Anna Frascolla da Silva). Desses, dois já em programas de Mestrado.

Quanto às orientações teórico-metodológicas, explicitamos em nosso Programa de estudo e pesquisa, com clareza, que não teríamos nem métodos nem teorias exclusivos. Entendemos que para a compreensão histórica da mudança lingüística teorias e métodos distintos se tornam complementares, desde que em cada trabalho realizado se selecione uma teoria e seu método específico. Todos os trabalhos que tratam da história interna do português, contudo, deverão ter uma fundamentação empírica em **corpus** prédefinido, já que, não se dispondo de falante nativo do passado, são os dados criteriosamente colhidos, analisados e avaliados que vão ser os "informantes" do tempo que passou.

8 É interessante ressaltar, para finalizar, que o fato de um Grupo estar trabalhando e divulgando o seu trabalho sobre a história do português tem atraído e conjugado outros pesquisadores brasileiros e também estrangeiros que, mordidos pela paixão, ou vinham trabalhando na mesma seara ou estão começando a trabalhar nela. Estamos em intercâmbio com pesquisadores de S. Paulo (USP, UNICAMP), Rio (UFRJ), Minas (UFMG), Santa Catarina (UFSC) e de Lisboa (Universidade Clássica), esta sobretudo, mas não só, no

que se refere ao corpus informatizado, graças ao interesse de Ivo Castro.

Assim, poderíamos dizer que hoje aponta uma nova perspectiva para o conhecimento da língua portuguesa na sua história, ultrapassados já os exclusivismos sincrônicos, e podemos vislumbrar para o futuro a possibilidade de construção de uma história da língua portuguesa, tanto na sua face interna, isto é, das mudanças diacrônicas por que tem passado a língua, como na sua face externa, ou seja, a da articulação da língua com a da sócio-história dos seus falantes. Tal empreendimento que tem de ser coletivo, dado à sua abrangência e complexidade, e merece ser feito já que a grande história da língua portuguesa ainda é a de Serafim da Silva Neto, dos meados deste século, antes referida, e que se concentra sobretudo nas origens românicas da língua portuguesa.

Vale dizer, concluindo, que, quando construímos o Programa **PROHPOR** para nos apresentarmos em 1992 ao **CNPq**, formulamos como seu objetivo geral — os objetivos específicos estão vinculados a cada um dos Projetos a pesquisa de novos dados analisados sobre a história do português e também velhos dados reanalisados para que, no futuro, se possível, elaborássemos coletivamente, os daqui com os de outros lugares, uma nova história da língua portuguesa.

Cada pequeno, mas rigoroso trabalho que realizamos ou que realizaremos nessa direção se constitui, a nosso ver, como peça significativa para alcançar essa meta complexa de longo prazo. 15 b Bill The St. The PLAN in physical by the application of a physical property and physical property.

PROMEON CONTRACTOR CONTRACTOR OF CONTRACTOR CONTRACTOR

entral policy of the second control of the s

Dequeísmo: Um Fenômeno da România Nova?

Suzana Alice Marcelino Cardoso

UFBa

Resumo

A comunicação trata de casos de dequeísmo no português do Brasil, analisando exemplos do tipo "Ele disse de que não vem mais amanhã", "Supondo de que ele entenda de tudo...", "Mostrei de que era bom pra todo mundo", encontrados no uso corrente, e examina o que se passa com o espanhol de algumas áreas da América de referência ao mesmo fenômeno. A partir da análise dos dados disponíveis e de informes gerais sobre a questão, conclui-se encaminhando uma resposta à pergunta formulada no título do trabalho.

O português do Brasil vem apresentando construções que revelam a presença da preposição de antes de uma oração subordinada iniciada por que, objetiva direta, em frases do tipo

Suponho de que ele não tivesse visto.

Ele pensa de que é fácil encontrar a solução dos problemas.,

frases que passam a conviver com "Suponho que...", "Ele pensa que..." e revelam alternâncias de uso que põem em evidência um processo de mudança sintática.

Esta comunicação tem por objetivo examinar o fenômeno numa perspectiva mais ampla, focalizando o que se passa com o espanhol e o português, com vistas a levantar a questão "Dequeísmo: um fenômeno da România Nova?", sem ter, no entanto, a pretensão de chegar a uma resposta categórica e definitiva.

Queísmo e dequeísmo

Dequeísmo se define como a presença da preposição **de** em situações nas quais o uso padrão da língua não a registra. A noção de **dequeísmo** vem associada à de **queísmo**, fenômeno pelo qual se torna evidente o não uso dessa mesma preposição **de** nos casos em que a língua padrão o admite. Como assinala Rabanales (1974: 415):

Queísmo e **dequeísmo** son dos denominaciones que corresponden a dos formas de comportamiento lingüístico diferentes y contradictorias, pero [...] intimamente relacionadas.

São, como as caracteriza o Autor, "duas formas de comportamento lingüístico diferentes", ou seja, no primeiro caso, o **queísmo**, tem-se a ausência da preposição, como em

Ele tem necessidade **que** chegue logo o dia de iniciar o trabalho Tenho a impressão **que** foi ele o responsável.

No segundo caso, como já assinalado, observa-se a presença da preposição **de**, onde não se fazia esperada segundo o padrão da língua:

Ele disse **de que** não tinha nada a ver com o problema Sentimos **de que** a sociedade não está sendo atendida.

Comentando essa afirmação de Rabanales, Bentivoglio (1980: 706) diz concordar com o Autor, mas acrescenta que os fenômenos são "aparente-mente" contraditórios, reafirmando o caráter de "estrecha relación", assinalado por Rabanales.

Tratarei, nesta comunicação, especificamente de casos de **dequeísmo** no espanhol e no português para ensaiar uma reflexão sobre o percurso do fenômeno no mundo românico.

Dequeísmo no espanhol

A origem e a datação do fenômeno não estão assentadas para o espanhol. Bentivoglio (1980: 707) afirma que

Por las evidencias de que disponemos actualmente, sería lógico suponer que el dequeísmo tiene su origen en la parte sur de Sudamérica, pero es obvio que nada puede afirmarse sin investigaciones a fondo, que deberían empezar — en mi opinion — a falta de datos grabados, por el estudio de la prensa de las últimas décadas en aquellos países en que el fenómeno está ocurriendo.

e acrescenta:

Sin embargo, en las últimas décadas — no existe aún, por lo que yo sepa, estudios relativos a cuándo e dónde este fenómeno ha hecho su aparición — se ha empezado a observar en algunos dialectos del español la presencia de la preposición de ante que-SUB, así que Yo digo que esto es cierto puede se alternar con Yo digo de que esto es cierto.

A presença do fenômeno, porém, está atestada no Chile (Rabanales, 1974), na Venezuela (Bentivoglio, 1976 e 1980/1981; Bentivoglio e D'Introno, 1977) e no México (Arjona 1978 e 1979), salientando Bentivoglio (1980-1981, 705) que

"Por el momento, que yo sepa, no hay estudios relativos a otros países; sin embargo, he oído casos de dequeísmo en el habla de uruguayos e argentinos."

Tomo, para uma breve ilustração, resultados de estudos do espanhol do México e da Venezuela, para o que me baseio nos referidos trabalhos de Arjona, Bentivoglio e Bentivoglio-D'Introno, examinando especificamente os casos de presença da preposição **de** exclusivamente quando se trata de introduzir uma oração objetiva direta.

Para o espanhol mexicano, Arjona examinou a questão na fala culta e na fala popular. Obteve, para ambas as modalidades de uso, os mesmos índices de ocorrências. Assim, nos *corpora* analisados — o da fala culta e o da fala popular — verificou que 99% das ocorrências eram do que chamou "casos normales" e apenas l% de "casos anómalos", ou seja, a presença do dequeísmo está apenas em 1%, tanto na fala culta como na fala popular. Na fala culta vem documentado com os verbos saber, tener, ver, temer, sacar, em construções tais como:

Usted sabe que llega uno..de que llega muerto.

Teníamos en la mira de que nuestra misión...

Usted verá de que sufríamos mucho

Teme usted de que lleguen a pasar a oídos de ellos?

Le pegaron y luego le sacaron de que iba con otro muchacho.

Na fala popular o fenômeno foi registrado com os verbos **tener**, **analisar**, **hace**r, **inculcar**, **pensar**, como ilustram os exemplos:

Pués ahi **tienes de que** los domingos nos obsequiaba a todos monedas. Un engeniero se va a Estados Unidos con objeto de ver, de **analizar de** como está el proceso de ese aparato.

Pero no aquello de inculcarle a la muchacha de que 'tu ne te dejes'.

Piensan de que la muher tiene que hacer una carrera.

Os estudos de Bentivoglio e Bentivoglio-D'Introno baseiam-se nos dados do *corpus* da norma culta de Caracas, gravações feitas entre 1968 e 1974, e mostram que o **dequeísmo** ocorre com os verbos **comentar**, **comprender**, **decir**, **leer**, **reconocer**, **saber** e **sentir**, para os quais se registram construções com **que** e **de que**, e com os verbos **amenazar**, **hablar** (= 'decir') e **oir**, documentados apenas em construções com **de que**. Para este último caso, os autores chamam a atenção para o fato de que a não documentação, no *corpus* utilizado, de ocorrências de **queísmo** com esses mesmos verbos não significa que não se admitam tais usos. Do *corpus* recolhido

em Caracas, cito os seguintes exemplos:

- ...comentó con alguién de que era profesora...
- ...comprendía de que me quedaba gran parte por comprender...
- ...me dicen de que es falso...
- ...hoy tenemos que **reconocer** con satisfación **de que** tenemos artistas de teatro realmente buenos...

para que tu sepas de que eso es quando le salga el encanto...

- ...yo conozco... la razón que tienen mis colegas de **sentir de que**...a lo mejor se está haciendo una injusticia...
- ...pero no es que amenaza de que el cine puede desaparecer...
- ... pero entonces no me **hables** ('decir') **de que** se está buscando una salida distinta...
- ...yo oí en el radio de que uno de los rehenes había logrado escapar..

Em apêndice ao seu trabalho de 1980-1981, Bentivoglio estabelece uma relação entre os verbos nos quais se registra o **dequeísmo** em Caracas e no Chile, a partir da lista de Rabanales (1974), constatando que em Caracas o fenômeno se documentou em onze verbos e no Chile em vinte e três

Se observarmos os dados de México, Venezuela e Chile, podemos verificar que apenas um verbo, **saber**, ocorre como exemplo de **dequeísmo** nas três regiões; dois, **comprender** e **decir**, documentam-se na Venezuela e no Chile; os demais são específicos de cada uma dessas três áreas.

Dequeísmo no português

Não disponho de dados sistemáticos sobre o português de Portugal nem sobre o português de África. Tenho, apenas, e por um achado casual, uma referência ao **dequeísmo** no português de Portugal, registrada por Morais Barbosa, que passo a transcrever:

Não há dúvida de ser cada vez mais freqüente, embora recente, o uso de de depois de certos verbos num tipo de discurso talvez ainda identificável com facilidade ("pensar de que", "afirmar de que", "supor de que ", abundariam no Diário da Assembléia da República se os revisores não fossem geralmente competentes e generosos); mas nem se identificou esse tipo de discurso nem se quantificou tal uso, que naturalmente deveria confrontar-se com o do mesmo de depois de duvidar e com o dos correspondentes pensar que, duvidar que ou insistir que e insistir em que, etc. (p.173-4)

As referências que passo a examinar , são exclusivamente em relação ao português do Brasil e resultam da observação assistemática, mas conti-

nuada, que tenho feito no dia-a-dia e também dos estudos que já têm sido produzidos sobre a matéria

Despertada para a variação que :: de que, como elemento introdutor de orações objetivas diretas, passei a anotar a partir do que ouvia e ouço em reuniões de Departamento, reuniões outras na Universidade, entrevistas com pessoas de nível universitário, em suma, do que tenho ouvido a falantes que se identificam como usuários da norma culta, exemplos dos quais citarei alguns:

- ... supondo dialeticamente de que qualidade pode ser controlada...
- ...mostrei ao Senador Pedro Simon de que não havia perigo...

No meu curriculum não consta de que não havia perigo...

... costuma afirmar de que nem sempre é possível...

Vejo, como Sônia, de que o projeto é ambicioso...

....identificou de que o professor tem um papel fundamental na formulação...

Tenho notado de que os jovens...

Tenho aqui o Diário da República que estabeleceu de que dava esse direito...

Em sua tese de doutorado, *Queísmo e dequeísmo no português do Brasil*, Mollica apresenta um circunstanciado estudo sobre o **queísmo** e o **dequeísmo** na norma culta brasileira, assunto que retoma em publicação de 1995, sob o título (*De*) que falamos? Parte a Autora de dados do Projeto NURC, tomados dos *corpora* das cinco capitais brasileiras em que se desenvolve o Projeto — Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre — e de observações feitas em textos diversos (amostra do Projeto Censo, amostra Grynner, materiais coletados por Euzi Moraes, dados da Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, Arquivo Sonoro da Fundação Getúlio Vargas, gravação de programas e entrevistas.Na tabela que segue, apresento, a título de ilustração, dados do Chile, Caracas e México, confrontando-os com exemplos que venho recolhendo no português do Brasil.

Verbos documentados em construções dequistas

CHILE	CARACAS	MÉXICO	BRASIL
alegar	-		-
-	amenazar		-
aprovechar	*	0.1×1.500	The state of
- 116	•	analisar	
-7702	comentar	1.500	n=1 ac 1 m/s
comprender	comprender	1	compreender

Verbos documentados em construções dequistas

CHILE	CARACAS	MÉXICO	BRASIL
considerar	A	_	considerar
contar	-	- 1	
creer		-	
decir	decir	-	dizer
declarar	-	-	-
dejar(= 'permitir')	-	-	-
encontrar	-	-	4
esperar	-	-	esperar
establecer	-	-	-
estimar	- N - ST		- reduce of the
-	hablar	h <u>i</u> njuna one in	falar
	TO THE BRIDGE AND PR	hacer	fazer
ignorar	-		de distributi
• in epub (regel)	stateb e santa.	inculcar	-
imaginar	-	-	-
	leer	-	-1 million
necesitar	-	_	-
negar	1 1 1 1 1	-	21
observar	-	- 1	
	oir	-	ouvir
pedir	· 16	-	pedir
<u>.</u>	_	pensar	pensar
	reconecer	-	reconhecer
repetir	_	n.	
saber	saber	saber	saber
_	sentir	and the second	-
-	-	sacar	-
sustener	-	-	-
ver	Agriculture in the state of	ver	ver
-	alies na como	temer	•
		tener	-

Os resultados de estudos sobre o espanhol do Chile, México e Venezuela, acrescidos dos relativos ao português do Brasil , apontam para o caráter generalizante do fenômeno na América, tanto para o português como para, pelo menos, o espanhol de algumas áreas americanas. O confronto

entre as listagens de verbos, trazidas à consideração, mostra , ainda que de maneira incipiente, os caminhos do **dequeísmo** nessas duas línguas e em áreas americanas.

Os dados que trouxe a exame constituem-se numa chamada de atenção para o fenômeno, tomado numa de suas manifestações específicas – em casos de orações objetivas diretas introduzidas por **que** – e assim mesmo sem buscar exaurir os contextos mais amplos em que ocorrem , a natureza da constituição das frases em que se inserem e sem examinar os tipos ou categorias semânticas dos verbos que estão permitindo esse tipo de variação.

Para concluir, cabe retomar a questão que dá nome à comunicação: é o dequeísmo um fenômeno da România Nova?

Se se considera apenas o conjunto de informações sobre o português do Brasil e sobre o espanhol dos países americanos referidos, a resposta poderia ser afirmativa, isto é, o **dequeísmo** é um fenômeno da România Nova. Se se tomam os dados encontrados na *Gramática de la Real Academia Española*, assim expressos:

En textos clásicos y en la lengua actual poco cuidada se suprime a veces la preposición : "Hago cuenta o que..."

Inversamente, se produce com frecuencia en la lengua descuidada un uso superfluo de la preposición de ante oraciones complementarias introducidas por que: "Me dijeron de que saliese"; "Temo de que hagan mal" (p.522)

e se a esses dados se acrescentam as observações de Morais Barbosa, sobre o português de Portugal, a conclusão pode ser outra: o fenômeno não é específico da România Nova.

Estudos mais amplos do ponto de vista diatópico e diafásico poderão dar a resposta definitiva para a questão para a qual, pelo menos quanto a mim e por agora, está levantada mas não suficientemente descrita de modo a permitir uma conclusão "categórica e definitiva" que declarei, na introdução desta comunicação, não poder oferecer.

Referências bibliográficas

ARJONA, Marina. Anomalías en el uso de la preposición **de** en el espñol de México. *Anuario de Letras*, XVI, 1978. P.67-90.

ARJONA, Marina. Usos anómalos de la preposición **de** en el habla popular mexicana. *Anuaria de Letras*, XVII, 1979. p.167-184.

- BARBOSA, Jorge Morais. Para uma tipologia do erro ling6uístico. *Actas. Congresso sobre a investigação e ensino do português.18 a 22 de maio de 1087.* Lisboa: Ministério da Educação,1978.p.170-178.
- BENTIVOGLIO, Paola. Queísmo y dequeísmo en el habla cultaa de Caracas. Frances M. Aid; Malvyn C. Resnick; Bohdan Saciuk (Editores) 1975 Colloquium on Hispanic Linguistics. Washington Georgetown University Press, 1976.
- BENTIVOGLIO, Paola. El dequeísmo en Venezuela: un caso de ultracorreción? In: Homenaje a Ambrosio Rabanales, BFUCh, XXXI, 1980-1981. p.705-719.
- BENTIVOGLIO, Paola; D'INTRONO, Francesco. Análisis sociolingüístico del dequeísmo en el habla de Caracas. *Boletín de la Academia Puertorriqueña de la Lengua Española*. V. 1, Caracas: IUPEMAR, 1977, p. 58-81.
- MOLLICCA, Maria Cecília. Queísmo e dequeísmo no português do Brasil. Tese de Doutorado. 1989. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras.
- MOLLICA, Maria Cecília. (De) que falamos? Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- RABANALES, Ambrosio. Queísmo y dequeísmo en el espñol de Chile. Estudios filológicos y lingüísticos. Homenaje a Angel Rosenblat en sus 70 años. Caracas: Instituto Pedagógico, 1974. p. 413-444.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Esbozo de una nueva gramática de la lengua espñola. Madrid: Espasa Calpe, 1973 p. .514-12

ESTUDOS LITERÁRIOS

Contraste de culturas em *Il capretto nero* de Luigi Pirandello

Eugenia Maria Galeffi

Resumo

A ironia pirandelliana chega a ter seu ponto máximo quando retrata o contraste e o choque de culturas estritamente diversas: a anglo-saxônica versus a greco-latina. Tomando como fio condutor uma tal estrutura de confronto, este trabalho procura analisar a "novela" Il Capretto Nero de Pirandello, onde se pode apreciar estilisticamente uma ampla trama de aspectos poético-psicológicos, estético-líricos e humorístico-filosóficos. Tais aspectos se tornam evidenciados no confronto das duas mais importantes vertentes da cultura européia. É nos limites deste contraste que Pirandello se mostra um arguto observador dos eventos concretos, afastando-se do "verismo" e das idealizações literárias tradicionais, acolhendo instâncias próprias do "decadentismo", que na verdade mostram a decomposição do indivíduo diante dos desafios e inquietudes da modernidade. Tendo como palco o Vale dos Tempos em Agrigento, cidade natal de Pirandello, a novela em questão rompe os limites histórico-geográficos da ilha "colonizada", apresentando a sua mais marcante característica poética: o humorismo. Nesta perspectiva, Pirandello "joga" com o desejo utópico de se manter uma realidade estática, caracterizando pela ironia o absurdo desejo de se procurar reter o fluxo inexorável do tempo.

Antes de entrarmos propriamente no assunto, é importante que tenhamos uma visão da evolução pela qual passou o escritor siciliano, nascido em Agrigento em 1867, considerado também um filósofo, pois interpreta o drama existencial moderno.

Inicialmente, Pirandello vive num clima espiritual de "verismo" (realismo/naturalismo) e, após as grandes desilusões da primeira grande guerra, de decadentismo. Na verdade, o Pirandello do início lembra muito Giovanni Verga, tanto nos costumes e personagens, quanto na descrição do ambiente pequeno burguês. Seus personagens, porém, diferentemente de Verga, mesmo sendo igualmente pobres e "vencidos", não aceitam seu destino com resignação, pelo contrário, são almas inquietas, atormentadas, obcecadas pelo desejo de fugir, a partir do momento em que percebem estarem vivendo uma vida que não é a delas. Pirandello desloca a ação do ambiente para o indivíduo, afastando-se, assim, cada vez mais do "verismo" para acolher as instâncias e as inquietudes próprias do decadentismo.

Na verdade, para o nosso autor o que conta é a essência das coisas, ou seja, a observação do concreto e não do abstrato, isto é, o que vale são os fatos dissimulados por palavras.

O conceito fundamental do pensamento estético de Pirandello é justamente o humorismo, cujo centro vital é constituído pela relação entre realidade e fantasia, entre pessoa e personagem, entre normalidade e anormalidade.

O indivíduo pirandelliano vive num mundo de conflitos, cuja rotação gira em torno da aparência e da realidade, ou seja, da máscara e da verdadeira face.

E como afirma o próprio Pirandello: "o humorismo (...) induz a refletir que a vida, não tendo fatalmente por razão humana um fim claro e determinado, é necessário que para não se debater no vazio, tenha um fim particular, fictício, ilusório, para cada homem, baixo ou alto, pouco importa, já que não é, nem pode ser o verdadeiro fim, que todos procuram desesperadamente e que ninguém acha, talvez porque não exista".

Como diz Leone De Castris "a verdade é que a história de Pirandello não começa com a narrativa, mas com aqueles motivos que o seu inicial itinerário poético nos documentou, além de qualquer superestrutura literária e formal: a ilusoriedade dos ideais, a solidão do homem, a dimensão social desta, a incoerência e a instabilidade das relações e das formas costumeiras do viver.²

Contrariamente a Bergson, que concebe a vida como uma mudança constante, mudança essa que significa amadurecimento, que por sua vez consiste na criação, Pirandello a concebe como um estilhaçamento, numa inevitável multiplicidade e como diz De Castris a respeito do que pensa Pirandello: "O humorismo é uma atividade especial da fantasia, alimentada pela reflexão, que vê o mundo desdobrado, que não colhe um aspecto do real sem revelar logo o seu contrário: é justamente um "mecanismo" de idéias gerado por um sentimento e imediatamente projetado, num processo inverso, gerando um novo sentimento".³

¹ Texto original: "L'umorismo ... induce a riflettere che la vita, non avendo fatalmente per la ragione umana un fine chiaro e determinato, bisogna che, per non brancolar nel vuoto, ne abbia uno particolare, fittizio, illusorio, per ciascun uomo, o basso o alto; poco importa, giacché non è, né può essere il fine vero, che tutti cercano affannosamente e nessuno trova, forse perché non esiste". Apud De CASTRIS, Arcangelo Leone. Saggi sull'Umorismo (p. 85).

² DE CASTRIS, A.L., Storia di Pirandello, Bari: Laterza, 1972, p. 42.

³ Texto original: "L'umorismo è una speciale attività della fantasia, nutrita di riflessione, che vede il mondo sdoppiato, che non può cogliere un aspetto del reale senza rivelarne subito il suo aspetto contrario; è un 'meccanismo' appunto di idee generato da un sentimento e immediatamente proiettato, in un processo inverso, a generare un nuovo sentimento". In DE CASTRIS, A.L., op. cit., p. 85.

Em *IL CAPRETTO NERO*, do ponto de vista da essência, constatamos, por um lado, o choque de culturas no contexto siciliano, e, por outro, o desejo utópico de manter uma realidade estática, procurando reter o fluxo inexorável da vida. A ironia pirandelliana aí ultrapassa os limites histórico-geográficos da ilha "colonizada" para tornar-se *universal*.

A novella é aparentemente banal, mas nas suas entrelinhas, notamos o inconfundível sentimento do contrário, marca característica pirandelliana.

É a história de uma garota, Miss Ethel Holloway, filha de um alto funcionário da corte da Inglaterra, Sir W. H. Holloway, que ao visitar o Vale dos Templos em Agrigento, se encanta com a beleza de um lindo filhote de cabrito negro e quer levá-lo consigo para a Inglaterra. Contudo, não pode realizar seu desejo imediatamente, pois deve cumprir outras etapas da viagem deixando, então, o cabritinho aos cuidados do Sr. Charles Trockley, vice-cônsul da Inglaterra naquela cidade. Oito meses depois, quando o Sr. Trockley pensava que a inglesinha se esquecera do cabrito, recebe uma carta onde a moça expressa o desejo de receber, finalmente, na Inglaterra, o belo cabritinho comprado na Sicília. Seguem-se, então, as agruras do Sr. Trockley para recuperar o cabrito, que ele, por sua vez, deixara aos cuidados de outras pessoas. A rigidez britânica do Sr. Trockley leva-o a mandar para a Inglaterra o horrendo cabrito no qual se transformara o belo cabritinho, que, naturalmente, após onze meses não apresentava mais a graciosidade peculiar aos animais recém-nascidos.

É claro que a realidade chocou não só a garota, como também seu pai, sendo a situação passível de riso, pois, por um lado o Sr. Trockley sente-se na obrigação de cumprir o dever do qual fora incumbido, ao mesmo tempo em que, mesmo inconscientemente, sente-se constrangido em ter que sair do seu quotidiano para atender um pedido tão insólito; fato que o obriga a mudar a ordem natural das coisas.

O desconforto vivido pelo Sr. Trockley não é um fato incomum nas "novelas" pirandellianas, nas quais podemos notar sempre uma realidade contraditória, uma imagem polivalente do real, que gera o seu humorismo singular.

A novella II Capretto Nero está baseada, essencialmente, em três contrastes humorísticos, ou seja: pelo ângulo poético-psicológico, pelo ângulo estético-lírico e pelo ângulo humorístico-filosófico.

Em primeiro lugar, vemos, de um lado, o bom senso do diplomata inglês — personagem representado, rigidamente, matematicamente, objetivamente, pelo lado de fora, e do outro, o siciliano-narrador descrito poeticamente, psicologicamente, flexivelmente, pelo lado de dentro— que nos ofe-

rece a caracterização do britânico, baseada nos aspectos externos.

O Sr. Trockley não pode raciocinar fora do seu parâmetro de inteligência; não consegue escapar ao seu modo de pensar britânico, à sua rigidez tipicamente inglesa.

Dessa forma podemos constatar o seu *modus vivendi* habitudinário na seguinte passagem:

Há vinte e dois anos o senhor Charles Trockley é vice-cônsul da Inglaterra em Girgenti, e há vinte e dois anos, todos os dias, à hora do crepúsculo, dirige-se a pé, com seu passo elástico e medido, da cidade alta sobre a colina às ruínas dos Templos akragantinos.⁴

A impossibilidade ou a dificuldade de subverter o *modus vivendi* do Sr. Trockley nos é explicado pelo narrador, que na sua sicilianidade consegue perceber a diferença que existe entre ele e o sr. Trockley, embora os dois tivessem nascido no mesmo ano e no mesmo mês:

Eu e ele, para dar um exemplo, nascemos no mesmo ano, no mesmo mês e quase no mesmo dia; ele, na Inglaterra, eu na Sicília. Hoje, quinze de junho, ele completa quarenta e oito anos; quarenta e oito eu completarei no dia vinte e oito. Bem: quantos anos teremos, ele dia quinze, e eu dia vinte e oito de junho do próximo ano? O senhor Trockley não se perde, não hesita um minuto; com indiscutível firmeza confirma que dia quinze e dia vinte e oito de junho do próximo ano ele e eu teremos um ano a mais, o que quer dizer quarenta e nove.⁵

Os fatos são decodificados de formas distintas pelo sr. Trockley e pelo narrador, conforme já tivemos oportunidade de observar na caracterização dos dois personagens, mas para precisar com maior clareza a distância entre os dois, reportamo-nos ao efeito provocado pela invasão do Vale dos Templos pelos animais.

A "invasão das cabras no templo" significa romper a ordem natural

⁴ Texto original: "Da ventidue anni il signor Charles Trockley è vice-console d'Inghilterra a Girgenti, e da ventidue anni, ogni giorno, sul tramonto, si reca a piedi, col suo passo elastico e misurato, dalla città alta sul colle alle rovine dei Tempii akragantini". In PIRANDELLO, L. Novelle. A cura di Giuseppe Morpurgo. Vicenza: Mondadori, 1985, pp. 248-249.

⁵ Texto original: "lo e lui, per portare un esempio, siamo nati lo stesso anno, lo stesso mese e quasi lo stesso giorno; lui, in Inghilterra, io in Sicilia. Oggi, quindici di giugno, egli compie quarantotto anni; quarantotto ne compirò io il giorno ventotto. Bene: quant'anni avremo, lui il quindici, e io il ventotto di giugno dell'anno venturo. Il signor Trockley non si perde; non esita un minuto; con sicura fermezza sostiene che il quindici e il ventotto di giugno dell'anno venturo lui e io avremo un anno di più, vale a dire quarantanove". Ibidem,. p. 247.

das coisas, as cabras <u>devem</u> ficar do lado de fora, e não há jeito de mudar a situação para o senhor Trockley.

A força das palavras "horrível profanação" mostra a rigidez do seu caráter como se verifica na seguinte passagem:

Ao senhor Charles Trockley esta intrusão das cabras no templo sempre pareceu uma horrível profanação; e inumeráveis vezes ele fez uma denúncia formal aos vigias dos monumentos, sem nunca obter alguma resposta senão um sorriso de indulgência filosófica e um levantar de ombros (...) É freqüente que (...) o senhor Trockley depare com grupos de seus compatriotras, vindos para visitar as ruínas. E ele faz notar a todos, com aquela indignação que o tempo e o hábito ainda não aplacaram ou enfraqueceram de modo algum, a profanação daquelas cabras deitadas e ruminando à sombra das colunas. Mas nem todos os visitantes ingleses, para dizer a verdade, condividem a indignação do senhor Trockley.6

Esta passagem enfatiza pirandellianamente o contraste entre as duas civilizações européias: uma anglo-saxônica: rígida, inflexível, objetiva; a outra greco-latina: maleável, flexível, subjetiva.

E este seria o aspecto poético-psicológico da "novela".

Percebemos o contraste entre a delicadeza móvel, saltitante, do cabrito e a imensidão imóvel, estática, da paisagem histórica que fica entre a montanha e o mar de Agrigento.

De fato, aqui Pirandello se embevece descrevendo os "maravilhosos restos da antiga cidade dórica", *La Valle dei Templi*, configurando o aspecto estético-lírico da narrativa:

⁶ Texto original: "Al signor Trockley questa intrusione delle capre nel tempio è sembrata sempre un'orribile profanazione; e innumerevoli volte ne ha fatto formale denunzia ai custodi dei monumenti, senza ottener mai altra risposta che un sorriso di filosofica indulgenza e un'alzata di spalle (...) Avviene spesso che (...) il signor Trockley s'imbatta in comitive di suoi compatriotti, venute a visitare le rovine. E a tutti egli fa notare, con quell'indignazione che il tempo e l'abitudine non hanno ancora per nulla placato o affievolito, la profanazione di quelle capre sdraiate e rugumanti all'ombra delle colonne. Ma non tutti gl'inglesi visitatori, per dir la verità, condividono l'indignazione del signor Trockley." Ibidem, p. 250.

⁷ Texto original: "...dalla città alta sul colle alle rovine dei Tempii akragantini, aerei e maestosi su l'aspro ciglione che arresta il declivio della collina accanto, la collina akrea, su cui sorse un tempo, fastosa di marmi, l'antica città da Pindaro esaltata come bellissima tra le città mortali. (...) Dicevano gli antichi che gli Akragantini(...) costruivano le loro case come se non dovessero morir mai (...) e delle case della città antica, dopo tante guerre e sette incendii e altrettanti saccheggi, non resta più traccia. Sorge al posto di esse un bosco di mandorli e d'olivi saraceni, detto perciò il Bosco della civita. E i chiomati olivi cinerulei s'avanzano in teoria fin sotto alle colonne dei Tempii maestosi e par che preghino pace per quei clivi abbandonati." Ibidem,. p. 251.

...da cidade alta sobre a colina às ruínas dos Templos akragantinos, aéreos e majestosos sobre a áspera borda que retém o declive da colina ao lado, a colina akrea, sobre a qual surgiu um tempo, fastosa de mármores, a antiga cidade exaltada por Píndaro como belíssima entre as cidades mortais. (...) Os antigos diziam que os Akragantinos(...) construíam suas casas como se nunca tivessem de morrer (...) e das casas da cidade antiga, após tantas guerras e sete incêndios e saques, não resta mais vestígios. Surge no lugar delas um bosque de amêndoas e de oliveiras sarracenas, chamado por isso o Bosque da civita. E as espessas oliveiras acinzentadas avançam em teoria até abaixo das colunas dos Templos majestosas e parecendo implorar paz àquelas encostas abandonadas.⁷

Destacamos também o contraste entre ilusão e realidade, ou seja, entre o *capretto* de ontem e o *caprone* de hoje, que irá constituir o aspecto humorístico-filosófico do texto:

Mas o que aquela tolíssima Miss Ethel Holloway esperava? Esperava que, após cerca de onze meses da compra, lhe chegasse em Londres aquele mesmo cabrito negro que esperneava pequeno e reluzente, todo palpitante de timidez entre as colunas do antigo Templo grego na Sicilia? Possível? ⁸

Dessa forma, podemos distinguir a estrutura de contrastes da *novella*, que para nós se caracteriza na ilusão de que o tempo ficou estático ao ponto de deter o crescimento natural do *capretto*, que aos olhos britânicos e sonhadores da inglesinha deveria se manter eternamente pequenininho e gracioso.

Essa é uma das maneiras de mostrar pirandellianamente a ironia, que no texto, é vista de várias facetas. Analisando a "novela", sob o ponto de vista formal, vemos, em primeiro lugar, que a insistência em dar razão ao senhor Trockley, não é somente a crítica ao *modus pensandi* inglês em contraste com a irracionalidade de Miss Ethel Holloway, mas também um traço de ironia, marca típica das obras de Pirandello, utilizando, uma estrutura de enredo pobre, numa situação cômica, que, no caso, é a situação do cabritinho recém-nascido, mimoso e delicado que, ao crescer, se torna um cabrito horrível e pesado, além de sujo e fétido.

Boris Ejchenbaum no seu ensaio sobre O Capote de Gogol faz uma distinção entre dois tipos de "novela": aquela em que a trama tem uma im-

⁸ Texto original: "Ma che si aspettava dunque quella stupidissima Miss Ehtel Holloway? Si Aspettava che, a circa undici mesi dalla compera, le arrivasse a Londra quello stesso capretto nero che springava piccolo e lucido, tutto fremente di timidezza tra le colonne dell'antico Tempio greco in Sicilia? Possibile?" Ibidem, p. 253.

portância especial (tipo romance de aventuras) e aquela cuja importância não é da trama, mas sim dos jogos estilísticos como a ironia e o grotesco. (É o caso do *Il Capretto Nero*).

Como podemos constatar, o escritor siciliano usa várias formas de ironia na "novela" em questão, como vemos a seguir:

- O uso de uma estrutura simples, que é a mesma mecânica utilizada por Gogol no Capote, "novela" cuja estrutura denota uma aparência pobre, banal, mas que, sob uma visão mais aguçada, deixa transparecer uma circunstância cômica, repetindo a mesma situação no "capretto" que se tornou um "caprone". Estrutura análoga poderemos encontrar também em La Giara, com Zì Dima que se encerra com suas próprias mãos dentro do pote; em La Patente com Chiarchiaro que quer pedir ao juiz a patente de "azarento" ("pé-frio").
- 2 A mediação através do contrário, usada por Freud. É uma técnica expressiva própria do inconsciente. Em Il Capretto Nero, Pirandello procura dar razão ao senhor Trockley por bem sete vezes.
- 3 A utilização de hipérboles, no caso, com os vocábulos *giovanissima*, vivacissima, usados duas vezes em situações diferentes e capricciosissima com referência a Miss Ethel Holloway e ricchissimo e autorevolissimo com relação a seu pai, sr. W. H. Holloway.
- 4 A inserção repentina de uma palavra que dá a idéia de ironia, é o que Weinrich chama de "sinal de ironia": "...o senhor Trockley (...) não tem ainda no rosto de camarão cozido a mínima ruga..."

Na "novela" em questão Pirandello recorre a cinco estilos diferentes, para dar maior ênfase ao grotesco, como vemos:

1 Estilo romântico-sentimental (descritivo):

Atraída pela encantável plaga naquele mês toda florida pelo branco das amendoeiras até o cálido sopro do mar africano, pensou em deter-se mais de um dia no grande Hôtel des Temples che surge fora da íngreme e mísera cidadezinha de hoje, em ameníssimo lugar em campo aberto. 10

⁹ Texto original: "Il Signor Trockley (...) non ha ancora nel volto di gambero cotto la minima ruga..." Ibidem, p. 247.

¹⁰ Texto original: "Allettata dall'incantevole piaggia tutta in quel mese fiorita del bianco fiore del mandorli al caldo soffio del mare africano, pensò di fermarsi più d'un giorno nel grande Hôtel des Temples che sorge fuori dall'erta e misera cittaduzza d'oggi, nell'aperta campagna, in luogo amenissimo". Ibidem, p. 248.

2 Estilo cômico-realístico, é o que é definido por Bachtin de "baixo corpóreo", devido ao repentino abaixamento de tom:

Pouco comem agora, porque grande é a miséria ... 11

E também:

Ao final, um belo dia, o senhor Charles Trockley viu apresentar-se na sede do vice-consulado em Girgenti um horrível animal chifrudo, fétido, de velo desbotado, avermelhado, rasgado e todo encrustado de esterco e de lama, o qual, com roucos, profundos e trêmulos balidos, com a cabeça baixa, ameaçadoramente, parecia perguntar o que se queria dele, reduzido por necessidade das coisas àquele estado, num lugar tão estranho aos seus costumes. 12

3 Estilo épico-didascálico:

Há vinte e dois anos o senhor Charles Trockley é vice-cônsul da Inglaterra em Girgenti, e há vinte e dois anos, todos os dias, à hora do crepúsculo, dirige-se a pé, com seu passo elástico e medido, da cidade alta sobre a colina às ruínas dos Templos akragantinos. ¹³

4 Estilo romance de aventura:

Ontem o senhor Charles Trockley veio a minha casa para visitar-me em tais condições físicas e emocionais, que logo consternadíssimo, eu me apressei em ajudá-lo, mandando-o sentar-se, mandando buscar-lhe um copo d'água.¹⁴

Note-se aí um efeito cômico-grotesco causado pelo uso da hipérbole "consternadíssimo".

5 Estilo literatura de cordel:

A razão diz ao senhor Charles Trockley que eu e ele, feitas as contas, no dia quinze e no dia vinte e oito de junho do ano vindouro teremos um ano a mais, quer dizer quarenta e nove.

- 11 Texto original: "Poco ora mangiano, perché grande è la miseria..." Ibidem, p. 249.
- 12 Texto original: "Alla fine, un bel giorno, il signor Charles Trockley si vide presentare nella sede del vice-consolato in Girgenti un orribile bestione cornuto, fetido, dal vello stinto rossigno strappato e tutto incrostato di sterco e di mota, il quale, con rochi, profondi e tremuli belati, a testa bassa, minacciosamente, pareva domandasse che cosa si volesse da lui, ridotto per necessità di cose in quello stato, in un luogo così strano dalle sue consuetudini." Ibidem, p. 253.
- 13 Ver nota (4).
- 14 Texto original: "leri il signor Charles Trockley è venuto a trovarmi in casa in tali condizioni d'animo e di corpo, che subito costernatissimo, io mi son lanciato a sorreggerlo, a farlo sedere, a fargli recare un bicchier d'acqua." Ibidem, p. 254.

Dito isto, ouçam o que aconteceu recentemente ao senhor Charles Trockley e, tentem, se conseguirem, não lhe dar razão. 15

A ironia e o grotesco, portanto, são de extrema presença em *II Capretto Nero*. Lembremos, porém, que as técnicas estilísticas não são um fim, mas um meio, para que a "novela" seja vista em estilo obviamente grotesco.

Fechando o parêntese de caráter estrutural, voltemos ao cerne da nossa questão.

Na sua procura da verdade, Pirandello encontra do modo mais banal uma maneira de acentuar as diferenças culturais entre as duas civilizações: por um lado, a greco-romana e por outro, a anglo-saxônica.

O Sr. Trockley, com seu modo de raciocinar tão obtuso e rígido, não quer entender que Miss Ethel Holloway buscava apenas um sonho, uma fantasia, e que não importava que fosse o mesmo cabritinho, mas bastava que tivesse a mesma suavidade, a mesma graça, as mesmas características daquele cabrito que ela vira onze meses antes na Sicília, ao visitar o Vale dos Templos.

O que o Sr. Trockley não percebeu foi que a menina precisava continuar o sonho e a fantasia, sem a qual o artista não pode viver. Em suma, o que Pirandello quer nos insinuar é que não se pode ser demasiadamente racional, é sempre necessária uma certa parcela de irracionalidade para se ter uma obra de arte.

A tal propósito, lembramos as palavras de Panaiotis Michelis quando diz que o artista não se preocupa em "analisar com a inteligência o que o seu corpo lhe traz, não mais de quanto não seja capaz de escolher os dons da verdade secreta que a alma lhe traz na noite do inconsciente; ele faz sua própria escolha na duração de um relâmpago, e é a inspiração que a liberta...."16

Acreditamos, então, que Pirandello quisesse mostrar justamente a maleabilidade do artista perante a rigidez de certos conceitos estéreis, que a nada levam a não ser ao fato de se continuar estagnado perante a própria existência, pensando que a vida é unívoca e deixando o indivíduo preso dentro de uma moldura completamente estática, como num quadro, sem a possibilidade de se libertar para o momento seguinte, ou seja, para a evolução, pois, a vida se renova a cada instante.

¹⁵ Texto original: "La ragione dice al signor Charles Trockley che io e lui, a conti fatti, il quindici e il ventotto di giugno dell'anno venturo avremo un anno di più, vale a dire quarantanove. Premesso questo, udite che cosa è accaduto di recente al signor Charles Trockley e provatevi, se vi riesce, a dargli torto." Ibidem, p. 248.

¹⁶ Apud, GALEFFI, R.. Novos Ensaios de Estética, Salvador: Centro Editorial e Didático - UFBA, 1979, p. 158.

Bibliografia

DE CASTRIS, Arcangelo Leone. Storia di Pirandello,. Bari: Laterza, 1972.

EJCHENBAUM, Boris. Com'è fatto Il Cappotto di Gogol. In I formalisti russi. Torino, 1968.

FRYE, Nortrop. Anatomia della Critica. Traduzione di Paola Rosa-Clot e Sandro Stratta. Torino:

Einaudi, 1991.

GALEFFI, Romano. Novos Ensaios de Estética, Salvador: Centro Editorial e Didático - UFBA, 1979.

MARCHESE, Angelo. L'officina del racconto. Milano: Mondadori, 1983.

MAURON, Charles. Dalle metafore ossessive al mito personale. Trad. di Mario Picchi. Milano:

Garzanti, 1976.

ORLANDO, Francesco. Per una teoria freudiana della letteratura. Torino: Einaudi, 1991.

PIRANDELLO, L. Novelle. A cura di Giuseppe Morpurgo. Vicenza: Mondadori, 1985.

——, Novelle per un anno. Roma, Newton Compton, 1994.

——, L'Umorismo in Saggi, Poesie e scritti vari. Milano: Mondadori, 1960.

Filologia e literatura

Ildásio Tavares

Resumo

A dialética entre a Filologia e a Poesia/Literatura. A palavra e o domínio da palavra para poetizar. O conhecimento da língua e o manuseio da mesma. As relações textuais . A crítica textual. A história da palavra e a história da Literatura. A poesia como fonte filológica, como suporte de pesquisa, como elemento desvendado. Texto e contexto à luz da Filosofia e da Filologia. A Literatura como discurso gramatical, como lugar de fixação da língua. O Renascimento, a Literatura e o berço das línguas de cultura ocidentais mormente as românicas.

Falar das interações entre Filologia e Poesia é retomar um truísmo: tudo é literatura; tudo é letra. Os cultores da soi disant literatura oral, preocupados com a contradîctio in terminis que este conceito veicula, acharam por bem, em sua vã filosofia, de cunhar um extraordinariamente feio neologismo: oralatura. Sim, porque afora as sociedades ágrafas, nossa cultura ocidental oferece os documentos escritos de nossa tradição onde ambos (literatura com base) e (filologia) vão buscar subsídios. Verba volant scripta manent.

É na transcrição poética que vamos encontrar, logo de início, um arrimo para os estudos filológicos, pois, a preocupação dos poetas com uma eufonia mais ou menos regular na sua melopéia supre, às vezes, a ausência do gravador — certos fenômenos fonêmicos (e até fonéticos) foram detectados a partir da análise métrica ou do exame de padrões sonoros recorrentes como a rima, e em certas convenções métricas, como na escandinava, a aliteração a intervalos regulares. A presença ou não da ditongação do i em inglês pôde ser, além-Chaucer, determinada por padrões de rima em /ay/contra /iy/. Outrossim, o padrão rígido do pentâmetro iâmbico permitiu saber-se que sílabas gráficas hoje desaparecidas fonemicamente eram pronunciadas tão tardiamente quanto no período Elizabethano, via Shakespeare.

É que são os filólogos e os poetas caçadores de sons. Os vates recriando o popular para lhe dar um sentido erudito. Ora, agindo assim, o poeta está sempre criando uma língua abstrata e altamente hierarquizada, com tendência a sacralizar padrões analógicos bastantes rígidos. Destarte, ao criar, na prática, uma língua culta a partir de uma norma poética, os grandes bardos europeus assentaram as bases das línguas modernas, Dante, Petrarca, Bocaccio, Tasso, toscanizando a língua italiana a Pleiade, com

Ronsard em destaque, doilizando o francês, Camões, Antônio Ferreira, André de Resende relatinizando o galego — vejam bem que Gil Vicente escrevia em saiaguês, um dialeto do espanhol, e seu português não era culto. E o português verdadeiramente popular vai ser encontrado na **Peregrinação** de Fernão Mendes Pintos, e na **História Trágico-marítima**, ambos com baixo teor de relatinização — Pinto mesmo começa sua narrativa dizendo ser ela uma "ruda e tosca escritura" obviamente eximindo-se das tintas clássicas. Outro dado interessante da nossa língua, no século XVI, é que um dos mais famosos humanistas/cronistas, Damião de Gois declara taxativamente não saber escrever em português — o que deixou escrito nesta língua é um primor de barbarismo. Góis, como todo bom humanista, escrevia em Latim e, óbvio, olhava de cima para o barbaramente surgente **sermo lusus**.

A ausência quase total de manuscritos do latim vulgar, a incerteza que ainda reina quanto a sua prosódia só pode encontrar arrimo na literatura. A escrita, ao contrário do que pensam certos zoilos gráficos, não dá surgimento a uma nova língua. Ambos, o signo sonoro e o signo gráfico, constituem significantes que remetem para o mesmo significado. Claude Levy-Strauss diz que, quando o homem aprende a escrever perde algo de essencial e eu diria que é o poder ontofânico da palavra, ou seja, seu poder presentificador que hoje se diluíu. Nossos arcaicos contemporâneos podem-nos dar uma idéia, pois, maior e mais vertical do processo evolutivo de suas línguas. Vejam o lorubá. O falado e o cantado nos terreiros tem pelo menos cem anos. É intrigante a experiência de Pierre Verger levando Robelino de Xangô à Nigeria e fazendo-o cantar para os nigerianos. A princípio, eles desconheciam as canções e pouco as entendiam. Até que um deles lembrou-se de ter ouvido sua vó cantar uma canção semelhante. Foi a pedra da Rosetta. A avó conhecia a canção e sabia seu significado.

lorubá é uma língua polissintética e por isso, extremamente polissêmica. Posso até dizer que uma frase, até um nome, não se entende, se interpreta. Por isso, a fixidez do morfema na liturgia religiosa é importantissíma, para efeito presentificador. Contudo, a contigüidade fônica do português e iorubá tem aportuguesado muitas palavras e até canções. Novamente, o rítmo, a métrica ajudam a recompor as formas originárias. Língua é poesia, poesia é língua, ambas estratificando-se para a Linguagem e, como diria Heidegger, **Sprache ist Sein**. Portanto, caçando palavras, a Filologia e a Literatura abraçam duas faces do mesmo Ser. **Philologie ist Seinwissenschaft**, pois. Como a poesia. **Fratris in litteram**.

Eugenio Gomes e Arthur de Salles: Uma Amizade em Revista

Ivia Alves

Resumo

Exame dos ensaios de Eugênio Gomes e da correspondência que ele manteve com Arthur de Salles, especialmente no que se refere à influência do poeta sobre o crítico quanto aos autores ingleses.

A amizade entre dois autores é um fato comum, mas quando se trata de autores de gerações diferentes o fato se torna importante porque a troca intelectual sempre pende mais para um lado. No caso de Arthur de Salles e Eugenio Gomes a força intelectual do primeiro arrastou o segundo para um caminho diverso do que ele poderia trilhar, levando para o estudo dos escritores ingleses, o que não era comum na época em que viveram, mais ou menos, na década de vinte.

Tomarei como ponto de partida para falar da amizade entre dois escritores, cujos percursos intelectuais fizeram com que se afastassem, vários ensaios de Eugenio Gomes, como também algumas cartas trocadas. Precisamente, tomarei como suporte as informações retidas no discurso de agradecimento de Eugenio Gomes, proferido na Academia Brasileira de Letras, por ocasião do prêmio Machado de Assis, em 1949, e mais quatro ensaios publicados em periódicos do país e até então dispersos. São eles: "Um tradutor de Baudelaire" ("Macbeth em uma tradução brasileira" ("Autores & Livros", sendo uma republicação do mesmo ensaio, editado meses antes, no semanário de pequena circulação, **Dom Casmurro**), "Artur de Sales" ("Um pássaro de Shakespeare" além de encontrar apoio na biografia oficial do crítico baiano, escrita por Herman Lima para o livro **O enigma de Capitu.**, publicado como Introdução, em 1967.

Ao começar o estudo da produção crítica de Eugenio Gomes, observei que ele se conservava fiel aos seus primeiros amigos, embora já estivesse vivendo afastado da terra há vários anos e tivesse alcançado um lugar de destaque no cenário nacional das Letras.

¹ Jornal do Comércio, Rio de Janeiro 2.7.33

² Suplemento literário do jornal carioca A Manhã, em 12.12.43.

³ Folha Carioca, Rio de Janeiro, de 19.9.44

⁴ Correio da Manhã, Rio de Janeiro, de 29.4.51

Na sua crítica, Eugenio Gomes deu espaço para analisar a obra de escritores da geração de **Arco & Flexa**, como Godofredo Filho e Carvalho Filho. Da geração anterior, mais velha, preocupou-se em chamar atenção para a obra de dois dos seus três orientadores iniciais: Xavier Marques e Arthur de Salles.

Mais preocupado em analisar os procedimentos da ficção, o estudioso escreveu cerca de dez ensaios sobre Xavier Marques, porém não deixou de lado, principalmente, a tradução de **Macbeth**, realizada por Arthur de Salles, momento em que eles se conheceram.

Pela leitura dos referidos artigos, percebi que nos seus textos ele tratava o poeta baiano numa mescla de carinho e admiração. Mais tarde, constatei que estes sentimentos guardavam a lembrança dos três longos anos em que os dois viveram juntos. E para Eugenio Gomes foi um momento de rara iluminação porque ele testemunhava a gênese de uma tradução.

Mas vamos aos fatos:

Depois de cuidar do testamento do irmão, o que o levou a permanecer em Nazaré das Farinhas por mais de dois anos, Eugenio Gomes foi à procura de um emprego estável.

Estava com 25 anos e não havia concluído o ginásio e por conseqüência não tinha uma formatura. A única atividade que havia exercido até então fora a contabilidade da loja de seu pai, em Ipirá.

Por isso só encontrou lugar como guarda-livros da Usina Aliança, da família Mariani, em Santo Amaro da Purificação. Nas suas horas de folga, começou a fazer suas primeiras amizades intelectuais. Foi através delas que ele conseguiu comprar parte da biblioteca do barão de Viçosa. Neste acervo, basicamente formado de clássicos, entrou em contato com a obra de Shakespeare traduzidas para o francês, por Victor Hugo.

Este contato foi definitivo. Apaixonou-se pelo dramaturgo e como não sabia inglês, procurou aprendê-lo, para admirá-lo no original. Porém, era difícil encontrar professores em santo Amaro. Um amigo seu incentivou-o a começar a estudar sozinho. Foi por esse interesse que ele conheceu Arthur de Salles. Ambos tinham um amigo em comum, que os aproximou pelas afinidades por Shakespeare.

Por essa época, Arthur de Salles tinha 45 anos e ensinava português e francês no primário do Colégio Rural de Aprendizado Agrícola da Bahia (não tenho bem certeza se é este o nome), na Vila de São Francisco, no Recôncavo e vinha freqüentemente a Santo Amaro. Morava Salles na Vila, em um casarão, que fora construído para abrigar o seminário e naquele momento estava desabitado. O casarão ficava numa escarpa, de onde avistava-se o mar.

Os dois se conheceram na década de vinte. Arthur de Salles já era um poeta consagrado na Bahia e já havia, em 1920, reunido sua obra dispersa, às instâncias de amigos, para a publicação, que intitulou de **Poesias**.

Parece-me que Arthur de Salles foi uma figura carismática pelo carinho que despertou em todos que se ocuparam de sua vida ou de sua obra.

Recuperando seu perfil, Hélio Simões escreve: "Absorto por natureza, sem ser arredio, a profissão o obrigou a viver longe da capital, nas cercanias de cidades rurais onde tivesse um escola oficial agrícola. Poeta genial nas criações que ao longo da sua longa vida produziu, foi existencialmente poeta no desapego das cousas deste mundo, como perdido nas nuvens da sua fantasia, universo particular em que se movimentava com a liberdade que as grandes constituições autistas, como a sua, não sabem nem podem ter nos entrechoques e contaminações do quotidiano comunitário". 5

Da mesma maneira, Eugenio Gomes percebe o poeta. Sendo um crítico bastante contido em dar vazão às impressões e recordações, ele, no entanto, não deixa, nos textos sobre o poeta, de fazer menção a esta atmosfera meio mágica que cercou o convívio dos dois em Santo Amaro. Foi a admiração dos dois por Shakespeare que os levou a uma amizade profunda e em torno da peça. Daí, evocando seus encontros, o crítico se deixa levar pelas impressões:

"Lembro-me da efusão com que me falou sobre a peça que estava traduzindo. Pôr minha vez, eu acabara de absorver, aproveitando os vagares de um longo inverno, no recôncavo baiano, a obra do dramaturgo inglês, na tradução arrebatada de François-Victor Hugo. O vinho de Stratford-on- Avon tinha me subido também à cabeça e juntos deliramos por um pedaço da noite, a pé de uma janela dando para o rio Sergimirim, em cujas águas não nos teria espantado ver boiar naquela noite o corpo desfalecido de Ofélia". §

Pelo que se percebe, foi no momento em que se conheceram que Arthur de Salles estava traduzindo **Macbeth**. O crítico baiano não deixa de sinalizar, também, a orientação de Salles para a leitura dos ingleses. É através dele, que o ensaísta irá conhecer outros escritores e também iniciar-se nas primeiras discussões críticas.

Parece-me que seu encontro com Salles levou-o a definir a sua área de atuação no jornalismo e na literatura, pois envolvido com esses estudos, ele que já fazia versos e, naquela época, tentava a ficção, através do direci-

⁵ Obra poética de Artur de Sales. Salvador: SEC/ Ed. Mensageiro da Fé, 1973

⁶ Prata de casa. p.67

onamento de Salles passou a escrever resenhas. Direção mais coerente com seu tipo de inteligência que era analítica. Enfim, perdeu-se um poeta medíocre e ganhou-se um ótimo crítico literário.

Deixando de lado a criação, pela influência de Salles, Eugenio Gomes imergiu, junto com o amigo, na admiração da peça. Passavam todas as horas vagas em conversas sobre a obra e trechos da peça. Muitas vezes ficavam até altas horas e pelas ruas adormecidas, iam recitando as passagens eleitas de **Macbeth**.

As lembranças inundam os textos do crítico baiano, porém ele não se deixa apenas ocupar-se por ela, nos artigos sobre o poeta, pude verificar que o estudioso deu 3 direções aos seus trabalhos:

- 1. Lamentou o descaso da cidade com a cultura;
- Decorrente dessa situação, o escritor tem pouca divulgação e não chega a ser conhecido nacionalmente, como também, excetuando-se as editoras oficiais, poucas pessoas se interessam em investir em editoras;
 - 3. A campanha para que fosse publicada a tradução de Macbeth.

Quanto ao descaso da Bahia com seus intelectuais, Eugenio Gomes sempre mostrou esta face da cidade, inclusive ele próprio experimentou esta provação. Por isso, no momento em que teve chance de sair, imigrou para o Rio, em 1940. Mas em texto de 1938, dando notícia sobre a tradução de poemas de Baudelaire por Feliz Pacheco, aproveita o espaço para informar que anteriormente, já, em 1917, Álvaro Reis havia traduzido, porém tal informação não circulou nacionalmente. E continua:

Além do infortúnio que pesou sobre a sua vida, Álvaro Reis corre a sorte comum aos homens de letras que vivem e se editam na província: a sua obra é inteiramente desconhecida fora da Bahia. (Jornal do Comércio)

A mesma situação ocorreu com Arthur de Salles, pois, embora considerado pelo consenso geral o maior poeta contemporâneo da Bahia, suas obras não encontram repercussão nacional. O crítico considera uma grande injustiça e comenta, em texto de 1942:

Quase desconhecido nacionalmente, apesar de já ter um nome respeitado na Bahia, o poeta não encontra casa editora para publicar os seus livros.

A situação sempre indigna Eugenio Gomes, que, àquela altura, vivendo no Rio e atuando na crítica, tinha condições de avaliar as obras de Salles. Percebe-se que sua atitude advém muito mais da sua atuação nas Letras do que de uma possível troca de favores entre escritores, ou de possíveis "igrejinhas" locais, fato corriqueiro no cenário intelectual brasileiro. Eugenio Gomes não gostava de "igrejinhas", nem de promover alguém apenas por gentileza ou favor recebido. Preferia silenciar a se comprometer intelectualmente. Uma sinalização em direção a sua atitude intelectual é o fato de ser grande amigo de Chiacchio e nunca ter dedicado um único ensaio à sua obra.

O segundo motivo de seus artigos é refletir o ambiente baiano, sempre com as marcas de um ambiente acanhado, voltado para as glórias do passado, sem conseguir perceber o presente e não divulgar seus atuais escritores. Isto vem a propósito da publicação de *Sangue Mau*, obra gerada pela atmosfera de **Macbeth**, também por volta de 1925. A restrição contundente à maneira de tratar a obra literária expõe-se no artigo de 1944:

A 1a. impressão de "Sangue mau", foi realizada pela Imprensa Oficial do Estado, mas segundo o texto de Eugenio Gomes com apresentação gráfica de um relatório de repartição pública. E mesmo a 2a. Edição, saída em 1936, não lhe deu (...) vestidura condigna.⁷

Pior ainda, comenta o crítico, é que tais edições, tinham pequena tiragem e difícil circulação, fato que restringia o poeta aos limites do estado. Dessa maneira, tornava-se difícil um autor, sem respaldo de crítica externa a Salvador, sair em busca de uma casa editora na capital do país.

O interesse de Eugenio Gomes pela publicação da tradução de *Macbeth*, realizada sua primeira versão, entre os anos de 1922 e 1925, tornou-se um motivo de campanha. Determinado a promover uma edição, ao analisar outras traduções de Shakespeare, Eugenio Gomes teve a certeza de que a versão de Salles era melhor do que as versões correntes. Com a intenção de conseguir uma editora para vê-la publicada, escreve para o periódico **Dom Casmurro**, um ensaio sobre a gênese da tradução como uma maneira de inserir Sales no meio intelectual do país. Assim é que o seu texto apresenta, inicialmente, sua relação com o poeta, o seu testemunho durante a execução da árdua tarefa, como também acrescenta notícias sobre o momento da criação:

A atmosfera de melancolia e dor não era só da peça, pois naquela altura da vida Salles havia perdido um filho. Sales andava esmagado pela amargura da perda recente de um filho, quando lhe ocorreu a idéia de traduzir aquela peça.⁸

⁷ Prata de casa. p. 68

⁸ Prata de casa. p.66

Ainda envolvido pelo luto do filho, Salles resolve traduzir a peça de Shakespeare. Provavelmente, para enfatizar a simbiose realizada entre a experiência vivenciada e a atmosfera do texto, Eugenio Gomes procura relembrar o momento. Também, não se deve deixar de lado, para desviar qualquer desconfiança de que o poeta tivesse tratado o tema com certa inconseqüência.

Poucas traduções já se fizeram em circunstâncias tão curiosas. Sallles morava na vila de S. Francisco, quando a iniciou. Lecionava, a pequena distância, numa escola agrícola, cuja sede era um velho convento já sem frades, incrustado no platô de abrupto monte rodeado de águas. Ali, por vezes, o poeta pernoitava. Fechado, de noite, numa cela do convento quase deserto, com a peça de Shakespeare sob os olhos, Sales via a sua solidão povoar-se constantemente de sombras trágicas. As feiticeiras com seus misteriosos esconjuros; o velho rei ferido de morte em pleno sono; Lady Macbeth fazendo a sua terrível invocação às potências da turva ou, sonâmbula, a agitar sua pequena e branca mão que imagina manchada de sangue; Macbeth vendo diante de si punhais imaginários ou empunhando aquele com que golpeou o velho Duncan; o Porteiro com os seus resmungos, o assassino, o corvo a crocitar sinistramente, o estridor das batalhas, a floresta em marcha, tudo isso havia de baixar à cela silenciosa em que o poeta trabalhava ou meditava, integrado naquele tenebroso mundo.

Por fim, o mundo shakespeariano passara a ser quase o mundo real de Sales. Ele falava, por exemplo, sobre as feiticeiras que vaticinaram a ascensão de Macbeth tão naturalmente como se estivesse aludindo às bruxas da macumba local.

Sem meios para imitar o luxo enorme de Maeterlink fazendo representar a tragédia para alguns eleitos numa basílica medieval, pôde ele contudo traduzi-la num ambiente propício.⁹

A obra de Salles, até então, tinha sido fortemente marcada por temas rurais e marinhistas, mas sempre criava uma leve atmosfera, rica em sons, cores para despertar impressões em seus leitores. A passagem dessa poesia lírica para a tradução de uma peça dramática poderia despertar suspeitas sobre o tradutor se ele tinha dado conta da atmosfera dramática contida no texto. Por isso, o crítico ainda invoca seu testemunho para legitimar a validade do trabalho:

Alguns anos depois, na capital, Salles leu-me a sua tradução. Acompa-

^{9 &}quot;Artur de Sales" in Prata de casa, 67.

nhei toda a leitura com os olhos no original e assim pude apreciar as excelências desse trabalho.

No artigo de apresentação de Arthur de Salles, no **Dom Casmurro**, conclui:

Por sua fortuna, dispôs para esse trabalho, dentre outras, de uma edição da obra de Shakespeare dirigida por Sidney Lee.¹⁰

E vitorioso, consegue noticiar a inclusão do fragmentos da tradução do poeta, no mesmo número de:

Dom Casmurro divulga em primeira mão, neste número, uma das mais belas passagens da tradução de Artur de Sales É a cena do segundo ato, que fixa o momento culminante da tragédia através do célebre diálogo entre Macbeth e a mulher, após o assassinato do velho Duncan.

Conquanto metrificada, essa interpretação é muito fiel ao texto original. Sales levou a sua fidelidade até a audácia de vernaculizar 'multitudinous' termo que conforma L.A. Martin, tem sido o pesadelo dos comentadores de Shakespeare.

É derivado do latim - 'multitudo-inis', e Salles incorporou à sua tradução com a mesma grafia do castelhano: 'multitudinoso'. Não me consta que tenha sido empregado anteriormente em nossa língua.

Esse pormenor mostra a valia de sua tradução. Inexplicavelmente, ainda inédita.

Portanto, quando enfim em 1948, a tradução, muito provavelmente pelo seu intermédio, foi incluída no volume X da edição Jackson, seu tradutor já havia sido legitimado e alçado ao mesmo patamar dos tradutores do sul.

Acabava assim a missão de Eugenio Gomes - elevar o poeta municipal ao âmbito nacional.

^{10 &}quot;Macbeth - em uma tradução brasileira". AUTLIV, A Manhã: 12.12.43, p. 295, 299 e em DCASMURRO.

all relations controls offices no original elassim pode approving as obtained as a second decision of the control of the contr

Nu aniquiste apresentante da jensur se Sulica, no **Dom Comunto** onoica

They can be a second of the se

aspersing an important on the vertical standard subjection regions. It is also also an indicate the

confributions of the confidence of the confidenc

end against a friends to a source of the special residence of the second to the second

The period of th

Protesto, lizando est aj em 1944, a resultaro entito provisorio della provisoria della prov

Aparticular and a second of the second of th

one is the 12th of 4 to 1. Indicate a column whether the property of the contract of the contr

Amor e morte na poesia do poeta provençal Jaufré Rudel

Maria Luigia Magnavita Galeffi

Resumo

Aspectos do amor cortês da poesia trovadoresca provençal visualizados através da obra de Jaufré Rudel. Após o exame da sua "biografia", são traduzidas algumas das suas canções e analisada a sua poética.

Na corte de Guilherme IX de Aquitânia, protetor de artistas e poeta ele mesmo, surgiu, por obra do Visconde de Ventadorn, Ebolo II, cujos versos não chegaram até nós, o modo gentil de poetar, e ele é apontado como o criador do amor cortês da grande tradição trobadórica que inicia a história literária da nova Europa.

Este movimento poético desenvolve os temas do amor como servidão à mulher e da cortesia refinada que é um novo ideal de vida.

Os primeiros trobadores são homens de corte, e as cortes são requintados ambientes culturais, uma verdadeira escola de vida e de educação.

Nela é exaltado o amor fino, leal, que está acima dos vínculos conjugais e de toda relação social. Domina o sentimento espiritual que se coloca numa esfera muito mais elevada do que o mundo da matéria e dos sentidos. Mas poetas como Marcabru, ao lado desta maneira gentil de cantar a mulher, concebem a poesia como um *trobar clus*, querendo demonstrar que é só para os "iniciados", uma espécie de arte "hermética" de difícil compreensão, seguida por muitos de seus continuadores. Ele cria a língua, os metros, palavras compostas, usa palavras raras, arcaicas, esquecidas. Um de seus seguidores, Bernart Marti, declara que a sua arte consiste sobretudo em *entrebescar les motz* e quer significar a composição elaborada da frase e do período.

Resta, porém, em alguns trobadores o gosto do verso suave e formoso, o verso de amor.

Entre estes, escolhemos Jaufré Rudel (séc. XII), do qual um anônimo escreveu uma breve e singela biografia, a chamada "biografia provençal", dos primórdios do séc. XIII e que assim começa:

Jaufrés Rudels de Blaia si fo mouts gentils om, princes de Blaia; et enamoret se de la comtessa de Tripol ses vezer, per lo ben qu'el n'auzi dire als pelegrins que venguen d'Antiochia; e fez de lieis mains vers...e per voluntat de lleis vezer, el se crozet e mos se en mar; e pres lo malautia en la nau... E fo fait a saber a la comtessa; e ella venc ad el al sieu leit, pres lo entre sos bratz...

Tradução: 'Jaufré Rudel de Blaia foi pessoa muito nobre, príncipe de Blaia, apaixonou-se pela condessa de Trípoli, sem tê-la visto, pelo bem que ele ouviu dizer dela pelos peregrinos que vinham de Antioquia; e compôs para ela várias canções... e pelo desejo de vê-la tornou-se cruzado e embarcou; e adoeceu no navio... Disto foi dada notícia à condessa e ela veio a ele, até seu leito e o apertou entre seus braços...'

Esta pequena biografia e bem poucas outras notícias dele chegaram até nós. Marcabru lhe dedicou uma canção em torno de 1148.

O tema que o distingue dos outros trobadores é o do *amor de lonh* 'amor longínquo'.

A razão poética (razo em si) que se encontra nas seis canções que de Jaufré Rudel nos ficaram, nos mostram profundas revelações afetivas que têm como centro a imagem lírica de um amor por uma mulher nunca vista, mas sonhada e contemplada pela sua alma que suspira:

Amors de terra lonhdana — per vos totz lo cors mi dol! 'Amor de terra longínqua, por vós todo o coraçaão me doi!'

Ouviu falar nela por cruzados vindos do Oriente, como acena a "biografia provençal". Todo seu ser, por uma misteriosa força, sentiu que pertencia a ela para sempre... Ele confessa que está realmente apaixonado. A própria natureza lhe lembra em tudo (canto das aves, murmúrio dos rios, o passar da brisa na folhagem) a amada e nela pensa como bondade que vem suavizar o seu sofrimento. Uma atmosfera de sonho e de realidade envolve a poesia do príncipe de Blaia.

Na primeira canção, das seis que se conhecem, e que é por alguns considerada a sua "Poética" ele assim se expressa:

Non sap chantar qui .l so non di Ni vers trobar qui. ls motz non fa Ni conois de rima co.s va Si razo non enten em si.

Mas los mieus chans comen'ainsi: Com plus l'auziretz, mais valra. 'Não sabe cantar quem não traduz em som a melodia - nem faz versos quem não consegue organizar em estrofes suas palavras nem conhece a essência das rimas quem não entende o motivo em si próprio. Mas o meu canto começa assim: quanto mais o orvirdes mais terá valor.'

Revela então o segredo de sua alma:

Nulhs hom no.s meravilh de mi, s'ieu am so que ja no.r veira Que .l cor joi d'autr'amor non ha mas de cela qu'ieu anc non vi; ni per nulh joi aitan non ri, e non sai quals bes m'en venra 'Ninguém se admire de mim se eu amo alguém que nunca verei; pois meu coração não tem alegria por outro amor se não por aquela que eu nunca vi; nem de outra alegria tanto se alegra, e eu não sei que bem a mim virá.'

Sim, ele ama uma mulher que nunca viu e sabe que a saudade deste bem longínquo o fará sofrer, embora se apresente a seu pensamento como a alegria. Mas é uma alegria estranha que se confunde com a dor e com a morte. Alegria que fere cruelmente provocando um estado de sofrimento nunca experimentado antes:

Colps de joi me fer, que m'ausi, et ponha d'amor, que . m sostra la carn, den le cors magrira; et an mais tan greu no'm feri ni por nulhs colp tan son langui, que no cove ni no s'esca. 'Um golpe de alegria me fere tal que me mata, e me consome o corpo e o coração, e me fará emagrecer; e nunca fui tão cruelmente ferido, e por nunhum outro golpe eu tanto sofri, porque isto não deve nem pode acontecer.'

Suas queixas suaves revelam a profundeza de seus sentimentos. Embora nunca vista, a mulher amada dá o rumo à sua vida. A alegria do amor é, no fundo, uma dolorosa ferida que o fez definhar e é o maior dos seus males.

Na canção seguinte ele quer mostrar que se a natureza faz ouvir sua harmonia e o rouxinol modula seus gorgeios, é justo que também o seu canto poético e amoroso ressoe:

Quan los rius de la fontana s'esclarzis, si cum far sol, e pars la flors aiglentina, e .l rossinholetz el ram volf e refranh et aplans son doutz chantar et afina Dreitz es qu'ieu lo mieu refranha: "Amors de terra lonhdana Per vos totz lo cors mi dol! 'Pois que a água nascente se foi clara, como de costume, e florece a rosa selvagem, e o rouxinol entre os ramos modula seus gorgeios e espande seu canto suave em trinados, é justo que eu module o meu: "Amor, de terra longínqua por vós, todo o coração me doi!"

Seu amor é pela mulher nunca vista que está numa terra bem distante. E a dor por não poder vê-la é tão grande que ele reconhece:

E no.n puosc trobar meizina si non vau al sieu reclam ab atraich d'amor doussena, 'E não posso achar outro remédio senão o de seguir seu convite atrás do encanto de um doce amor, diaz vergier o sotz cortina, a desirada companha.

num jardim ou sob um dossel, com a desejada companheira.

Ele procura nos dar o motivo dessa sua paixão à distância:

Pus totz jorns m'en falh aizina no.m meravilh s'ieu n'aflam, quer anc penser Crestiana non fo, ni Dious non la vol Juzeva ni Sarrazina.

'Pois que todo dia me falta a possibilidade (de vê-la) não me admiro de sentir-me inflamado, de fato nunca houve - nem Deus o quer uma mulher mais bela entre todas as mulheres cristãs, judias ou sarracenas.'

E acrescenta convencido:

Ben es selh pagutz de mans, qui ren de s'am,or gazanha!

'É verdadeiramente bem-aventurado quem conquista para si um pouco do seu amor!'

Repete então o conceito fundamental de seus versos:

De dezir mos cors non fina vas celha ren qu'ieu plus am...

'Incessantemente meu coração se dirige para a coisa que eu mais amo...'

E conclui a sua experiência amorosa tão diferente das outras:

Que plus es ponhens qu'espina la dolors que ab joi sana;

'Fere mais do que um espinho a dor que a alegria cura; don ja non vuolh qu'om m'en planha pelo que não quero que ninguém disto me lastime'

Nas outras canções retorna sempre o suspiro pelo amor que está longe, que o faz caminhar pensativo, cabisbaixo; ele não sente mais a alegria pelo canto das aves e pelas flores do espinheiro-alvar. É tomado pelo pessimismo e exclama:

Jamais d'amor no'm jauziray si no.m jeu d'est'amor de lonh que gensor ni melhor no'n sai ves nulha part, ni pres ni lonh;

'Nunca terei alegria de amor se eu não tiver gozo deste amor de longe pois não sei encontrar outro melhor e mais belo em nenhuma parte nem perto nem longe;'

E almeja ardentemente:

Dieus que fetz tot quant vo ni vai e formet cest'amor de lonh mi don poder, que cor ieu n'ai qu'ieu veya cest'amor de lonh...

'Deus que fez tudo que vem e vai e criou este amor longínquo me conceda, pois que é o meu desejo, que eu veja este amor longínquo...'

Na verdade, este seu desejo se realizou, Deus escutou sua prece, mas quando viu a mulher dos seus sonhos, a morte o arrebatou.

Os dados históricos desmentem alguns fatos, mas não tiram a beleza poética desta belíssima lenda.

Petrarca em sua obra *l Trionfi* e exatamente no *Trionfo dell'Amore* nos fala de Jaufré Rudel como aquele que *usò la vela e il remo a cercar la sua morte* ('Usou a vela e o remo para procurar sua morte'). Inspiraram-se no mesmo tema dois poetas alemães, Ludwig Uhland e Heinrich Heine, o poeta francês Rostand, o poeta italiano Giosuè Carducci que no seu livro de poesias *Rime e Ritmi* nos brinda com a balada romântica *Jaufré Rudel*. Apresentamos por inteiro este poema que nos faz reviver as vicissitudes do poeta que amou *ses vezer* a linda condessa de Trípoli e a pôde contemplar só alguns momentos antes de morrer em seus braços. Eis a poesia por nós traduzida:

JAUFRÉ RUDEL

Dal Libano trema e rosseggia Su 'I mare la fresca mattina: Di Cipri avanzando veleggi la nave crociata latina.

A poppa di febbre snellante Sta il prence di Blaia, Rudello, E cerca co 'I guardo natante Di Tripoli in alto il castello.

In vista a la spiaggia asiana Risuona la nota canzone: "Amore di terra lontana, Per voi tutto il core mi duol".

Il volo d'un grigio alcione Prosegue la dolce querela, E sovra la candida vela S'affligge i nuvoli il sol.

La nave ammaina, posando Nel placido porto. Discende La via per al colle egli prende.

Velato di funebre benda Lo scudo di Blaia ha con sé: Affretta al castel: - Melisenda Contessa di Tripoli ov'è?

lo vengo messaggio d'amore, lo vengo messaggio di morte: Messaggio vengo io del signore Di Blaia, Giaufredo Rudel.

Notizie di voi gli fûr porte, V'amò non veduta: Do Líbano, rubra, trêmula a fresca manhã sobre o mar: a nave cruzada regula seu rumo, de Chipre a singrar.

Na popa, de febre ofegante 'stá o príncipe blaio, Rudelo, procura com olho vagante de Trípoli o alto castelo.

Em frente da Ásia às areias ressoa sua nota canção: "Amor tão longínquo, as veias apertas do meu coração".

O vôo de cinza gaivota prolonga a queixa suave e sobre a alva vela da nave o sol triste encobre sua rota.

A nau desce a vela, ancorando no plácido porto. E salta sozinho, pensando, Bertrando e toma o caminho da alta colina, co' escudo de venda funérea coberto e se apressa, pergunta: - Onde está Melisenda de Trípoli a nobre condessa?

Eu trago mensagem de amor, eu trago mensagem de morte: me envia meu amo, senhor de Blaia, Giaufredo Rudel.

Notícias de vós em sua corte

Ei viene e si muor. Vi saluta Signora, il poeta fedel. -

La dama guardò lo scudiero
a lungo, pensosa in sembianti,
Poi surse, adombrò d'un vel nero
La faccia con gli occhi stellanti:
- Scudier, - disse rapida - andiamo.
Ov'è che Giaufredo si muore?
Il primo al fedele rechiamo
e l'ultimo motto d'amore

Giacea sotto un bel padiglione Giaufredo al cospetto del mare: In nota gentil di canzone Levava il supremo desir.

- Signor che volesti creare per me questo amore lontano, Deh fa che a la dolce sua mano Commetta l'estremo respir! -

Intanto co'l fido Bertrando veniva la donna invocata; E l'ultima nota ascoltando Pietosa risté su l'entrata

Ma presto con mano tremante il velo gittando, scoprì la faccia; ed al misero amante - Giaufredo, - ella disse - son qui. - Voltossi, levossi co'l petto

Voltossi, levossi co'l peti sui folti tappeti il signore; E fiso al bellissimo aspetto con lungo sospiro guardò.

- Son questi i begli occhi che amore pensando promisemi un giorno? È questa la fronte onde intorno il vago mio sogno volò? -

Sì come a la notte di maggio la luna da i nuvoli fuora diffonde il suo candido raggio su 'l mondo che vegeta e odora,

Tal quella serena bellezza apparve al rapito amatore, un'alta divina dolcezza stillando al morente nel cuore.

- Contessa, che è mai la vita?

levaram, sem ver vos amou, senhora o poeta fiel, e agora morrendo chegou. - A dama olhou o escudeiro bastante, com rosto piedoso: depois levantou, o mensageiro seguiu, co' o semblante formoso cobriu com véu negro, e indagou: - Stá onde o fiel seu senhor? Levar-lhe a primeira eu vou e última frase de amor. -

Num belo dossel recostado Jaufré bem na frente do mar, em doce canção elevado dizia seu grande desejo.

- Senhor que quiseste criar de longe este amor ilusão, fazei que à doce sua mão entregue meu último ensejo! -

No entanto co'o bravo Bertrando chegava a mulher invocada, a última nota escutando piedosa parou na entrada.

Mas logo com mão tremulante o véu retirando mostrou... o rosto e ao mísero amante Jaufré - ela disse - aqui estou. -

Voltou-se e já quase erecto no espesso tapete o senhor; fixando o belíssimo aspecto com longo suspiro o olhou.

 São estes os olhos que amor pensando um dia prometeu?
 é esta a testa em que eu
 e o vago meu sonho voou? -

Assim como em noite de maio a lua saindo dos cumes espalha o seu cândido raio no mundo de flor e perfumes,

Aquela real formosura se mostra ao extasiado amador: profunda e divina doçura desceu no enfermo senhor.

- Condessa, o que é a vida?

È l'ombra d'un sogno fuggente. La favola breve è finita, il vero immortale è l'amor.

Aprite le braccia al dolente. Vi aspetto al novissimo bando. Ed or, Melisenda, accomando a un bacio lo spirto che muor. -

La donna sul pallido amante chinossi recandolo al seno, Tre volte la bocca tremante co'l bacio d'amore baciò,

E il sole da 'l cielo sereno calando ridente nell'onda l'effusa di lei chioma bionda su 'l morto poeta irraggiò. É sombra que foge de um sonho. A fábula breve é vivida, Só é imortal o amor.

Os braços abri ao tristonho. verei-vos no último dia. Um beijo de vossa alma pia vos peço ao morrer, com fervor. -

A jovem ao pálido amante dobrou-se levando-o ao seio, três vezes a boca ofegante com beijo de amor lhe beijou,

Do límpido céu o sol veio alegre no mar descambando, o louro cabelo incendiando no morto poeta irradiou.



Impresso na Gráfica da Universidade Federal da Bahia, rua Barão de Geremoabo s/nº, Campus Universitário da Federação, Ondina - CEP: 40170-290, Salvador-Bahia. Tel.: (071) 245-9564/Fax: (071) 235-8991

